

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE CAMPO MOURÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA PÚBLICA
NÍVEL DE MESTRADO**

CAROLINA OLIVA RODRIGUES DE OLIVEIRA

**DAS ALEGORIAS AOS MOSAICOS: EXPERIÊNCIAS VIVIDAS PELAS
PROFESSORAS NA PANDEMIA DO COVID-19**

**CAMPO MOURÃO – PR
2023**

CAROLINA OLIVA RODRIGUES DE OLIVEIRA

**DAS ALEGORIAS AOS MOSAICOS: EXPERIÊNCIAS VIVIDAS PELAS
PROFESSORAS NA PANDEMIA DO COVID-19**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Pública – PPGHP, nível Mestrado, da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Linha de pesquisa: Memórias e espaços de formação

Área de Concentração: História Pública

Orientador(a): Dr(a). Cyntia Simioni França

**CAMPO MOURÃO – PR
2023**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNESPAR e Núcleo de Tecnologia de Informação da UNESPAR, com Créditos para o ICMC/USP dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Oliva Rodrigues de Oliveira, Carolina
DAS ALEGORIAS AOS MOSAICOS: EXPERIÊNCIAS VIVIDAS
PELAS PROFESSORAS NA PANDEMIA DO COVID-19 /
Carolina Oliva Rodrigues de Oliveira. -- Campo
Mourão-PR, 2023.
143 f.

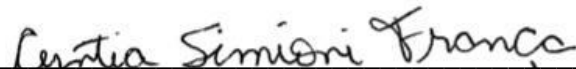
Orientador: Cyntia Simioni França.
Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação
Mestrado em História Pública) -- Universidade
Estadual do Paraná, 2023.

1. Pandemia. 2. Covid. 3. Educação. 4. Formação.
5. Professores. I - Simioni França, Cyntia (orient).
II - Título.

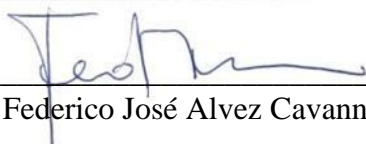
CAROLINA OLIVA RODRIGUES DE OLIVEIRA

**DAS ALEGORIAS AOS MOSAICOS: EXPERIÊNCIAS VIVIDAS PELAS
PROFESSORAS NA PANDEMIA DO COVID-19**

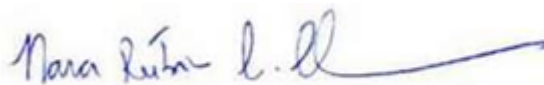
BANCA EXAMINADORA



Dra. Cynthia Simioni França (orientadora) – Programa de Pós-Graduação em História Pública/Universidade Estadual do Paraná – Unespar



Dr. Federico José Alvez Cavanna – Universidade Estadual do Paraná – Unespar



Dra. Nara Rubia de Carvalho Cunha – Universidade Federal de Uberlândia – UFU

Data de Aprovação

28/04/2023

Campo Mourão – PR

AGRADECIMENTOS

Quero dar meus agradecimentos às pessoas que fizeram parte da produção desta dissertação durante o período pandêmico da covid-19. Gostaria de agradecer primeiramente a minha família, minha mãe Luisa e meu pai Reinaldo, meus irmãos Eduardo e Reinaldo Jr., que foram meu suporte emocional, não me deixaram desistir e adicionaram leveza aos dias que se arrastavam e não sabíamos se um dia retornaríamos ao restabelecimento da vida que conhecíamos como normal.

Para Andressa Costa, que sustentou meu lado mais sensível e soube lidar com meus momentos obscuros e de baixa produtividade, escutou todos meus desabafos, cansaços e sempre me recebeu com sorrisos e palavras de conforto.

A minha orientadora Cyntia Simioni, primeiramente, por ter parado para ouvir e entender o que eu procurava no curso de história, apresentar as leituras que mudaram minha vida para sempre, e depois me mostrar como poderia continuar meus interesses após a graduação. Hoje encerramos um ciclo que começamos juntas trocando muitas experiências e não posso nunca deixar de agradecer por isso.

Gostaria de agradecer também aos meus professores e aos funcionários da PPGHP, que dão qualidade, valor, organização e sensação de acolhimento e grandeza, à um programa tão necessário para a formação daqueles que buscam a disseminação pública da história.

Agradeço também ao apoio financeiro dado pela CAPES, financiadora da minha bolsa, tornando possível minha dedicação total a este trabalho.

Aos meus colegas de grupo de pesquisa Odisseia, por fazerem de nossa junção algo tão produtivo e enriquecedor, ao qual, o conhecimento circula e ganha incentivo para o compartilhar. Além disso, agradecer ao grupo Mosaicos, que durante a pandemia nos tornamos um só um grupo, dividindo pensamentos, ideias, trabalhos e percepções.

Agradeço a minha banca examinadora: Nara Rubia de Carvalho Cunha e Federico José Alvez Cavanna, pela leitura tão sensível e comprometida, compartilhando seus conhecimentos, apresentando questões instigantes e poesias que traduziam muitos sentidos estabelecidos nesse texto.

E agradeço às professoras: Rosalina, Maia, Flor de Lua, Sil Oliveira. Estas que ouviram a ideia de espaço de formação se disponibilizaram e fizeram de suas experiências algo palpável para que tenhamos contato com vidas reais sendo vividas em tempos de pandemia. Trazendo formas, rostos, vozes, cheiros, tempos entrecruzados e se tornando referências vivas deste momento histórico do qual ainda não nos recuperamos.

RESUMO

OLIVEIRA, Carolina. Das alegorias aos mosaicos: experiências vividas pelas professoras na pandemia do covid-19. 147f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em História Pública – Mestrado. Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão. Campo Mourão, 2022.

Nesta dissertação focalizo a formação docente continuada considerando a articulação entre formação e experiências vividas e tomando a pandemia, memórias e linguagens como meios de produção de conhecimento-histórico educacional. Apresento, assim, um olhar sensível as questões que engendram o cotidiano e denominam as ações do dia a dia das professoras. Perante essas múltiplas faces, debruço-me sobre o período pandêmico, para refletir as ressignificações possíveis das narrativas para produção de conhecimento histórico, a partir das experiências dos sujeitos e suas formas de expressão. Para isso, apresento uma pesquisa protagonizada com professoras de História da Educação Básica, das escolas públicas de Campo Mourão, no interior do estado do Paraná, desenvolvida em parceria com o Laboratório do Ensino de História, na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), na mesma cidade, no período de maio de 2022 a agosto de 2022. A pesquisa tem como base os referenciais teórico-metodológico do filósofo alemão Walter Benjamin, assumindo as mônadas como possibilidade de apresentar de forma fragmentária as memórias docentes vividas na pandemia no diálogo com a sua singularidade espaço-temporal na relação com a cultura mais ampla (macro-história).

Palavras-chave: Memória; Pandemia; História Pública.

ABSTRACT

In this dissertation, I focus on continuing teacher education, considering the articulation between training and lived experiences and taking the period of the covid 19 pandemic, memories and languages as forms of production of educational historical knowledge. I therefore present a sensitive look at the issues that engender everyday life and name the day-to-day actions of teachers. Faced with these multiple faces, I focus on the pandemic period, to reflect on the possible redefinitions of narratives for the production of historical knowledge, based on the experiences of the subjects and their forms of expression. For this, I present a survey carried out with History teachers of the Basic Education, from public schools in Campo Mourão, in the heartland of the state of Paraná, developed in partnership with the Laboratory of History Teaching, at the State University of Paraná (UNESPAR), in the same city, from May 2022 to August 2022. The research is based on the theoretical-methodological references of the German philosopher Walter Benjamin, assuming the monads as a possibility of presenting, in a fragmentary way, the teaching memories lived in the pandemic in dialogue with their space-time uniqueness in relation to the broader culture (macro -history).

Keywords: Memory; Pandemic; Public History.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

- Fotografia 1 – Caderno de campo da profª Maia p.15**
Fotografia 2 - Caderno de campo da profª Maia p.30
Fotografia 3 - Foto tirada do grupo de formação de professoras “Mosaicos”p. 36

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Jeremy Olson's Geometric Paintings	p. 12
Figura 2 - Recriação da obra Galatea das esferas	p. 26
Figura 3 - Caderno da professora Maia	p. 44
Figura 4 - Obra de arte: Cisnes refletindo elefantes, de Salvador Dalí	p. 86
Figura 5 - Obra de arte: : a persistência da memória, de Salvador Dalí	p. 91
Figura 6 - Obra de arte: Saturno devorando o filho, de Francisco de Goya	p. 98
Figura 7 - Obra de arte: A Pequena Babá, de Khariton Platonov	p. 107
Figura 8 - Obra de arte: Hipocrisia da fome, de Luís Duro	p. 116

SUMÁRIO

MEMORIAL	p. 11
INTRODUÇÃO: OLHARES PRIMEVOS	p. 15
CAPÍTULO 1: COMPOSIÇÃO DO MOSAICO	p. 26
1.1 PEQUENOS FRAGMENTOS DAS HISTÓRIAS DE VIDA DAS PROFESSORAS .	p. 29
1.2 VIDAS DAS PROFESSORAS NA PANDEMIA IMPORTAM	p. 32
1.3 MOSAICOS COMEÇAM A SER CONSTRUÍDOS	p. 35
1.4 ESPAÇO PÚBLICO DE ATUAÇÃO DAS PROFESSORAS	p. 42
CAPÍTULO 2: PELA CULTURA DA FORMAÇÃO DAS PROFESSORAS NA VIA ESTÉTICA	p. 57
2.1 IMPORTÂNCIA DA MEMÓRIA PARA A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO HISTÓRICO-EDUCACIONAL	p. 65
2.2 LAMPEJOS DA MEMÓRIA E O RECORTE MONADOLÓGICO	p. 69
CAPÍTULO 3: AS MÔNADAS E A PESQUISADORA NO DIÁLOGO COM AS MEMÓRIAS DAS PROFESSORAS	p. 79
3.1 CONSTRUINDO CONHECIMENTO HISTÓRICO- EDUCACIONAL PELA VIA MONADOLÓGICA	p. 84
PELOS CAMINHOS DA INCONCLUSÃO	p. 122
REFERÊNCIAS.....	p. 127
APÊNDICES	p.130

O MEMORIAL

[Citações literárias que compõem o meu entendimento sobre minha real existência].

O método deste trabalho: montagem literária. Não tenho nada a dizer. Somente a mostrar. Não surrupiarei coisas valiosas, nem me apropriarei de formulações espirituosas. Porém, os farrapos, os resíduos: não quero inventariá-los, e sim fazer-lhes justiça da única maneira possível: utilizando-os.

(*Passagens*, de Walter Benjamin, N Ia, 8).

Eu sou todos aqueles trechos de livros que me marcaram durante a vida e os destaquei com cores diferentes, pelas páginas em branco. Meu nome é Carolina Oliva Rodrigues de Oliveira, 27 anos, moradora de Campo Mourão, formada em História, pela Unespar.

"São horas talvez de eu fazer o único esforço de eu olhar para a minha vida. Vejo-me no meio de um deserto imenso. Digo do que ontem literariamente. Vejo-me no meio de um deserto imenso. Digo do que ontem literariamente fui, procuro explicar a mim próprio como cheguei aqui."
(FERNANDO PESSOA, *Livro do Desassossego*)

Perante os elementos que se passaram para formar a história de tudo aquilo que me constitui:

"(...) e sou, com tudo, uma paisagem indistinta e confusa".

(FERNANDO PESSOA, *Livro do*

Desassossego)

Mas minha história vem de muito antes, tudo que sou ou deixei de ser ao longo do tempo, me geraram questões que arrastaram meus mais sinceros e curiosos olhar pelos lugares em que passei."A minha vaidade são algumas páginas, uns trechos, certas dúvidas..." (FERNANDO PESSOA, Livro do Desassossego)

*Eu sempre sonhei com uma ciência, com um tipo de conhecimento que me fornecesse espaço para deitar-me sobre as questões que me cercavam por onde quer que eu olhasse. Eu sempre quis escrever, de tudo e sobre todos. Mas a universidade nos ensina que não podemos abraçar o mundo, mas que podemos **recortar um pedacinho dele**, e a partir daí explorá-los, construí-los, fazer algo por nós e pelo conhecimento.*

Figura 1: Jeremy Olson's Geometric Paintings



(Jeremy Olson's Geometric Paintings, 2013)

Sinto que sempre fui historiadora. Os livros didáticos logo nas fases iniciais da minha vida, traziam imagens do tempo que já se foram e me conectava a sentidos e acontecimentos que não pude testemunhar, mas estavam ali, falando

sobre eles diante dos meus olhos. A história para mim, sempre foi fascinante falar sobre o tempo e das pessoas agindo no fluxo da passagem e vão se tornando narráveis e potencializadas de sentidos.

Este trabalho de mestrado reflete um percurso por demasiado longo. É um encontro de interesses, que comecei a alimentar na infância, perante meus desenhos e letras rasuradas, infantis. E hoje, esse fascínio por pesquisar, conhecer, escrever, narrar, entender, discutir, materializou nessas páginas que deixaram de estar em branco, para dar espaço para falar um pouco sobre possibilidades do que pode ser a realidade.

Nunca achei que poderia me "encaixar" na pesquisa de Mestrado, as exigências eram outras. Sistematizações que eu não concordava segui-las. Por muito tempo, apenas namorei a minha vontade de unir literatura e imaginação para pensar a História por outras vias. Sempre olhei para os textos de história com certas desconfianças. Como se algo faltasse, como se só algumas vozes sobrevivessem na navalha do reconhecimento. Quais eram os critérios para falar de apenas um tipo de personalidade? Para mim:

"Em uma sociedade multivalente, só uma personalidade múltipla pode dar conta do recado. Cada um de nós tem uma centena de "eus" potenciais reprimidos".
(RHINEHART, 2009, p.315).

Foi quando me encontrei com a professora Cyntia Simioni, no ano de 2018 na UNESPAR. Começou com conversas sobre literatura. Descobri nela as poesias inscritas que me faltavam para manter minha ideia de que conseguiria falar de História pela via da estética e sensibilidade. Quando ela me convidou para fazer o IC, acompanhou de perto suas pesquisas, mais do que nunca me senti entregue ao fazer histórico. Sua tese de doutorado, era tudo que eu pensava

sobre conhecimento e participação coletiva. A cada mônada, de cada professor, eu sentia a História ganhando vida. Ainda em 2018 fui apresentada ao autor Walter Benjamin, através de seus ensaios e livros, pelas mãos da Prof Cyntia.

E de repente, encontrei um autor que aborda discussões importantes sobre o fazer histórico, em diários, em passagens e mônadas. No significado de um brinquedo. Na experiência da infância. Na análise de produções literárias. E foi assim, que conheci os dois mestres que me guiaram até este presente momento: Walter Benjamin e a professora Cyntia.

"Ter sempre em mente que o comentário de uma realidade (pois trata-se aqui de um comentário, de uma interpretação de seus pormenores) exige um método totalmente diferente daquele requerido para um texto. No primeiro caso, a ciência fundamental é a teologia, no segundo, a filologia".

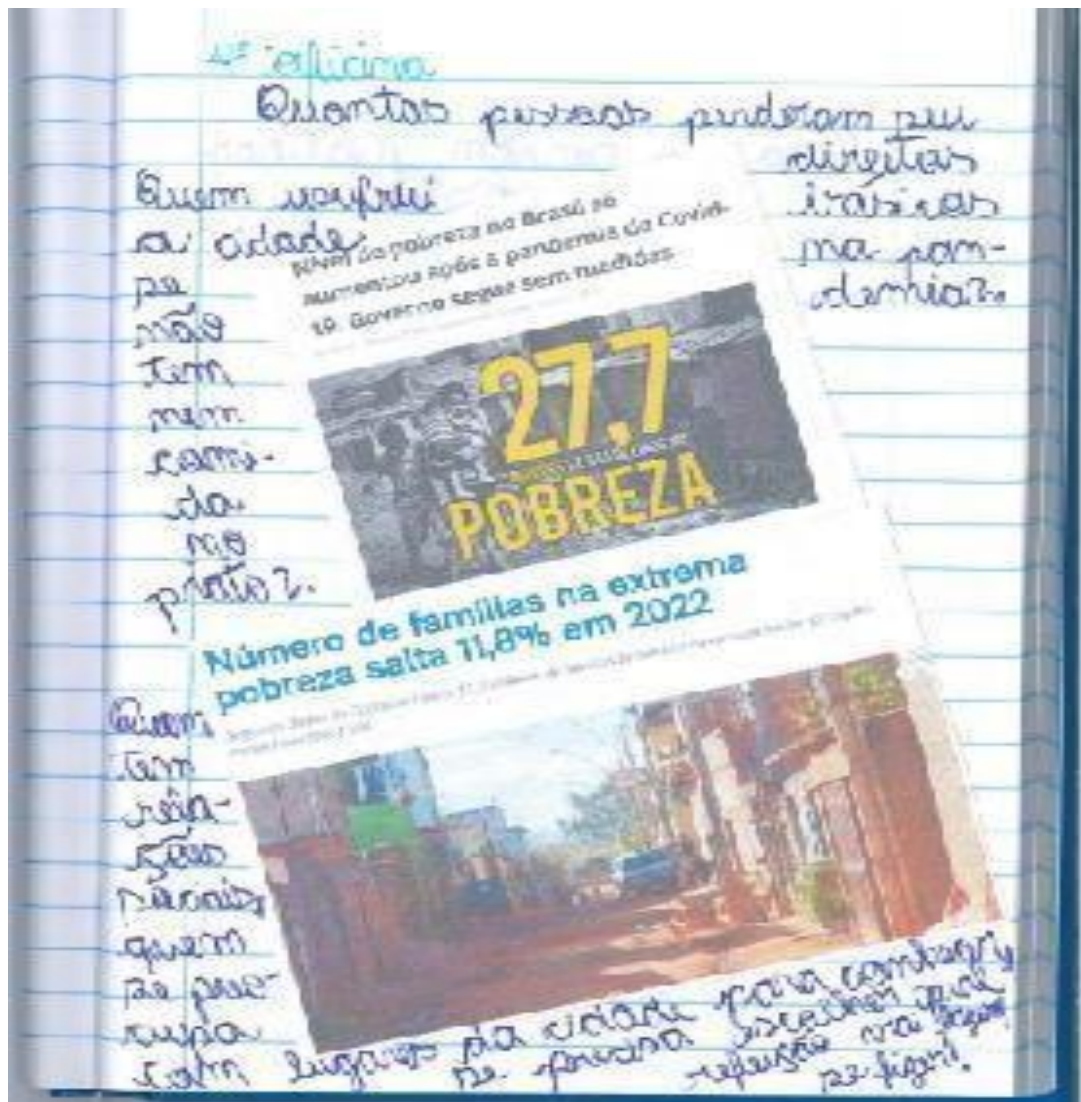
(Passagens, de Walter Benjamin, N,2,1)

E hoje, apresento a vocês minha pesquisa e o percurso de uma pesquisadora que tentou escrever uma história um pouco diferente das já escritas. Não é inovador e não é inédito. Mas é único. Pois cada pessoa que aqui habita, pelas suas próprias narrativas, deram uma parte de si para montar esse mosaico. Neste trabalho, há várias vozes dialogando com seu tempo.

Carolina, Campo Mourão, setembro de 2022.

INTRODUÇÃO – OLHARES PRIMEVOS

Fotografia 1 - Caderno de campo da professora Maia



Fonte: Acervo da pesquisadora.

O projeto formativo *Mosaicos*¹ nasceu com o desejo de ressignificar as experiências vividas durante a pandemia da Covid-19, junto com as professoras da rede municipal e estadual da cidade de Campo Mourão, no interior do Estado do Paraná. Momento em que foram

¹A escolha desse nome está inspirada na dimensão escrita de Walter Benjamin em que incorpora em seus escritos o uso de fragmento, produzindo conhecimento como montagem, imagens que se conectam entre si. Pedacos que contém uma significação de mundo dentro de si. A imagem do mosaico remete aos pequenos pedacos que formam o todo sem perder as suas singularidades. O emprego dessa imagem em meu trabalho reflete exatamente essas figuras de pensamentos múltiplas e fragmentárias que surgem das narrativas dos professores na sutura desta dissertação.

suspensas nossas “certezas” sobre a força do humano. Colocou em jogo o costumeiro cotidiano e nos trouxe um estado de exceção².

Estamos saindo desse tempo pandêmico querendo contar, dialogar, compartilhar experiências singulares, traumáticas e sensíveis, ao mesmo tempo, nos fortalecer humanamente, afinal, estamos fragilizadas depois de enfrentar e resistir à uma doença infecciosa, que atingiu mais de 200 países e nos assola e nos assombrou durante quase dois anos e meio.

Foi em março de 2021 que a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou o primeiro surto do vírus SARS-CoV2, no Brasil. Porém, seu alto potencial de contágio, precisou adotar medidas drásticas de afastamento social para conter a disseminação da doença e suas mutações. Portanto, o mais importante para reduzir o risco de exposição ao vírus era o uso de máscaras, manter a higiene das mãos, deixar os ambientes bem ventilados, sempre que possível, evitar aglomerações e reduzir ao máximo o contato próximo com muitas pessoas, principalmente em espaços fechados.

A COVID-19 custou a vida de muitos brasileiros, pois o presidente da república Jair Bolsonaro não se importava com a população que o elegeu. Nesse momento que escrevo a dissertação, o registro é de 699.634 mortes no Brasil que poderiam ser evitadas com a compra da vacina em tempo hábil pelo governo federal. O não apoio do uso das máscaras, o tom de ironia e descaso nas entrevistas em relação ao número de vidas perdidas no Brasil, demonstraram que para o presidente as vidas brasileiras não tinham valor. Além de espalhar informações que desacreditam as falas de médicos e especialistas da saúde em relação a pandemia, dificultando ainda mais a compra de vacinas e o movimento para vacinação da população.

Atrelado a esse contexto, as falas negacionistas do presidente Jair Bolsonaro em vários canais de comunicação, em relação ao reconhecimento da gravidade da doença custaram a vida de muitas famílias que não foram vacinar. Muitas pessoas se expuseram e se deixaram ser influenciadas por essas falas negacionistas, apoiando o governo obscuro de Bolsonaro. Junto

² O estado de exceção em Walter Benjamin aparece de duas maneiras em seus escritos. Uma está localizada no âmbito do direito, para discutir as questões de relação e lei a partir de um meio e um fim na sua aplicabilidade na sociedade. O segundo viés, utilizado para refletir sobre o estado de exceção, aparece a partir da reflexão de Benjamin concebendo o início da formação do pensamento moderno, que parte da premissa do mundo como indeterminado e interminado e o homem em oposição prisioneiro de sua finitude. O mundo, então, passa a tomar dentro das ciências positivistas que vão surgindo como circular e fechado, racional e prático. O homem moderno passa, assim, da quietude para a inquietação, pagando o preço do progresso e a angústia da mudança incessante, em um movimento linear. Walter Benjamin compreende, assim, que tudo o que sai dessa possível “ordem progressista” e habita um plano sublunular seria então o Estado de Exceção. Em relação ao tempo em que vive, ele compara o Estado de Exceção, como as greves, revoltas e as guerras que vão se formando, em contraposição ao clima supostamente instável da racionalidade.

com o governo federal, os negacionistas promoveram aglomerações em espaços públicos e privados não considerando os decretos e orientações da OMS e endossaram a fala do presidente que a COVID-19 era apenas uma “gripezinha”.

Além disso, a pandemia veio agravar vários problemas sociais do Brasil, e evidenciar outros. As dimensões foram maiores para a população em estado de vulnerabilidade no país. A economia ficou em um beco sem saída, especialmente por conta do isolamento social, muitas pessoas ficaram desempregadas, ou passaram a trabalhar na informalidade; esses problemas acabaram levando muitas famílias à fome. A miséria alcançou um dos seus maiores índices no país.

Para entender esse momento, precisamos colocar dentro desta discussão dois espaços que coexistem, o âmbito público³ e a esfera privada da existência; ao qual o âmbito público invadiu nossa vida privada durante o isolamento social, pelos visores e telas de nossos aparelhos tecnológicos. Quais efeitos sofreremos ao nos distanciarmos das relações com o outro? Os medos, as angústias, parecem estados demasiadamente humanos para constituir uma narrativa oficial, mas a história não é feita disso? Ou seja, de nossas ações inscritas nas passagens do tempo?

Por isso, penso na consistência da linguagem que o sujeito se constitui, e engloba a sua identidade, ao qual chamamos de “eu”, constituído na relação com o outro, em diferentes tempos e espaços durante sua trajetória de vida. Levo em consideração, enquanto pesquisadora, que é por meio das falas autorreferentes (relacionados ao falar de si), que a experiência de vida ganha sentidos (BENJAMIN, 2007). Assim, nesta pesquisa, busco compartilhar narrativas de professoras sobre a pandemia, a fim de que pudéssemos nos aproximar e falar de nós mesmos, já que a pandemia sobrecarrega o trabalho docente pelas demandas opressoras das políticas públicas educacionais, muitas vezes, os docentes perdem a visão que integra o caráter humano sensível no sistema de ensino, para reproduzir forma e conteúdos prontos, distante da prática reflexiva ligada à experiência dos sujeitos.

Diálogo com o filósofo Walter Benjamin, autor que se incomodou com seu próprio tempo, debruçou-se sobre as angústias e efeitos da modernidade no final do século XIX e meados do século XX, e elaborou por meio de metáforas e personagens urbanos, representações que estavam sendo consumidas ou começavam a aparecer em decorrência das mudanças de perspectiva da realidade.

³ Neste texto, o conceito de público utilizado é o dado por Hannah Arendt em *A condição humana* (1997), refletindo uma antropologia da práxis em relação ao âmbito público. Para a autora, essa seria uma esfera do comum, para o exercício da vida política, caracterizado pelo uso da palavra e da retórica. Com base nos textos clássicos de Aristóteles, Hannah Arendt, apresenta como um espaço para exercício da vida política. Centrado na ideia de acessibilidade e acesso para todos, onde você pode ser visto e ouvido por todos.

Concebo o tempo neste trabalho, acolhendo o tempo do Kairós, citado por Walter Benjamin, em seu livro *Passagens* (1985), ao qual ele trabalha uma ideia temporal fora das medidas cronológicas, ditadas pelo movimento da produção industrial. Em Walter Benjamin encontramos um alargamento da concepção de tempo, através das imagens dialéticas produzidas no agora, entrecruzada por tempos já vividos e experienciados, mas que só podem ser compreendidos pela imobilidade do presente.

O tempo moderno é fragmentado, envolvido pelo sempre novo, criando fantasmagorias perante o sujeito. Dialogando com a professora Nara Rubia de Carvalho Cunha, “a concepção de tempo prevalecente nas sensibilidades modernas é o contínuo da fragmentação no presente, passado e futuro, endossando o ritmo da produção industrial, acelerado, linear e compartimentado.” (CUNHA, 2013, p.296).

Benjamin investe na concepção temporal de imagens plurais e polissêmicas, para que consigamos escapar da sensação anestesiada do sempre igual, fruto do tempo progressista e linear. É nestes entrecruzamentos de temporalidades, no movimento da urdidura entre os fios em que se cruzam os instantes. Benjamin reconhece a apreensão de um presente, na tomada de consciência do subjetivo: “Tais imagens podem nos colocar diante da história e diante de nós mesmos na história, portanto, o que se busca captar não é o passado, nem o presente, nem o futuro; não é o eu ou o outro; são as relações.” (CUNHA, 2023, p. 297).

A partir destes caminhos teórico-metodológico, em que se constitui a concepção de tempo deste trabalho, considerando a via benjaminiana da sensibilidade, olhando para a subjetividade, percebendo que em cada um de nós, há um marco temporal construído através de nossas experiências. Essas experiências formam uma rede de vidas entrecruzadas, que escapa ao encarceramento do tempo cronológico e do sujeito coisificado. O pesquisador atento às centenas de detalhes, consegue perceber as várias constelações do tempo sobre a nossa cognoscibilidade existencial:

O índice histórico das imagens diz, pois, não é apenas que elas pertencem a uma determinada época e atingir essa “legibilidade” constitui um determinado ponto crítico específico do movimento em seu interior. Todo presente é determinado por aquelas imagens que lhe são sincrônicas: cada agora é o agora de uma determinada cognoscibilidade. Nele a verdade está carregada de tempo até o ponto de explodir. (Esta explosão, e nada mais, é a morte da *intentio*, que coincide com o nascimento do tempo histórico autêntico, o tempo da verdade). Não é que o passado lança a luz sobre o presente ou que o presente lança sua luz sobre o passado; mas a imagem é aquilo em que o ocorrido encontra o agora num lampejo, formando uma constelação. Em outras palavras: a imagem é a dialética da imobilidade. Pois, enquanto a relação do presente com o passado é puramente temporal, a do ocorrido com o agora é dialética – não

de natureza temporal, mas imagética. Somente as imagens dialéticas são autenticamente históricas, isto é, imagens-não-arcaicas. A imagem lida, quer dizer, a imagens no agora da cognoscibilidade, carrega no mais alto grau a marca do momento crítico, perigoso, subjacente a toda leitura. (BENJAMIN, 1985, p. 505).

Por isso, proponho a compreensão das subjetividades docentes como modos de ser e estar no mundo, junção de elementos experienciados durante nossa vida, que formam um referencial da nossa identidade.

Para conhecer as experiências docentes na pandemia, de modo a entender o que foi ser professor neste momento, escolhi enveredar pelo trabalho com as memórias em práticas de rememoração, em uma perspectiva benjaminiana. Tais memórias foram expressas em narrativas orais, escritas e iconográficas. Esse exercício de rememoração foi potencializado através de leituras de obras de arte e fragmentos literários, como possibilidade de estimular alegorias de pensamento⁴.

Dessa forma, essa pesquisa buscou escutar as experiências vividas na pandemia das professoras da rede pública de ensino municipal e estadual da cidade de Campo Mourão, interior do estado do Paraná. Por meio de suas memórias expressas em narrativas orais, escritas e iconográficas buscamos produzir coletivamente conhecimento histórico e educacional tendo como mote de reflexão a docência na pandemia.

Para colocar em ação essa pesquisa, durante o processo de produção de conhecimento histórico-educacional, construímos 5 mosaicos com as professoras nos encontros semanais, ocorridos no Laboratório do Ensino de História da Unespar.

1º Mosaico⁵: “*O narrar das linhas vividas*” foi um encontro dedicado para compartilharmos as nossas trajetórias de vida na relação com objetos históricos e como eles se reconhecem como docentes. Discutimos a importância da memória como forma de enraizar se no tempo, no espaço e nas relações sociais estimuladas por fragmentos literários e a obra de arte: “A persistência da memória”, do pintor Salvador Dali.

2º Mosaico⁶: No encontro “*Experiências vividas na pandemia*”, refletimos coletivamente como nos enxergamos no mundo após dois anos de pandemia, partilhamos as

⁴ Walter Benjamin na obra a “Origem do drama barraco” (1984), apresenta algumas considerações ligadas à sua práxis de leitura e de escrita, abordando temas filosóficos, mas que se unem na escrita da história para compor outras formas de linguagem na abordagem do tempo e da ação dos homens. A alegoria são representações simbólicas da natureza moral e política, composto de iconologias, produzindo uma escrita que contém em si imagens de coisas. Assim, as expressões que constituem uma frase ou um discurso produz uma erupção de imagens, presente na natureza das coisas, ou seja, produzem outros dizeres.

⁵ Apêndice 1

⁶ Apêndice 2

experiências significativas vividas durante o período de reclusão e isolamento social e o retorno ao convívio coletivo, especialmente no espaço escolar.

3º Mosaico⁷: “*Trajectoria, experiência e trabalho: O ser no tempo*”, abrimos esse encontro com a obra de Francisco de Goya, *Saturno devorando um filho*, estimulando as professoras narrarem sobre o tempo, como elas compreenderam esse elemento histórico não palpável, mas que sentimos seus efeitos na pandemia. Adentrando ainda para pensarmos coletivamente como a mente e o corpo se conectaram nesse tempo pandêmico.

4º Mosaico⁸: “*A percepção do entorno e a reflexão com imagens cotidianas*” foi um encontro com a obra de arte “Pintor: Khariton Platonov” possibilitou as professoras produzir alegorias, narrando os impactos da pandemia na sua vida pública (relações sociais); como percebeu habitar a cidade na pandemia (o entorno e o outro nos espaços das ruas e da escola). Quais problemas sociais se agravaram e ficaram evidentes? Como eles percebiam o cenário urbano? Quais problemas e mudanças eles perceberam no entorno e na escola?

5º Mosaico: *A miséria do olhar* foi um encontro impactante, pois realizamos uma releitura da obra de arte *Hipocrisia da fome*, de Luís Duro, e alguns fragmentos literários da obra *Quarto de despejo: Diário de uma favelada*, da autora Maria Carolina de Jesus, e depois as professoras compartilharam suas visões de mundo sobre o contexto político da pandemia, como se reinventaram perante as políticas públicas educacionais que, de certa forma, não estava interessadas nas dificuldades sociais dos estudantes e professoras, mas muito mais para autopromover sua imagem com decisões superficiais, que aparentavam um cuidado social, mas que não resolviam os problemas que vieram com a pandemia. No caso da educação, muitos alunos ficaram de fora por não ter condição social suficiente para acompanhar o ensino remoto e a prática de ensino teve de ser repensada para superar as dificuldades impostas.

É importante destacar que os encontros do grupo do *Mosaico* fizeram parte de um projeto formativo coletivo e as professoras foram protagonistas. O diálogo foi constante⁹. Durante os encontros com as professoras, muitas vezes modificamos conjuntamente a proposta inicial; outras vezes, além das literaturas já propostas, durante os encontros, as professoras traziam outras referências que faziam parte da sua experiência pessoal.

Isso possibilita caminhos de troca, o que enriquece os encontros formativos pela via

⁷ Apêndice 3

⁸ Apêndice 4

⁹ Considerando esse movimento que realizamos durante a produção desta dissertação, uma professora depois de fazer a leitura da dissertação, pediu para que algumas passagens suas fossem retiradas da dissertação, que a vincularam à questões políticas.

de mão dupla (FRISCH, 2016). Além das partilhas dialógicas, no ato de narrar sobre o “eu” estava imerso sobre todo o conjunto social, foi no falar sobre a vida coletiva que estabelecemos caminhos e percorremos conjuntamente as práticas de rememoração em uma perspectiva benjaminiana.

Nesse sentido, essa proposta formativa não foi *para* e nem *sobre* as professoras, mas foi tecida *com* as professoras. Uma proposta de pesquisa e formação que já vem sendo realizada pela minha orientadora em seu grupo Odisseia, mas que nasce de um grupo maior chamado Grupo de Estudos e Formação Continuada (GEPEC) e Kairós, na Unicamp, coordenado pela saudosa professora Maria Carolina Bovério Galzerani.

O diálogo foi constante durante os encontros com as professoras, muitas vezes modificamos conjuntamente a proposta inicial, ligando outras referências que as professoras traziam e que faziam parte da sua experiência pessoal.

Isso possibilita caminhos de troca, o que enriquece os encontros formativos pela via de mão dupla. Além das partilhas dialógicas, no ato de narrar sobre o “eu”, estava imerso todo o conjunto social. Foi no falar sobre as vidas envolvidas no projeto, que estabelecemos caminhos e percorremos conjuntamente as práticas de rememoração em uma perspectiva benjaminiana.

Dentro dessas ações estabeleço um diálogo com o professor Elison Antônio Paim (2005), a partir de sua tese de doutorado, na qual ele nos inspirou, no entrecruzamento de perspectivas benjaminianas e thompsnianas, a pensar que a formação de professor não é formatada, com um modelo, mas se dá no processo do “fazer-se professor”.

Problematizo, desta forma, a palavra “formação de professores” (a) (s), levando em consideração, como as práticas deterministas do positivismo projetam no sujeito uma perspectiva utilitária à racionalidade instrumental, capitalista, tornando o professor “pronto”, para servir as necessidades do mercado.

Desta forma, amplio o conceito de sujeito, dado pelo professor Elison, a partir da leitura de Benjamin sobre o sujeito moderno: “[...] Benjamin percebe o ser humano como sujeito da história, para além das fronteiras e explicações historiográficas, calcadas no determinismo econômico.” (PAIM, 2005, p. 157-158).

Pensar na formação de professores distanciada de suas experiências, acaba colocando no esquecimento os sentimentos de sujeitos reais e caindo em um determinismo factual. A formação de professores deve, portanto, partir da ideia de um processo sensível às vozes que vão explodindo ao longo dos discursos, durante a pesquisa fez-se necessário um olhar atento ao discurso para perceber os espaços a serem ocupados pelas professoras, ao narrar-se durante

o processo. Para Paim (2005):

[...] Se pensar das ruínas articuladas intimamente às possibilidades de superação, nunca de maneira determinista. Assim, a formação descortina-se como um imenso campo de possibilidades. (PAIM, 2005, p. 159).

A formação aqui proposta considera a inteireza dos sujeitos, pensando que o ser professor (a), e todas as experiências que vão sendo vividas, se dá ao longo da vida, como um processo não-linear. Assim, realizando um curso de formação considerando o caráter múltiplo de cada professora participante da pesquisa. Desta maneira, a racionalidade correspondente se aproxima: “[...] da concepção racional que não separa pensamento e emoções e não exclui/nega as dimensões sensíveis do sujeito do conhecimento.” (CUNHA, 2016, p. 58).

Ao encontro dessa perspectiva, encontrei no programa de mestrado em História Pública, que estou cursando, caminhos férteis e promissores para realizar essa pesquisa com o público (professoras). Entendendo História Pública no Brasil, no diálogo com Ricardo Santhiago (2016), como um movimento de reflexão e ação, a partir dos seguintes itinerários e seus possíveis entrecruzamentos: 1) *História feita para o público*: é aquela construída para o grande público; ocupando novos espaços, promovendo a facilitação da linguagem; 2) *História feita pelo público*: é aquela feita pelos coletivos; grupos de memória, comunidades que não assumem o rigor do método histórico. Produzindo suas próprias histórias. 3) *História feita com o público*: é construída pela via da autoridade compartilhada e produção colaborativa; 4) *História e público*: dedica-se a pensar sobre os usos públicos da história e no passado, em que não se limita a uma ação divulgadora ou um rótulo conceitual – mas ao trabalho do historiador de maneira reflexiva. Essas dimensões se entrecruzam dentro da prática da história pública, de maneira viva no ato da interação, suscitando um diálogo entre a prática, teoria e público.

A minha pesquisa envereda pela história com o público pela via da autoridade compartilhada. O historiador inglês Michael Frisch (2016) apresenta o conceito de autoridade compartilhada na interface com a história oral, porém amplia para outras possibilidades para pensar que, em uma curadoria, programa de rádio ou TV, dependendo como as pessoas se envolvem e participam, é possível uma produção de conhecimento de modo colaborativo, participativo, interativo e dialógico.

Em diálogo com Michael Frisch (2016), existem duas formas de compreender essa autoridade e seu compartilhamento. Na acepção de compartilhar autoridade, o historiador-pesquisador se vê como único detentor de uma autoridade e que em determinados momentos compartilharia com o público o seu conhecimento, ou melhor, levaria para o público. Na

segunda concepção, a autoridade compartilhada entende que nós pesquisadores “não somos a única autoridade, os únicos intérpretes, os únicos produtores e historiadores. [...] Em vez disso, o processo de interpretação e de construção de significados é, por definição, compartilhado” (FRISCH, 2016, p. 62). Frisch amplia a noção de um processo unidimensional, na qual o pesquisador produziria um trabalho e, no final, o produto seria “devolvido” ao público. O que seria uma ação um tanto limitada e limitadora. Em contraposição, pensar em um processo dialógico permitiria compreender que “a narração e a interpretação da experiência não são vistas como uma função profissional, mas mais do que isso, como parte de uma existência individual” (FRISCH, 2016, p. 60).

A via da autoridade compartilhada é um dos caminhos possíveis para transcender as restrições dicotômicas entre historiadores/público, produção e consumo. Além de que passamos a considerar as experiências pessoais das professoras nessa pandemia, para além da coleta de dados que passam por uma avaliação e decodificação subsequente dos historiadores. Pensar em ampliar esses espaços, múltiplos e variáveis, proporcionam espaços mais criativos e abertos, escapando de uma ideia linear da história e, portanto, mais compartilhável entre os possíveis espaços de produção e disseminação do conhecimento histórico.

O que seria, uma ação um tanto limitada e limitadora. Em contraposição, pensar em um processo dialógico permitiria “a narração e a interpretação da experiência não são vistas como uma função profissional, mas mais do que isso, como parte de uma existência individual”. (FRISCH, p. 60, 2016)

Assim, ainda nas palavras de Frisch, o historiador assumiria um papel de exploração “sugere uma imaginação espacial não linear e dirigida: pode-se habitar um espaço que está sendo explorado em vez de simplesmente forjar um caminho estreito através dele [...], apresentar espaços exploráveis de maneira imaginativa e expansiva” (FRISCH, 2016, p. 66).

Desta forma, a autoridade compartilhada, para Frisch (2016), se torna um caminho criativo, mais aberto e compartilhável, permitindo o uso da imaginação, abrindo espaços para os públicos participarem coletivamente da produção de conhecimento histórico, cada um com os seus saberes, sem hierarquizá-los. Ao mesmo tempo em que o historiador não se redime de suas responsabilidades profissionais, ele reconhece no público as potencialidades e a vontade de participar e o reconhece como sujeito da sua própria história. As possíveis formas de diálogo abrem possibilidades para que a história não permaneça confinada aos muros inacessíveis das universidades, mas encontrem caminhos de interação e participação na esfera pública.

Sustentadas pela prática de rememoração benjaminiana e pela aceção de autoridade compartilhada, as trocas de experiências nos encontros formativos foram o motor para a escrita

deste trabalho, pois cada professora tinha algo a dizer, e como pesquisadora, eu ocupei o espaço da escuta e da partilha de saberes. A autoridade, em alguns momentos partia das professoras que diziam como poderíamos guiar os encontros, pois o diálogo é permeado de vida, ele não segue uma lógica premeditada, mas sim o curso constituído na partilha do vivido.

Nesse sentido, a história pública apareceu como possibilidade, mas também como atitude, de um processo de formação compartilhada e dialogada com o outro. Para Santhiago “[...] toda pesquisa é fruto de um processo de construção social, [...] e na história pública isso se radicaliza” (SANTHIAGO, 2020 p. 311). O público¹⁰ se construiu e se tornou um acontecimento social envolvendo o pesquisador e as pessoas, assumindo assim um compromisso público na construção de um saber com temas socialmente vivos no presente, como a pandemia. As narrativas permitem abrir esse diálogo para produzir saberes significativos, reconhecendo discursos outros e abarcando reivindicações históricas.

O mote para pensar a importância da tomada de consciência do espaço público é pensar que esse também é constituído por laços e pela intenção democrática, decisão tanto política quanto intelectual de criação de um espaço comum a ser compartilhado; encontra-se, nesse sentido, espaço para articulação entre voz e linguagem, vida e modos de vida e consequentemente existência política.

Como a constituição da pólis, precisamos pensar que o público e os espaços instituídos para a interação permitem o desenvolvimento de laços de afeição, que enriquecem o ser humano e seu modo de vida para com os outros. Constitui um sentido de coletividade, com valores comuns, partilhados. É dentro dessas relações que surgem, então, o sentimento de pertencimento, dentro de uma tradição cultural, política e linguística, buscando sempre o bem viver.

É importante que os historiadores tenham interesse em construir conhecimento histórico-educacional junto com os professoras de modo compartilhável e democrático, para retornarmos à possibilidade de colocar o espírito humano em atividade, pensando no crescimento do pensamento a cada dia. Nos afastando, assim, da rotinização e domesticação do ser professor.

A dissertação segue uma proposta com a seguinte montagem: *Introdução*, intitulada *Olhares Primevos*, trazendo a questão do tema da pesquisa, com enfoque sobre a pandemia e a

¹⁰ O público na pandemia ficou restrito, devido ao distanciamento imposto pelas autoridades, para tentar controlar a disseminação da doença. Tanto assim, que nossas relações públicas invadiram o nosso espaço privado, com a internet, o excesso de notícias, as reuniões de trabalho dentro de nossos aposentos íntimos. De repente nos vimos vivendo o público dentro de nossos espaços privados.

importância dessa reflexão junto com os professoras da educação básica, bem como a proposta do projeto formativo *Mosaico*.

No 1º capítulo, intitulado *A composição do Mosaico*, narro como encontrei as professoras protagonistas da pesquisa, apresento cada professora, compreendendo seus olhares poéticos e falas políticas, ainda apresento o lugar em que essas narrativas estão sendo produzidas.

No 2º capítulo, intitulado *Por outra cultura de formação de professores pela via da racionalidade estética*, enveredo pela racionalidade estética em contraposição às propostas formativas pelo viés da racionalidade instrumental.

No 3º capítulo, narro cada mosaico produzido com os professoras, a elaboração das mônadas, a partir das narrativas produzidas pelas professoras e apresento um diálogo das minhas experiências na relação com as mônadas.

Nas inconclusões, ao final deste trabalho, apresento as reflexões, não para finalizar, mas instigar a ampliação de nossos horizontes de pesquisa. Apresento um panorama da parte final de produção das pesquisas; perspectivas e o direcionamento a um olhar otimista para o avanço de estudos voltadas para o sujeito, a produção de conhecimento histórico e a educação das sensibilidades.

Convido todos, caro (a) leitor (a), a conhecer estes mosaicos, cheio de vozes e vidas.

Bem-vindo(a)...

CAPÍTULO 1 – COMPOSIÇÃO DO MOSAICO

Figura 2: Recriação da obra *Galatea da Esfera*, 1952, Salvador Dalí¹¹



Fonte: arteblog.com/2017/05/analise-da-pintura-galatea-of-spheres.html.

“É verdade: são poucos e raros os que sabem para onde olhar e o que escutar. Mas, assim como nas melhores histórias, são esses que fazem a diferença”.

(Guillermo del Toro, Cornélia Funke in: “O labirinto do Fauno”)

¹¹ Recriação da obra por meio de montagem com as fotos com imagens das professoras em círculos tiradas dos encontros Mosaicos. Produzido por Gabriel Henrique de Souza, professor-historiador e mestrando pela UNESPAR de Campo Mourão.

Começo apresentando como foi a composição do projeto formativo *Mosaico* junto com as professoras, através da obra de arte *Gaiteira da Esfera*, do pintor Salvador Dalí (1952). O artista pintou esse quadro na intenção de representar as fragmentações que compõem a figura de sua mulher, em sua visão introspectiva, num ajuntamento de pequenos significados vividos, ele a torna parte de um todo inacabado. Estabeleço também, um diálogo com Leibniz, precursor do cálculo infinitesimal, que se contrapõe a ideia cartesiana de realidade e considera a multiplicidade infinita de pequenos universos existentes e significativos no pensamento moderno. É em conversação com a definição das mônadas leibnizianas¹², pelo viés da física, que leio neste quadro a formação deste pequeno universo de vidas experienciadas e contadas durante a pandemia. A escolha dessa obra se deu pela ideia de como eu penso que um mosaico se formaria, se pudesse ser representado na materialidade.

Neste quadro, as esferas se juntam para formar um todo, mostrando tanto a fragmentação do ser formado de várias partículas, como um universo de significados dentro de si. Em sobreposição, coloquei algumas fotos dos encontros de formação, destacando nossas professoras, formando, assim, uma montagem artística deste trabalho. Entendo as mônadas pela perspectiva benjaminiana. Walter Benjamin amplia o conceito das mônadas dado por Leibniz, lendo essa matriz da física dentro do contexto para entendimento do movimento das imagens dialéticas. Sendo assim, Benjamin inicia pensando sobre os domínios do pensamento diante da literatura e da criatividade:

O processo criativo... consiste em uma ativação inconsciente do arquétipo e em sua elaboração, até resultar na obra perfeita. A nova configuração daquela imagem primitiva, é de certa forma, sua tradução para a língua do presente... nisso reside o significado comercial da arte: ela traz à tona as formas de que mais sente falta o espírito do tempo (BENJAMIN, 2009, p. 514).

O segundo momento seria o surgimento dessas imagens diante do sujeito como um lampejo, uma lembrança fragmentada, algo que aparece e desaparece no mesmo instante:

A imagem dialética é uma imagem que lampeja. É assim, como a imagem que lampeja no agora da cognoscibilidade, que deve ser captado o ocorrido. A salvação que se realiza deste modo - e somente deste modo - não pode se realizar senão naquilo que estará irremediavelmente perdido no instante

¹² Redigida em 1714, a *Monadologia* responde ao intento de elaborar um sistema filosófico pluralista, em que não há começo absoluto nem fundamento único de todo o saber. As mônadas constituem o alfabeto de um universo em que a máxima variedade é compensada pelo exercício de unificação no qual consiste a ação das verdadeiras mônadas ou unidades reais. O sistema das mônadas forma um só com o sistema da harmonia preestabelecida: uma mônada é um exercício harmônico, uma variação do universo comum, não uma mera diferença ou uma entidade discreta.

seguinte (BENJAMIN, 2009, p. 515).

A mônada surge como um detalhe, um pequeno átomo, que nos aproxima de um ponto específico dentro da existência contendo em si um microuniverso de significados. Benjamin define a mônada como:

Ao pensamento pertencem tanto o movimento quanto a imobilização dos pensamentos. Onde ele se imobiliza numa constelação saturada de tensões, aparece a imagem dialética. Ela é a cesura no movimento. Naturalmente, seu lugar não é arbitrário. Em uma palavra, ela deve ser procurada onde a tensão entre os opostos dialéticos é a maior possível. Assim, o objeto é construído na apresentação materialista da história é ele mesmo uma imagem dialética. Ela é idêntica ao objeto histórico e justifica seu arrancamento do continuum da história (BENJAMIN, 2009, p. 505).

Desde que comecei a planejar as oficinas, refleti sobre qual professor poderia se interessar em discutir coletivamente sobre arte e literatura, em um dia de semana qualquer? Quem aceitaria narrar tempos sensíveis como a pandemia? Especialmente em um tempo acelerado em que a nova lógica de controle de corpos e sensibilidades dominam até mesmo nosso tempo de ócio? No início senti certa insegurança, pois se trata de uma proposta diferente, que demandaria reflexão, partilha de sonhos, angústias, perdas, esperanças e ainda a produção de narrativas pelas professoras.

Finalizei as propostas de oficinas e, com a ajuda novamente do colega de mestrado Gabriel, consegui produzir um convite¹³ que expressava as minhas intencionalidades com essa proposta de formação continuada de professoras, e a essência daquilo que eu gostaria de compartilhar com os (as) professores (as).

A segunda etapa, que eu considero a mais difícil do processo, foi convidar as professoras. Muitos nomes foram citados por colegas, mas eu sempre pensei que as professoras precisavam se identificar com a proposta desse projeto formativo de uma experiência estética (MATOS, 1989). Especialmente, sabendo que nos nossos tempos a formação de professoras são tendencialmente técnicas de ensino e de “aplicação” e resultados em forma de produtos.

São produzidos conhecimento instrumental e pautado em métodos avaliativos que não buscam entender o processo e nem conhecer as necessidades das professoras que participam. E, no final, o interesse está voltado para apresentação de resultados satisfatórios, especialmente em propostas formativas oferecidas pelo governo federal ou estadual.

Depois de muitas indicações e levantamento de nomes, juntamente com a minha

¹³ Apêndice 6 - convite para participar do projeto formativo Mosaico.

orientadora, começamos a fazer o contato e os convites para as professoras. Então apresentávamos o convite que foi produzido, depois conversávamos mais detalhadamente como era a proposta. Depois de vários convites, confirmações e desistências, encontrei um grupo de professoras de histórias interessadas em participar. Enfim, nosso grupo foi composto de 5¹⁴ professoras, que, de começo ao fim, se comprometeram com o projeto e participaram de todos os encontros; produzindo e partilhando suas experiências através das narrativas escritas.

1.1 PEQUENOS FRAGMENTOS DAS HISTÓRIAS DE VIDA DAS PROFESSORAS

Vou apresentar as professoras, considerando, que sem elas, este trabalho poderia não existir e muito menos ser habitado por tantas vidas e vozes plurais. Foi uma experiência única, que exigiu muito da pesquisadora que aqui vos fala, pois essa troca e proximidade permite se constituir de maneira mais diversa e ampla como sujeito, como pesquisadora e como ser na coletividade. Conversei também sobre a possibilidade de trabalharmos com pseudônimos para que se sentissem mais à vontade em se expressar, preservando desta forma as identidades e a livre expressão. Os pseudônimos escolhidos por elas foram: Sil Oliveira, Maia, Flor de Lua e Rosalina.

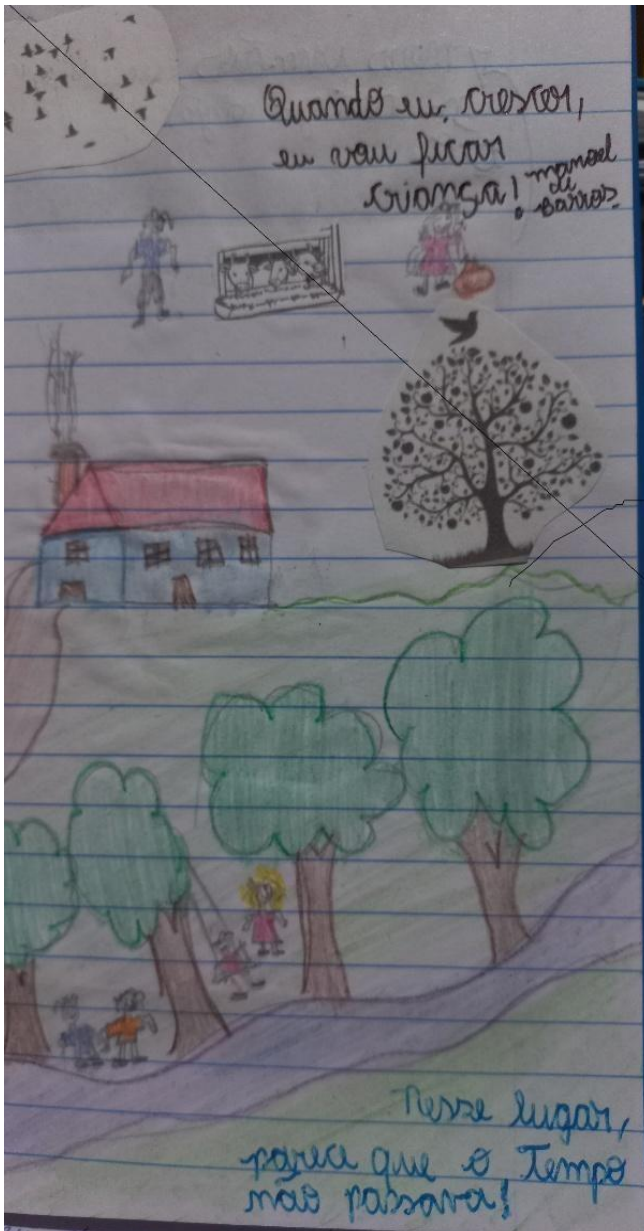
Começo apresentando a professora **Rosalina**, que tem 25 anos, na cidade de Campo Mourão, em uma casa no sítio que não tinha energia elétrica. Caçula em uma família de quatro filhos. Formada em História pela UNESPAR- Campo Mourão em 2018 e mestre pela mesma instituição em 2021. Possui uma escrita muito direta e sincera. Sempre, em suas falas, buscou trazer questões latentes que permeiam o seu cotidiano. Em todos os encontros, nos trazia problemas reais que enfrentava dentro da escola e dificultavam seu exercício em ser professora. Para fazer o primeiro mosaico, colocou em seu caderno de brochura azul, a trilha sonora para Just Breath – Pearl Jam para se concentrar.

A professora **Maia** é nascida em Roncador- PR, mas agora é moradora de Campo Mourão. Tem 29 anos e atua como professora dos anos iniciais. Graduada e mestre em História

¹⁴ Vale ressaltar que iniciamos o nosso grupo com 4 professoras no total. Para demonstrar que o caminho da pesquisa nunca é retilíneo e, muitas vezes, o que planejamos acaba saindo das nossas expectativas, a sexta professora em questão, acabou não realizando as produções escritas propostas ao longo dos encontros. Mesmo assim, era uma professora ativa, apresentava várias narrativas durante os diálogos, trazia suas memórias, compartilhava poesias e experiências suas de sala de aula. Mas o tempo cobrou seu preço e ela não conseguiu produzir as narrativas, pois seu tempo estava corrido e ela não estava conseguindo sentar para escrever. Desta forma, apesar de não aparecer na dissertação suas mônadas, se faz necessário demonstrar os percursos e enfrentamentos que podem vir a aparecer durante a realização da pesquisa.

pela UNESPAR de Campo Mourão. Passou sua infância sendo moradora do sítio. Sensível, benjaminiana e poética. Não poderia apresentá-la sem trazer junto um poema de Manoel de Barros, que ela mesmo descreveu como sendo seu preferido e o desenho.

Fotografia 2: caderno azul da professora Maia produzido durante o encontro



Isto porque a gente foi criada em lugar onde não tinha brinquedo fabricado. Isto porque a gente havia que fabricar os nossos brinquedos: eram boizinhos de osso, bolas de meia, automóveis de lata. Também a gente fazia de conta que sapo é boi de cela e viajava de sapo. Outra era ouvir nas conchas das origens do mundo. Estranhei muito quando, mais tarde, precisei de morar na cidade. Na cidade, um dia, contei para minha mãe que vira na Praça um homem montado no cavalo de pedra a mostrar uma faca comprida para o alto. Minha mãe corrigiu que não era uma faca, era uma espada. E que o homem era um herói da nossa história. Claro que eu não tinha educação de cidade para saber que herói homem sentado em cavalo de pedra. Eles eram pessoas antigas da história que algum dia defenderam a nossa Pátria. Para mim aqueles homens em cima da pedra eram sucata. Seriam sucatas da história. Porque eu achava que uma vez no vento esses homens seriam como trastes, como qualquer pedaço de camisa nos ventos. Eu me lembrava dos espantalhos vestidos com as minhas camisas.

O mundo era um pedaço complicado para o menino que viera da roça. Não vi nenhuma coisa mais bonita na cidade do que um passarinho. Vi tudo o que o homem fabrica vira sucata: bicicleta, avião, automóvel. Só não vira sucata é ave, árvore, rã. Até nave espacial vira sucata. Agora eu penso uma garça branca de brejo ser mais linda que uma nave espacial. Peço desculpas por cometer essa verdade.

Fonte: Acervo da pesquisadora (2022).

A professora **Sil Oliveira** tem 39 anos. Filha mais velha de Antônio de Oliveira (*in memoriam*), boia fria e pequeno agricultor e da Maria José Ap. de Oliveira, empregada doméstica, agricultura. Graduada e mestre em História na Universidade Estadual de Campo Mourão e turismóloga. Para se apresentar produziu um poema.

Quem sou eu?
Prazer! Eu sou a Sil Oliveira,
Sou um pouco de cada pessoa que conheci, Um pouco de cada
lugar que estive,
De cada situação que vivi...
Sou Turismóloga e professora de História.
No trabalho eu sou a Eva, dinâmica, exigente e que se encontrou na sala de aula, Ama
e se diverte com seu trabalho...
Para família e amigos próximos eu sou a Simone, emotiva, Sonhadora, às
vezes, só às vezes dramática ...
Mas quem sou?
Uma pessoa muito família, que ama viajar, assistir filmes, viciada em
romances, apaixonada por animais.
Muita atrapalhada, que vive perdendo objetos,
Mas acima de tudo, uma pessoa que ama a vida e que tem muitos sonhos.

A professora **Flor de Lua**, tem 45 anos, nasceu em Pitanga- PR, mas hoje é moradora de Campo Mourão, professora de História graduada e mestre na área, se formou pela UEPG. Nos trouxe sempre para dentro do grupo suas percepções e referências artísticas. Falou de suas inúmeras experiências com o incentivo à literatura dentro do meio escolar. Também nos contou sobre sua feira do livro itinerante. Trabalho significativo e de cunho social, o qual se localiza na praça central da cidade de Campo Mourão, em que ela, todos os domingos, empresta livros para a população em geral. Trago um trecho de uma das narrativas que a professora produziu para se apresentar ao grupo das professoras, acredito que, pelas palavras dela, podemos compreender a profundidade que ela tem no ato da linguagem e na educação como formação humana:

[...] ensinar História é formar pessoas e aprender com essas pessoas é onde moram meus desafios e meu entusiasmo. Acho que minha vida profissional é o que mais me define, pois é nela que vivo a maior parte do meu tempo. Realmente me importo com meus alunos, as vidas deles são muito importantes

para mim, muito além de se aprendem ou não história. Boa parte do que estudo, leio e ouço é com o propósito de dar melhores aulas e de entendê-los como sujeitos em formação, seu contexto econômico e social, as inúmeras outras vivências que os atravessam.

Sem essas protagonistas esse trabalho provavelmente não existiria, ou se eu usasse da descrição em vez de ocupar um espaço de escuta e ouvir o que cada uma tinha a dizer sobre si e sobre o que conhece, pensa, talvez meu trabalho não teria tanta vida.

Percebi que a cada fala e linha as professoras produziam poesias. É um trabalho acadêmico que pulsa a vontade de existir vida dentro das narrativas partilhadas. A História de algum modo é isto, é falar de alguém, para alguém, com alguém e sobre alguém. Além da percepção do tempo, histórias de vida se entrecruzaram. Foi possível perceber que cada professora tinha uma personalidade, um jeito de falar e ver o mundo. Cada literatura e obra de arte suscitou em cada uma a produção de diferentes alegorias (BENJAMIN, 2007).

As vozes das professoras que habitam essa pesquisa remetem ao encontro de histórias, memórias e formas de vida singulares. É também uma resistência política. Elas habitam espaços públicos e pelas suas experiências nos suscitam a levantar questionamentos e problematizar questões socialmente vivas no presente. Isso percebi que fazia correspondências com o *Diário de Moscou*, uma das obras de Benjamin que me inspirou a produzir esse projeto formativo com as professoras

1.2 VIDAS DAS PROFESSORAS NA PANDEMIA IMPORTAM

Para pensar as vidas das professoras na pandemia, encontrei na leitura do *Diário de Moscou*, escrito por Walter Benjamin, entre 1926 e início de 1927, uma visão histórica muito peculiar. Impulsionado por três motivos aparentes e retratados durante toda sua estadia na Rússia, Benjamin, nos coloca diante de uma outra possibilidade de se produzir uma narrativa sobre o tempo: um tempo vivido e de experiência.

Em 6 de dezembro, Walter Benjamin desembarca em Moscou, por três motivos: 1) encontrar com seu amor Asja Lacis, com quem tem um romance um tanto conturbado e confuso; 2) sua indecisão em filiar-se ao partido comunista, que para ele tinha ideias interessantes, mas ainda não clarificadas em seus objetivos; e 3) visitar a capital Russa que até então ele não conhecia.

Com uma narrativa pessoal, em primeira pessoa, Walter Benjamin consegue levar o leitor por outras vias, que não aqueles presentes em livros gerais de história, ao qual ele se apoia em um relato de viagem, escrito no dia a dia, enquanto visita, conhece as formas cotidianas de

vida dos habitantes russos. Sua maior ambição é o teatro e seu maior interesse é nas relações estabelecidas no seio da comunidade.

Desta narrativa, deparamo-nos com um pano de fundo, o contexto histórico da Rússia no período em que o diário é escrito, através das descrições dada pelo autor, de maneira indireta, explorando os detalhes expressos na arte e no modo de vida dos russos.

Cabe ressaltar que, o contexto russo, apresentado no diário, localiza-se no pós criação da URSS e da guerra civil, do domínio do exército vermelho e da NEP (Nova Política econômica). Então é um momento carregado de ideologias políticas, economia controlada pelo corpo estatal e cultura repressiva.

É nas feirinhas e nas vendas de mercadorias por ambulantes na rua que Walter Benjamin consegue estabelecer um panorama político, cultural e econômico desse país. Apresentando ao leitor, peças em voga, frequentada por pequenos burgueses (classe em ascensão) que ali frequentam e que representam peças que fazem propagandas ideológicas e de grande defesa do Partido Comunista e da mudança de um país rural feudal para uma relação internacional pautada na modernização.

Os pequenos burgueses e o novo modo de vida que surge com essa nova classe são altamente criticados por Walter Benjamin, ao qual identifica uma impessoalidade exagerada nos espaços das casas e nas relações sociais. Ele parte de sua própria experiência, visitando alguns conhecidos e sendo convidado para algumas reuniões. Dentro dessas casas, Benjamin consegue produzir uma narrativa das estruturas que compunham o espaço burguês da Rússia. Além disso, seu incômodo maior é a superficialidade e a tentativa dessa classe em estabelecer conexões sem desenvolver relações humanas significativas.

Sendo assim, em *Diário de Moscou*, Walter Benjamin insere uma narrativa histórica enquanto pano de fundo enquanto insere uma visão pessoal sobre sua experiência ao visitar a Rússia, mas na relação com a cultura mais ampla. Assim, apreendemos o cotidiano e a conjuntura política, cultural e econômica que futuramente irá anteceder os conflitos da Segunda Guerra Mundial.

Inspirado no *Diário de Moscou* e na conjuntura vivida pelas professoras na pandemia, encontrei inspiração para essa pesquisa. Foi inspirada no *Diário de Moscou* que pensei na produção de narrativas contextualizadas, especialmente no período da covid-19 até o ano de 2022, no qual já temos vacina e a pandemia está controlada. A covid-19 assolou a população mundial por quase dois anos, revelando as fraquezas do ser humano, nossa incapacidade de prever (como achávamos que éramos capazes) catástrofes que atingiram a vida humana e levou

até o presente momento em que escrevo cerca de 5,305.991 milhões de mortos no mundo, com 699.634 mil mortes no Brasil.

Esse vírus mudou nossas rotinas, nos fez reinventar as práticas sociais, pois tivemos que manter distanciamento social e em alguns períodos o *lockdown*, toque de recolher, levamos uma vida restrita à acessibilidade on-line; ficamos reféns das redes sociais e das tecnologias. Um estado de exceção se impôs a nós sem grandes avisos, nos despertando medo da nossa morte e das pessoas próximas. Uma gripe que matava fatalmente em dias.

Exigiu uma cooperação social em relação a respeitar as regras de distanciamento; a exaustão das nossas forças médicas dos hospitais (pois muitos entraram em colapso); além dos serviços funerários que, em determinado momento, também se viram sobrecarregados. Um período de quase três anos em que nos vimos afastados um dos outros, nossas relações sociais enfraquecidas, uma mudança na percepção do próprio tempo que se confundia, pois o ambiente de trabalho também era o ambiente doméstico.

A economia também foi afetada e as preocupações que assolam a mente do ser humano tiveram diversos motivos para se preocupar, entrar em desespero e, depois de tantas mortes, tantas perdas a completa indiferença e muitas vezes o sentimento de que nunca mais isso iria acabar.

Em diálogo com Marina Baitello (2020), em seu artigo “Walter Benjamin e a pandemia por coronavírus: reinterpretação do mundo”, a escritora reflete sobre as visões apocalípticas que Walter Benjamin tinha, ao pensar sobre a sociedade moderna, o sentido do progresso e o domínio das narrativas dos vencedores frente ao silenciamento dos “vencidos”. A questão inicial de sua reflexão: “Como será a narrativa do que está acontecendo hoje? Existirão vencedores reais após tantas perdas?”. Inclusive, coloca-a como uma questão que muito me assolou e me fez pensar na construção deste trabalho. O domínio dos vencedores, da narrativa única, da homogeneização das informações pelos acessos excessivos e massificadora produziu:

Muitas vozes que dominaram o espaço público, muitas autoridades, muitas opiniões, pois o desejo de destacar-se da massa vencida toma as mesmas proporções da própria pandemia: ninguém deseja ser um mero vencido em sua casa; todos precisam ditar condutas e opiniões de respeito em meios de comunicações e redes sociais. Todos desejam ter voz desesperadamente, em um momento no qual há muitas vozes ecoando ao mesmo tempo (BAITELLO, 2020, p.1)

Ao mesmo tempo em que a morte, na pandemia, se tornou um número, uma notificação, um gráfico no televisor, 2.000 mortos se tornaram notícia de manchete na abertura

do jornal. Uma banalização, ao mesmo tempo em que se tornava parte de um espetáculo, e nós nos tornamos telespectadores inertes, sem forças. Vivendo traumas cotidianos, sem ao menos poder sair de casa.

Ainda em diálogo com Baitello (2020), encontramos uma análise comportamental desse homem moderno:

Não suportamos o tédio, não suportamos nada que acreditamos poder ser abreviado e sempre acreditamos que qualquer sofrimento ou privação podem ser abreviados. O isolamento imposto pela pandemia é sentido duramente pelo homem moderno mecânico, que observa seu relógio funcionar e sente-se um pecador por não seguir seus ponteiros (BAITELLO, 2020, p.1).

Dessa reflexão, compartilho meu sentimento de culpa. No ano de 2020 no auge da pandemia, estava me encaminhando para o mestrado, muitas vezes lendo os textos, durante as aulas ou até mesmo quando comecei a me encaminhar para a escrita deste trabalho, me deparei com a desesperança, o medo, a angústia. Por que eu me preocupava em estudar? Se lá fora milhares de vidas eram levadas por essa doença? Vivíamos a inconstância e a incerteza e o medo do amanhã nem chegar para cada um de nós.

Parece fatalista, mas é somente a realidade que permeará as lembranças e as experiências de quem viveu esse período. E se fará presente nas palavras, nos fatos, nos relatos de tudo aquilo que buscamos na memória, a pandemia poderá aparecer enquanto um contraste de uma época em que nos vimos mudados e oprimidos por um acontecimento inédito em nosso século.

É nesse contexto, caro (a) leitor (a), que o projeto formativo foi desenvolvido com as professoras e a escrita da dissertação. Essa sensação de angústia não foi só minha, mas de um coletivo, inclusive as professoras trouxeram à tona essa insegurança, medo e indignação, em uma cidade pequena de quase cem mil habitantes, no interior do estado do Paraná, que registrou um índice alto de mortes na relação com a população local. Vamos conhecer o espaço público de atuação das professoras, local também onde essas narrativas são produzidas.

1.3 MOSAICOS COMEÇAM A SER CONSTRUÍDOS

Tínhamos algumas possibilidades de realizar os encontros em alguma das escolas em que atuávamos, na biblioteca ou na universidade. Porém, contei sobre o Laboratório de Ensino de História (LEHIS), da UNESPAR – Universidade Estadual do Paraná, e eles escolheram o lugar mais receptivo e acolhedor para nos reunirmos nos encontros do projeto formativo *Mosaico*.

O Laboratório de Ensino de História é um local para realizar atividades de ensino de

História com estudantes universitários. Devido aos programas de Residência Pedagógica e PIBID, além dos mestrados, este espaço ampliou seu alcance e vem sendo usado por grupos externos à universidade (como estudantes e professoras da Rede Básica de ensino; grupos sociais que constituem e fazem parte de pesquisas de mestrado).

É neste espaço do LEHIS que são produzidos materiais didáticos e paradidáticos, ampliando as possibilidades de produção de conhecimentos históricos-educacionais pela via dialógica, coletiva e colaborativa. Foi dentro desse espaço que nos reunimos quinzenalmente, no Laboratório de Ensino de História, no período de junho de 2012 a agosto de 2022, e de outras atividades como a exposição cultural, em outros dias. As reuniões foram coordenadas por mim, contando com a supervisão da Prof. Cyntia Simioni França. Assim, nossos encontros acontecem às quintas-feiras à noite, das 19 horas até às 21 horas. No total, foram 8 encontros, em que nos debruçamos sobre temáticas que envolviam o contato com a arte e a linguagem literária, ao mesmo tempo em que discutimos sobre nosso tempo e experiências de ser professor na pandemia.

Em relação às programações dos encontros foram mantidas, mas o fluxo seguiu uma ordem própria. Como naturalmente flui as coisas que partem da natureza humana. Muitas vezes ultrapassamos o horário delimitado. Também algumas vezes tivemos de alterar datas. Mas isso faz parte, as pesquisas não seguem um ritmo linear, controlável. Tudo é ditado pelo espírito e “ritmicidade” da vida das professoras e pesquisadoras. Em alguns encontros, resolvemos abrir com uma poesia, outras vezes, finalizamos com um trecho de conto ou romance, inclusive, muitas ideias foram das professoras, o que me deixava surpreendida. Foi um trabalho de muito envolvimento.

Fotografias 3: Grupo de formação de professoras “Mosaicos no LEHIS”



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2022.

Quanto às atividades formativas, apresentei várias possibilidades durante os encontros como diálogo com fragmentos literários, produção de poesias, elaboração de narrativas escritas e audiovisuais. Além disso, entreguei um caderno para cada professora levar para casa e, se sentissem à vontade, escrevessem mais intimamente suas opiniões, seu dia a dia e sobre o processo de formação. Esses cadernos não eram obrigados a serem devolvidos para a pesquisadora.

Foi estabelecido um acordo, de que, se as professoras se sentissem à vontade para me disponibilizar no final do grupo os cadernos, eu receberia, senão poderiam guardar para si como um registro desse processo formativo. Também conversei sobre a importância de compartilhar as narrativas produzidas com o grupo. Embora existisse um esboço da proposta formativa, mas os interesses deles e sugestões foram levados em conta.

Contei sobre a escolha de obras de arte e fragmentos literários para dialogarmos como alegorias na interface com ser professor na pandemia. Minha escolha está voltada para as imagens literárias e artísticas que me formaram como ser humano no decorrer da vida. Apostei na articulação das questões históricas, ao mesmo tempo que poderíamos nos relacionar com a arte e a literatura para representá-las de outras formas, como, por exemplo, produzindo leituras alegóricas (BENJAMIN, 1985), escapando de um discurso enrijecido e técnico que, muitas vezes, dificultam nosso relacionamento com os acontecimentos e narrativas sobre o tempo.

E em uma tentativa de produzir alegorias, uni discussões que nos cercam, sobre nosso contexto. Considero que muitos acontecimentos, às vezes, nos fogem da capacidade de narrar, pois nos tocam profundamente, preconizando nossos sentidos, e uma escrita aos moldes cartesianos acaba tornando excludente essas sensações. Muitas vezes, ao olhar para uma obra de arte, nos sentimos tocados (LARROSA, 2002) por aquilo que ela dispara em nossa memória; as nossas impressões, às vezes, são intransmissíveis, salvo se a transformamos em trechos literários. E, assim, o narrador toma outras dimensões e outras formas de dizer.

Ao trazer essa proposta, as professoras acolheram com entusiasmo. Apresento a fala da professora Sil Oliveira, durante nosso primeiro encontro, em relação a presença da literatura no projeto formativo: “(...) Nossa, me fez lembrar do meu gosto desde menina pela literatura, principalmente de romances”. Em seguida, a professora Flor de Lua também enfatizou: “Muito bom retomar um tempo para ler, esses nossos tempos de hoje, eu sinto que estamos em uma miséria intelectual muito grande.”. Essa questão com as obras de artes e fragmentos literários mobilizou as professoras em vários encontros com falas bastante sensíveis, entre elas:

A organização da sociedade hoje, privilegia apenas algumas classes,

enquanto outras não conseguem ao menos se relacionar com a arte, pois está trabalhando para manter suas necessidades mais básicas, isso representa uma estratificação do acesso à literatura. Sendo assim, enquanto professora, eu me pego reinventando minhas práticas e tentando ter acesso à cultura pelas brechas que encontro. Vejo a literatura, assim, como um facilitador para o conhecimento histórico. Faz muito “mal” para o aluno o professor que não lê. (Professora Flor de Lua).

A mudança que causou a ampliação da concepção estética-histórica, começa a aparecer no pensamento dos estudiosos a partir do século XIX e XX, com a interferência do sistema capitalista na formação social e cultural. Causando, assim, mudanças na percepção humana em relação ao espaço objetivo social da cidade:

Nas obras de Theodor W. Adorno e de Walter Benjamin, as reflexões sobre artes e práticas artísticas e as análises críticas da sociedade capitalista contemporânea são inseparáveis: seu pensamento estético não pode ser reduzido a uma doutrina do belo ou do gosto, mas alude sempre a uma crítica de alcance ético e político (GAGNEBIN, 2014, p. 121).

No desenvolvimento desta pesquisa, o contato com as obras de arte, buscam ressignificar as experiências das professoras no diálogo com a arte, sobrepondo-se, assim, à concepção da arte apenas como objeto de distração e percebendo-a como espaço de contemplação e reflexão. Em diálogo com *a obra de arte na era da reprodutibilidade técnica*, Benjamin nos inspira a trabalhar com a arte, visando a perda da aura da obra de arte, em função do avanço da técnica e o declínio da aura. A fotografia e o cinema, modificaram as formas de percepção do mundo, não sendo apenas negativas, mas ambivalentes (CUNHA, 2016).

Sob o estado de “desaturatização” da arte, colocado por Walter Benjamin, as obras de arte serviram como caminho de inspiração, para que as professoras encontrassem na via estética para tecer narrativas alegóricas e significativas para falarem sobre suas próprias experiências.

Nas artes plásticas contemporâneas, chama a atenção a ausência tanto de horizonte transcendente quanto da possibilidade de um olhar recíproco, orientado pela expectativa feliz de uma resposta. (...) A perda da transcendência também parece significar a perda de uma possibilidade de reconciliação entre os homens, que antigamente podiam se comunicar e se encontrar dentro de um “quadro” maior que o de suas pequenas individualidades particulares (GAGNEBIN, 2014, p.127).

Em um sistema social que segue o ritmo de produção e ganhos do capital, relacionar-

se com a arte tornou-se uma atitude de consumo. A expressão artística, assim, se molda pelos interesses de lucro de quem a produz. Seja destinado à classe alta, seja destinado à classe proletária, a natureza da obra de arte se perde em um processo de desenraizamento da produção. Não há mais uma natureza de unicidade, originalidade e naturalidade, a aura se desfaz, e do lugar, segundo Walter Benjamin, é “[...] a reprodutibilidade técnica da obra de arte que modifica a relação da massa com a arte” (BENJAMIN, 1985. p. 187).

Em Walter Benjamin, à contraponto da modernidade e seus efeitos, o sujeito moderno pode encontrar uma via de possibilidade, na tentativa de retomar a sensibilidade com o uso político da arte e sua relação com o mundo, pois Walter Benjamin amplia a noção de acesso massificado da obra de arte.

Se por um lado a obra de arte perde em profundidade, devido a necessidade de alta produção, para ser popularizada, o aumento de acesso da população proletária permite que mais pessoas tenham acesso à arte, e se tiver consciência desta experiência estética, amplia seus horizontes estéticos e de formação política do indivíduo. Acessando, assim, a arte pelo sentido e pela emoção, desvencilhando-se da concepção usual e fantasmagórica da arte como distração e entretenimento; pelo narrar e na rememoração que acolhe memórias voluntárias e involuntárias.

Essas imagens involuntárias, inconscientes, efêmeras e fulgurantes irrompem no texto por meio de sensações táteis ou olfativas, isto é, são oriundos dos sentidos ditos “primitivos”, dos sentidos presentes na criança. (...) à memória e ao inconsciente que reintroduz – na temporalidade truncada da vida pós-moderna – a dimensão abissal no tempo (GAGNEBIN, 2014, p. 130).

A dimensão temporal e de experiência do sujeito moderno é moldada e controlada pelas regras do mercado. O corpo e a mente estão à serviço da produção e por extensão do consumo. Ao tentar ressignificar nossas experiências com a arte, confrontamos nossa própria condição moderna. Apresento um fragmento, pelo qual Fernando Pessoa define a experiência estética do sujeito, uso das palavras dele, caminho de entendimento para minha proposta:

*“Por arte entende-se tudo que nos delicia sem que seja nosso - o rastro da
passagem, o sorriso dado a outrem, o poente, o poema, o universo objetivo.*

*Possuir é perder. Sentir sem possuir é guardar, porque é extrair de uma coisa a
sua*

essência. (...)

Cada um pode ser tudo, porque aqui não há limites, nem até lógicos, e gozamos, no

convívio de vários eternos da coexistência de diferentes infinitos e diversas eternidades.”.

Walter Benjamin retoma a experiência histórica na relação com a cultura dentro do sistema capitalista, analisando alguns veículos de reprodutibilidade que reconhecemos como arte. A proliferação das imagens, a possibilidade de correção das falhas ao tentar representar um papel, o número quase infinito de imagens geradas na composição de um cinema, produziu, segundo Benjamin um “Universo Carcerário” de sensações, que inibem o sujeito de uma percepção sensível normal.

O que podemos perceber olhando ao nosso redor é que consumimos muitas músicas, muitos *best-seller* e filmes “hollywoodianos”, mas ao parar para refletir, podemos fazer a seguinte questão para nós mesmos: Como nos relacionamos com esta arte? Como esta arte está presente na nossa vida? E como podemos nos relacionar com ela de maneira que possamos produzir sentidos coletivos e profundos?

Entendo que é a partir da acepção benjaminiana com a arte e a experiência estética do sujeito pautada na defesa de uma cultura mais vital que nos é permitido nos relacionar com o mundo e na produção de significados sobre ele, estabelecendo conexões significativas e extemporâneas, resultando na relação política e subversiva. Walter Benjamin percebeu que a “problemática da transformação dos produtos culturais em mercadorias significava uma transformação da relação do presente com os usos e desusos do passado e, notadamente, com aquilo que consideramos como legado cultural do passado”. (GAGNEBIN, 2014, p. 199).

E então nós voltamos para a tradição e “transmissão”, decadência e progresso. Ironicamente é a ascensão do progresso que resulta na decadência estética do sujeito moderno, mas, por outro lado, a modernidade capitalista:

É compreendida como processo do qual todos participam ativamente, sem se fundar sobre eles ou apesar de deles. As práticas culturais não são produto das práticas econômicas, mas expressão e instituição destas. Assim, visto que as práticas culturais, sociais, políticas e econômicas se relacionam entre si de forma a se constituírem reciprocamente, as culturas modernas engendram o capitalismo, ao mesmo tempo que são engendradas por ele. Portanto a modernidade, da qual fala Benjamin, está situada historicamente, mas não pronta e acabada, pois é construção histórica e coletiva (BENJAMIN, 2016, p. 66).

Jeanne Marie Gagnebin (2014, p. 204), retoma, pela concepção benjaminiana, a ideia de “atualidade plena” e “[...] pressupõe que o presente esteja apto para acolher esse ressurgir, reinterpretar a si mesmo e reinterpretar a narrativa de sua história a luz súbita e inabitual dessa

irrupção.”. (GAGNEBIN, 2014, p. 204).

Ampliamos, assim, nossa concepção de tempo, nos tornamos mais plásticos, no sentido de que, mais sensíveis, conseguimos compreender melhor um maior espaço de reflexão e movimentação do espírito histórico que não pode ser moldado ou limitado.

A temporalidade do passado não se reduz mais ao espaço indiferente de uma anterioridade que precede o presente na esteira monótona da cronologia. Pelo contrário: movimentos esquecidos do passado e momentos imprevisíveis do presente, justamente porque apartados e distantes, interpelam-se mutuamente em imagem mnêmica que cria uma nova intensidade temporal (GAGNEBIN, 2014, p. 204).

Estabelecer relações com a arte, pela via estética, nos ajuda a escapar do enrijecimento do tempo da História Universal, ideal esse que tenta englobar uma cultura única e global de massa e de conceber a história e a memória, como “algo” que serve para meio de acúmulo. O mal-estar contemporâneo se configura enquanto uma doença coletiva:

As razões dessa doença não jazem na má vontade pessoal dos indivíduos, mas no desenvolvimento do capitalismo que se caracteriza por uma aceleração ímpar da técnica, agora promovida a racionalidade dominante (o que acarreta a impossibilidade de elaboração tranquila dessas mudanças por qualquer pessoa), e por um isolamento crescente dos indivíduos no seio de uma multidão anônima e apressada (GAGNEBIN, 2014, p.210).

Em uma sociedade massificada e homogeneizada, que vive a cultura de vidro, em que estamos sendo expostos, observados, acompanhados pelas redes sociais, pelos programas televisivos denominados “*reality show*”, nos deparamos com um mundo abstrato, em que o nosso corpo se torna uma máquina, cada vez mais neutros em nossas sentimentalidades. Nossas experiências não encontram espaço na sociedade lógica e tecnicista da contemporaneidade. Esbarramos em um adoecimento do contato e o declínio das experiências pessoais. Somos constituídos por ausências.

Na parte III - “Modernidade e fetiche: experiências no tempo”, do livro *Benjaminianas* (2010), Olgária Matos nos apresenta, ainda, dentro das consequências desta contemporaneidade objetificada, a “saturação cognitiva”, perspectiva que motivou pensar o trabalho de formação de professores para além de resultados, dando ênfase no processo que realizávamos durante os Mosaicos indo ao encontro a esse acúmulo de conhecimentos sem significados profundos:

Figuras do tempo reificado e morto do trabalho reificado e morto do trabalho, alienado, repetitivo, automático, absurdo, cuja expressão cultural apresenta um déficit criador devido à inflação de mercadorias e informações, isso não significa ter informações a mais, porque o tempo para transformá-las em compreensão e experiência, não aumenta proporcionalmente, o que prejudica a vida intelectual e afetiva (MATOS, 2010, p. 175).

No processo de produção de conhecimento histórico-educacional no grupo do Mosaicos, muitas vezes me deparei com a necessidade de encurtar, resumir ou até mesmo excluir passagens literárias, para que o professor conseguisse “encaixar” em sua rotina a literatura e a obra de arte. A dificuldade de atender as demandas impostas pelo tempo corrido da modernidade, nos impede de nos aprofundar genuinamente em atividades do ócio que não geram lucro, quase podem ser retiradas de nossos interesses, pois não são rentáveis. Nos tornamos escravos do tempo, sacrificando alma e corpo.

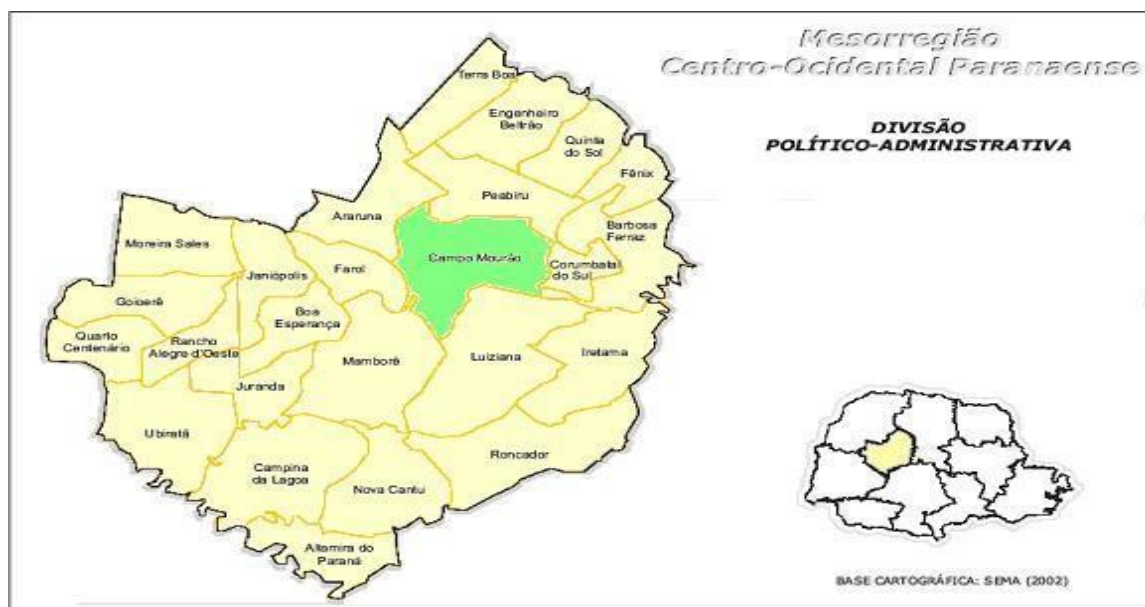
Isso me faz pensar nas consequências que estamos assumindo para nós, mesmo que o presente nos dê a sensação de parecer preenchido, mas na lembrança, ele se torna um tempo vazio, pois, ao olharmos para trás, os significados se esvaíram com a mesma efemeridade que constitui o tempo com o intuito de nos policiarmos para não cairmos na armadilha do tempo linear, fomos encontrando pela brecha possibilidades outras de burlar o sistema maquínico junto com as professoras. Aceitando o convite de Benjamin para uma pesquisa ao contrapelo das tendências “no interior das sensibilidades modernas, não necessariamente negando as potencialidades que a modernidade apresenta, mas buscando ou construindo brechas que fomentem outros sentidos da produção de conhecimento” (CUNHA, 2016, p. 66).

Na próxima conversa, convido o (a) leitor (a) a conhecer o espaço público de atuação das professoras.

1.4 ESPAÇO PÚBLICO DE ATUAÇÃO DAS PROFESSORAS

É na cidade de Campo Mourão em que foi realizado o projeto de formação *Mosaicos* e o local de atuação dos docentes, nas escolas municipais e estaduais. Ela é localizada no interior do estado do Paraná, na Mesorregião Centro Ocidental Paranaense.

Mapa 1: Mapa da cidade de Campo Mourão- Paraná



Fonte: <http://janelaparaahistoria.unespar.edu.br/etapa1caso1.html>. Acesso em: 10 ago. 2022.

A história de Campo Mourão é disseminada por narrativas locais que privilegiam uma história de “desbravadores” colonizadores que colonizaram e representam um processo de “civilização” do território. Começando, assim, uma história mourãoense iniciada entre os anos de 1903 a 1910, com a construção e fixação de moradias por algumas famílias. É preciso considerar que antes desses ditos colonizadores:

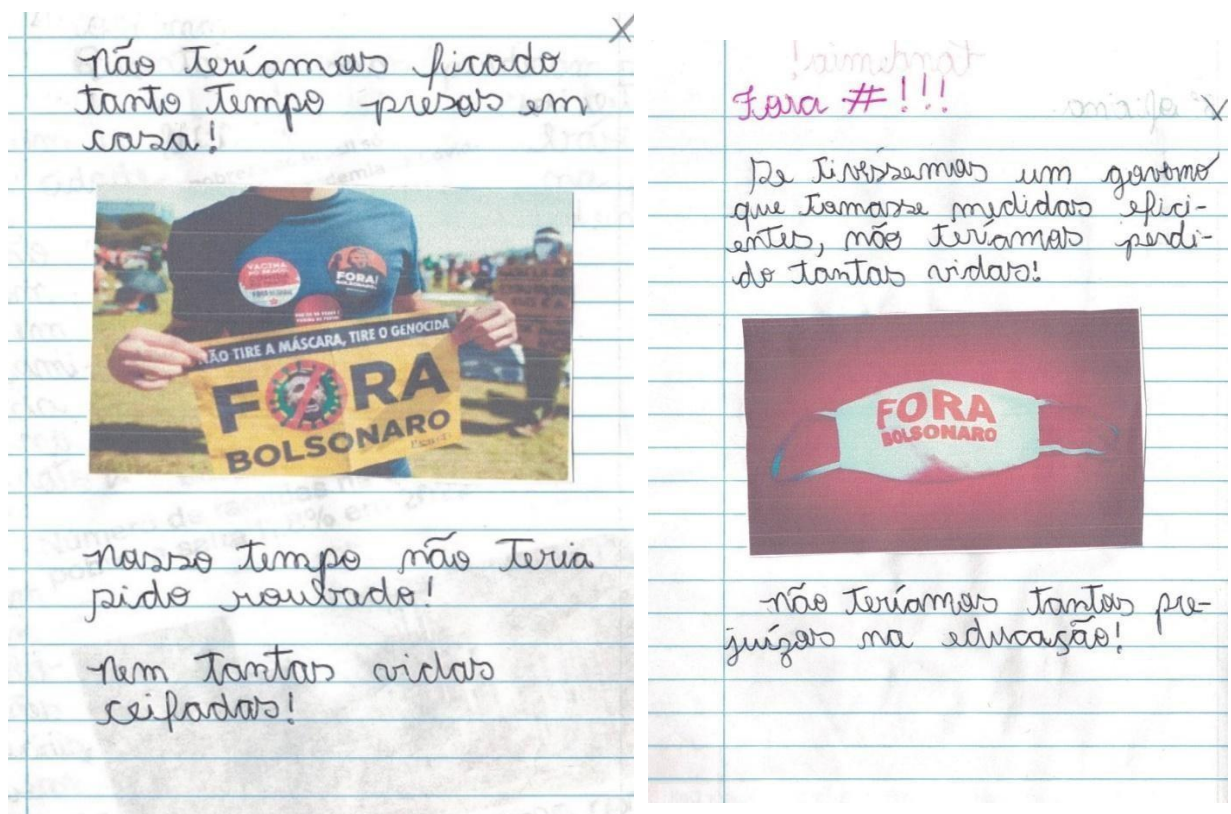
Podemos dizer que o processo da ocupação da região Oeste ocorreu em quatro etapas. A primeira, e mais antiga, decorre da ocupação pelos índios que se espalharam também por todo o território do continente sul-americano. A presença desses grupos indígenas, como Xetá, Kaingang e Guarani, foi notada no processo mais recente da colonização, fazendo com que essa população fosse mais uma vez reprimida (PRIORI, 2012, p. 02).

Sendo assim, a história contada inicia-se com muitos apagamentos de outras existências que não aparecem nem ao menos de maneira significativa, no museu de nossa cidade e livros locais. Para a justificativa dessas invasões, construiu-se uma concepção de “vazio demográfico”, que deveria ser ocupado por uma colonização pioneira. Acho importante destacar esses apagamentos dentro deste trabalho, pois as histórias que nos contam parte da ideia de um vencedor, forte, conquistador e não devemos nos curvar perante essas ditas conquistas, apagando nossos espaços e falas. Walter Benjamin nos lembra que devemos começar a escrever histórias outras, a partir da visão dos “vencidos”, vindo no movimento contrário da história dita progressista e vencedora.

Por isso, muitas vezes voltamos nossos olhos para os grandes acontecimentos, e

esquecemos que, por detrás dessas grandes pessoas triunfantes, temos outras vidas que deixaram de existir para que estas estivessem no topo. Nesse sentido, não podemos esquecer que a pandemia aqui alcançou a casa de muitas pessoas, novamente por conta de narrativas hegemônicas que continuam privilegiando apenas a classe social elitizada. Nesse trabalho trazemos narrativas a contrapelo do que as mídias e governo federal e estadual narraram para a população, como nos lembra a professora Maia.

Figura 3: Caderno da professora Maia



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2022.

A elaboração do projeto formativo *Mosaicos*, em 2021 aconteceu em meio a pandemia, eu já tinha feito o estágio de modo remoto, depois entrei no mestrado com aulas assíncronas e síncronas. Conversando com colegas de sala, professores e com minha orientadora, sobre os efeitos da pandemia em nossas mentes e corpos, percebi a necessidade de ouvir aqueles que ainda conseguem narrar o incontável, diante de tantas perdas e luto.

Visto que o inimigo nunca cessa de vencer (BENJAMIN, 1985) e aqui somos nós que ficamos atônitos, sem fôlego para falar diante do discurso dos governantes e de seus noticiários.

Fomos vendo os destroços e a catástrofe aumentarem na nossa frente, dia após dia, pelo desejo de continuar o progresso em primeiro lugar, até porque parar no tempo para vencer um vírus e perder dinheiro. Tempo é dinheiro. Mas o tempo “perdido” no contexto escolar, não salva vidas? Foi pensando nisso que pensei quem está disposto a ouvir essas narrativas sensíveis? Às vezes tão dolorosas que não são suportadas ao serem expressas? Fomos ensinados a compartilhar as vitórias, as alegrias, mas agora somos pegos de sobressalto, a morte bateu em nossa porta, essa doença nos fragilizou e como narrar essa experiência traumática? O que fica dessa experiência?

Convido, caro (a) leitor (a), conhecer duas narrativas que surgiram quando falamos das perdas que tivemos durante a pandemia no grupo de formação *Mosaico*. A professora Maia compartilha que, na pandemia:

tivemos uma grande dificuldade em atender muitos estudantes, pois até mesmo as mães não tinham muito tempo para buscar atividades, ou até mesmo auxiliar em casa nos deveres. E, mesmo fora da hora de trabalho, eu atendia muitas mães que me mandavam mensagem pois estavam com dificuldade em entender algum exercício. Havia, porém, uma mãe muito dedicada que sempre me procurava e tentava manter em dia as atividades da filha. Um dia ela sumiu, e eu fiquei preocupada em saber o que estava acontecendo... descobri então que o pai da minha aluna havia contraído covid e a mãe estava cuidando dele, não tinha muito tempo para ajudar a filha. Porém, o tempo foi passando e ela não voltava. Até que recebemos a notícia de que ela havia contraído a doença do marido e foi a óbito. Fiquei sem reação. Quando algumas atividades voltaram para o presencial, minha aluna também voltou para a sala de aula, e eu não sabia o que dizer a ela, não sabia como ela estava se sentindo. Pedi para que eles fizessem um desenho, e ela desenhou sua família e no lugar de sua mãe ela colocou uma estrelinha.

(professora Maia)

O que fazer depois de escutar uma narrativa, enquanto pesquisadora me questionava, como lidar com narrativas de luto, de dor, sofrimento? Outra professora, a Flor de Lua, partilhou uma inquietação e angústia, chamando a atenção de que ainda não paramos para pensar:

como ficaram nossos alunos depois da pandemia: “Para muitos, a escola é uma casa e uma proteção, muitas vezes ali na aula, os alunos vinham e contavam que estavam passando por situações difíceis em casa. Encontravam em nós lugar para desabafar. E, aí, um dia aparece no noticiário que os casos de abuso sexual em crianças e adolescentes haviam aumentado durante a pandemia, assim como agressão às mulheres”. Ela reflete muito sobre isso, e diz: “Como estavam meus alunos? A convivência dentro de casa? Será que um dia aqueles que estão sofrendo e se sentem abandonados por nós professores ... será que eles um dia vão nos perdoar?”. (professora Flor de Lua)

Essas duas narrativas desestabilizaram o diálogo, embargaram nossas vozes. Sabemos que essas questões caracterizam nossa natureza humana, são nossas inquietações e sensibilidade que nos move. Essa nossa relação com o mundo, as formas de tentar entendê-lo e nos relacionar com ele possibilita reconhecermos nossa existência e presença no mundo, como nos constituímos perante nossas interações com tudo ao nosso redor e na relação com o outro. É através dessa busca (in) consciente e (ir) racional da realidade que conseguimos nos reconhecer espaço e temporalmente falando.

Sendo assim, enquanto vivemos fluxos, somos compostos de passagens e experiências fruto das relações que temos uns com os outros, que nos formam enquanto sujeitos históricos e sociais; no processo de relações com o ambiente (tanto social, quanto natural); com nós mesmos (por uma perspectiva individual) e com o social (coletividade; relações de troca de experiências), onde estabelecemos contatos e criamos redes de relações significativas e nos orientam na “cotidianidade”. Dessa forma, o sujeito busca se conhecer e se (trans) formar com as relações de experiências que o atravessam durante a sua vida.

No entanto, ao pensar na modernidade capitalista, em diálogo com o filósofo Walter Benjamin (2007), percebo que o sujeito moderno está no movimento contrário às condições acima citadas, pois, em sua maioria, está vivendo preso a um tempo ligado a lógica mercantil, mesmo com a pandemia e ao excesso de informações (pronta e acabada, ligadas ao processo de globalização), que não se baseiam nas relações humanas orgânicas, num movimento de dentro para fora, especialmente as *fakes News*. Transforma o eu moderno em um produto de exibição, que segue o fluxo do mercado e produção e o consumo material, em que tudo objetifica e atribui valor de compra e venda. Isso não foi diferente nem mesmo nos tempos pandêmicos.

Esse modo de viver, retira do humano, suas potencialidades mais intrínsecas a sua forma de se relacionar com o mundo, através da sensibilidade e do olhar provocando uma padronização das trocas subjetivas, ao qual são produzidas subjetividades plásticas, instantâneas e projetadas para a exibição e performance de identidades à serem exibidas para a sociedade, sendo concebido enquanto objeto/mercadoria e não sujeito da e na história (THOMPSON, 1981), sufocando suas qualidades enquanto pessoa singular e impulsionando-o ao processo de massificação amorfa servindo como pessoas “dóceis” ao sistema global.

O enfraquecimento estético da percepção, apontado como problema da vida moderna é desenvolvido nas teses sociológicas do autor George Simmel. Em seus escritos sobre a sociedade, o dinheiro e a lógica capitalista encontrados em seus trabalhos no final do século XX, constrói-se um tecido analítico, apontando para uma transformação radical na formação

psíquica, nivelada pelo valor do dinheiro, modificando internamente o comportamento do indivíduo:

O dinheiro se refere unicamente ao que é comum a tudo: ele pergunta pelo valor de troca, reduz toda qualidade e individualidade à questão: quanto? Todas as relações emocionais íntimas entre pessoas são fundadas em sua individualidade, ao passo que, nas relações racionais, trabalha-se com o homem como com um número, como um elemento que é em si mesmo indiferente (SIMMEL, 1973, p.13).

No ato de olhar o espaço da totalidade, a partir dessa racionalidade objetificada, o sujeito tem um olhar corriqueiro, superficial e indiferente, desembocando no estado de distração ou completa indiferença, denominado por George Simmel de atitude “*blasé*”, ou a incapacidade de reagir aos inúmeros estímulos/sensações com a energia apropriada. Essa atitude deriva da base psicológica do indivíduo no aumento intensificado “[...] dos estímulos nervosos, que resulta da alteração brusca e ininterrupta entre estímulos exteriores e interiores”, (SIMMEL, 1973, p. 12), causando uma fuga para reações despersonalizadas e lógicas, assim a relação com a realidade “[...] é transferida àquele órgão (cabeça) que é menos sensível e bastante afastado da zona mais profunda da personalidade”. (SIMMEL, 1973, p. 12). O autor centraliza sua discussão a partir da perspectiva do valor do dinheiro, porém, analisando o contexto em que vem sendo escrito este trabalho, amplio essa concepção para um valor de mercadoria para além das relações mercantis e adentrando na vida pessoal e na formação subjetiva, sensível e estética do sujeito, mesmo em tempos pandêmicos.

Em diálogo com Simmel (1973): “[...] o dinheiro, com toda sua ausência de cor e indiferença, torna-se o denominador comum de todos os valores”, acarretando na “desvalorização que, no final, arrasta inevitavelmente a personalidade da própria pessoa para uma sensação de igual inutilidade” (SIMMEL, 1973, p. 16), pois suas expressões só terão valor e serão reconhecidas se estiverem sendo oferecidas em forma de mercadoria e gerando lucro. Coloca o indivíduo no estado de lugar nenhum, solitário, perdido em meio à multidão.

Assim, o próprio sentido de observar a vida está contido no olhar desviante, buscando distância e conforto, enquanto se despersonaliza, indiferente ao mundo, pois as informações instantâneas se esvaem com a mesma rapidez com que surgem, impossibilitando o viver experiências profundas e enraizadas em um tempo significativo. Com isso, faz com que o sujeito seja educado, para que suas sensibilidades se coloquem indiferente aos acontecimentos, com frieza em relação ao outro devido ao embotamento de experiências sem

significados e ao acúmulo quantitativo, mas sem relações com caminhos significativos, ou seja, são formados por vazios existenciais (BENJAMIN, 2007; SENNET, 1988).

Porém, essa discussão não se limita discutir os impropérios, mas buscar atitudes subversivas que vão ao encontro a essa ordem primeira, por isso, destaco:

Uma vez que tais forças da vida se estenderam para o interior das raízes e para o cume do lado da vida histórica a que nós, em nossa efêmera existência, como uma célula, só pertencemos como uma parte, não nos cabe acusar ou perdoar, se não compreender. (SIMMEL, 1973, p. 25).

Considero importante o uso dessa compreensão de nossa condição moderna, a favor de uma reconciliação com nosso modo de pensar, de viver e de conhecer a vida, não ficando só no ato de negativizar nossas condições de vida atuais, mas usar delas para refletir e escrever narrativas históricas ligadas ao nosso viver e às nossas experiências pelas brechas do sistema; debruçando o olhar para as ações passadas na relação com o presente para construir referenciais culturais profundos e enraizados para caminhos vindouros.

Precisamos escapar da sensação do tempo presente inflado e acumulativo, saturado que não permite uma afirmação do ser, pois promove vivências instantâneas do agora que sempre precisam ser atualizadas e nunca permanecem. São *flashes* do agora, mas que desaparecem logo em seguida, para dar espaço a outra foto do mesmo agora, com alguns minutos à frente. Os segundos se transformaram em passados com raízes curtas demais para permanecerem, e dar sentido à duração.

Walter Benjamin¹⁵ reflete sobre essa condição moderna do sujeito em diálogo com Simmel e Charles Baudelaire. O filósofo estabelece que, após a Revolução Industrial, com o crescimento do mercado e das relações capitalistas, que adentram a modernidade, modificaram-se as relações do homem com o tempo em que vive, assumindo uma rotina no ritmo do mercado. Para Jeanne Marie Gagnebin¹⁶, seguindo a teoria benjaminiana, “a lei do capitalismo instaura um nivelamento universal que ameaça transformar a experiência mais sublime numa nova mercadoria lucrativa” (GAGNEBIN, 2014, p.43). Assim, nossas narrativas se perdem em um mar materialista e superficial, no qual prevalece o valor de troca e venda. A partilha, o diálogo, as relações mais profundas ficam em um segundo plano, esquecidas.

¹⁵ Livro *Passagens*, traduzido e publicado no Brasil em 2007.

¹⁶ Jeanne Marie Gagnebin de Bons é uma professora, filósofa e escritora suíça, residente no Brasil desde 1978, especialista em Walter Benjamin.

O sociólogo Richard Sennet (1988) vem se preocupando com os efeitos da modernidade na constituição dos sujeitos e destaca o declínio do domínio público, pelo impacto causado pelo processo de industrialização. O sujeito vem perdendo, com o avanço da modernidade capitalista, o contato com o outro e consigo mesmo, engajado em uma sociedade estratificada, pois tem em si a organização social pautada no isolamento mútuo das classes sociais na cidade (SENNET, 1988), que glorifica uma vida material, na qual os valores dos sujeitos se veem intrínsecos aos objetos.

Por conta do impacto do capitalismo industrial, que reconfigurou as bases sociais e homogeneizou âmbitos que antes possuíam a sua essência na subjetividade e na coletividade, a vida material ultrapassa as experiências pessoais, transformando tudo em mercadoria. Colocando, assim, questões sensíveis para se perceber a mistificação da vida pública e a perda da troca das experiências coletivas (BENJAMIN, 1985). O filósofo preocupa-se com o avanço da modernidade capitalista e questiona:

Quem encontra ainda pessoas que saibam contar históricas como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração? Quem é ajudado, hoje por um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência? (BENJAMIN, 1985, p. 114).

Walter Benjamin (1985) identifica a pobreza da experiência e o declínio da narrativa considerando que o racionalismo instrumental molda nossa forma de lidar com a vida, transformando-nos em “bárbaros”, adquirindo uma planície imóvel e superficial, pois imitamos as propriedades do vidro: lisa em sua superfície, duro, nada se fixa, frio e sóbrio. Adquirindo uma recusa em se assemelhar à natureza humana.

Essa nova forma comportamental do sujeito moderno, constrói relações artificiais, buscando adequar-se ao tempo não pelas necessidades de suas experiências sensíveis, mas, de acordo com o ponteiro do relógio que, dia após dia, dita a vida que deve ser vivida pelas leis da produção material das “coisas”.

Puxando para os tempos atuais, agrego aqui o domínio das tecnologias nas nossas vidas, pois, hoje, queremos ser semelhantes às máquinas, adquirir sua objetividade e sua “perfeição”, abandonar nossa natureza e migrar para as propriedades frias e gélidas dos sistemas da *internet* e das tecnologias contidas nos dispositivos eletrônicos que nos acompanham diariamente.

Nos tornamos, muitas vezes, robôs e reféns da rotina, de uma vida que serve a um sistema fundado no valor material dos objetos e não nos sobra tempo para relações simples, que expressam um lado essencial da formação sensível e humana. Quando, nesse tempo corrido e

demarcado para o trabalho e o lazer, paramos para constituir conversas profundas, sem olhar o relógio ou responder mensagens eletrônicas? Ouvir e aprender com os mais velhos, seus provérbios, ditados, causos? E para ouvir os mais jovens? Suas dificuldades com a vida, mas também os caminhos que estes já estão traçando? Há quanto tempo nós mesmos não narramos algo sem medo de “perder tempo”? E mais: Há quanto tempo simplesmente não paramos para ouvir alguém? Será que a pandemia agravou a perda da experiência coletiva? Será que as professoras irão conseguir narrar as experiências vividas na pandemia sem embaraços? O que as professoras narram sobre ser professor na pandemia? Será que ficou perdido com o tempo? Questões que nos fazem ir aos limites do pensamento e abrir novas possibilidades para refletir sobre o que ocorre entre nós seres humanos, especialmente em um período pós pandemia¹⁷.

Maria Carolina Galzerani (2021) levanta como possibilidade estilhaçar algumas das tendências racionais instrumentais modernas, ou mesmo radicalmente modernas (GALZERANI, 2021, p.179), consumadas em nossas práticas cotidianas e que não nos permite levantar muitas das questões citadas acima:

[...] Problematizar a continuidade catastrófica de dimensões como a linearidade, a visão progressista destituída de contradições e ambivalências, as homogeneizações, as compartimentalizações do social, as dicotomias (entre dimensões, tais como, interior e exterior, significante e significado, verdade e aparência), as hierarquizações dos saberes, o distanciamento da subjetividade do pesquisador, ou, em outro extremo, a sua subjetividade radical, dentre outras tendências (GALZERANI, 2021, p.179).

Fomos educados na modernidade para nos distanciarmos da sensibilidade, prezar pelo rigor científico e deixar de lado as experiências mais profundas que nos constituem, pois não interessam, o que importa é o discurso “lúcido”, pautado em evidências técnicas, desprovidos de relatos da vida cotidiana, pois as experiências foram descartadas do mundo acadêmico, sendo consideradas “senso comum” e tornam, assim, tudo que produzimos impessoal, distante de nós mesmos, formado por racionalismo instrumental/técnico. Thompson instiga pensar para além da instrumentalidade do conhecimento, o desenvolvimento das relações, a partir do conhecimento mais aprofundado em relação às experiências do sujeito:

Toda educação que faz jus a esse nome envolve a relação de mutualidade, uma dialética, e nenhum educador que se preze pensa no material a seu dispor como

¹⁷ Considerando neste trabalho o período de pós-pandemia, o momento de transição que estamos voltando a “normalidade” da vida sem o distanciamento social. Esse relaxamento é graças a vacinação dada para toda a população. Porém, não representa o fim da doença, ainda estamos tendo que nos cuidar e alguns lugares ainda exigem o uso de máscara. nesse processo se apropria do vivido e o sintetiza; é um saber que se adquire em situações diversas, objeto da práxis, conseguida por observação e acessada pela recordação.

uma turma de passivos recipientes de educação. Mas, na educação liberal de adultos, nenhum mestre provavelmente sobreviverá a uma aula — e nenhuma turma provavelmente continuará no curso com ele — se ele pensar, erradamente, que a turma desempenha um papel passivo. (...) A experiência modifica, às vezes de maneira sutil e às vezes mais radicalmente, todo o processo educacional; influencia os métodos de ensino, a seleção e o aperfeiçoamento dos mestres e o currículo, podendo até mesmo revelar pontos fracos ou omissões nas disciplinas acadêmicas tradicionais e levar à elaboração de novas áreas de estudo (THOMPSON, 2002, p. 13).

Edward Palmer Thompson, em sua obra *Os Românticos: a Inglaterra na era revolucionária*, apontou o crescente distanciamento entre educação e experiência, afirmando que a educação se apresenta “como uma baliza mais longe, para fora, do universo da experiência no qual se funda a sensibilidade” (THOMPSON, 2002: 32). O historiador inglês denuncia a não aceitação da experiência como parte de saberes e mais do que isso, as práticas educativas que expulsam os conflitos no interior das culturas escolares ou de formação. “Se a experiência está expulsa, qual imagem de sujeito que se configura nessa paisagem da docência?” (CUNHA, 2016, p. 35).

Walter Benjamin questiona: “[...] qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós?” (BENJAMIN, 1985, p. 114). Nossa pobreza se situa aí, na negação da nossa forma de se relacionar com a realidade e com os outros, na formação sensível do sujeito (e suas expressões), nas profundidades estabelecidas no coletivo para imitarmos objetos que se concentram na sua superficialidade, que não têm profundidade, pois toda sua essência está contida no plano superficial e nada para se olhar dentro.

E o que resulta de toda essa pobreza? O sujeito moderno vive um estado de barbárie que “o impele para a frente, a começar de novo, a contentar-se com pouco, a construir com pouco, sem olhar nem para a direita nem para a esquerda” (BENJAMIN, 1985, p. 144). O estado de barbárie, surge em solo fértil da técnica, se caracteriza como lugar onde a experiência sucumbe, enquanto a atitude de comodidade floresce, dando lugar à miséria cultural moderna. Assim, na ideia de Estado de barbárie, localiza-se o espírito coletivo confesso e aceito da sociedade, da ignorância acerca do seu próprio processo de construção, constituindo, assim, uma caminhada coletiva alheia às formas da realidade.

E por que bárbaras? Seria como se estivéssemos dentro de um modelo da realidade como um todo, que, dentro de sua estrutura, estariam contidas instruções de como agir de acordo com estímulos programados, sem precisar internalizar sentidos mais profundos em suas ações. Assumimos uma “cultura de vidro”, nos transformamos em sujeitos vítreos, expostos em

que nada temos a contar, porque, diariamente, estamos, assim como as vitrines das lojas que permeiam as ruas das cidades, mostrando o que há em nosso interior. Dessa forma, os sujeitos não “aspiram a novas experiências, - mas buscam libertar-se delas” – aconchegando-se numa existência rasa, que basta a si mesma e liberta da cultura. Benjamin entende que nem sempre eles são

(...) ignorantes ou inexperientes. Muitas vezes podemos afirmar o oposto: eles “devoraram” tudo, a “cultura” e os “homens”, e ficaram saciados e exaustos: “Vocês estão todos tão cansados – e tudo porque não concentraram todos os seus pensamentos num plano totalmente simples, mas absolutamente grandioso”. Ao cansaço segue-se o sonho, e não é raro que o sonho compense a tristeza e o desânimo do dia, realizando a existência inteiramente simples e absolutamente grandiosa que não pode ser realizada durante o dia, por falta de força” (BENJAMIN, 1985, p. 116).

Muitas vezes, ao pensar em nossas condições de existência suscitamos a imagem alegórica dada por Bernardo Soares (heterônimo de Fernando Pessoa), que enclausurado pela condição cidadina, vê o jardim presente nas cidades como algo plástico e artificial, como:

“(...) na cidade, regrados mais úteis, os jardins são para mim como gaiolas, em que as espontaneidades coloridas das árvores e das flores não têm senão espaço para o não ter, lugar para dele não sair, e a beleza própria sem a vida que pertence a ela”. (Bernardo Soares, heterônimo de Fernando Pessoa, presente no *Livro do Desassossego*).

Sem perceber o mundo ou concentrar-se em refletir sobre suas formas de conhecimento, indagar-nos: o que conhecemos? Como nos conhecemos? Para que nos conhecemos? E depois, uma questão mais ampla e ousada: O que fazemos com esse conhecimento? Questões mais profundas a realidade em que vivemos, não baseada no tempo maquínico, mas que falem sobre nossas identidades, nosso caráter, sobre decisões e escolhas, caminhos que traçamos e experiências que já vivemos, que só podem aparecer no diálogo, no “bate papo”, do ambiente reconfortante e coletivo.

De que adianta prezarmos pela formação científica acadêmica, se quando esgotamos todas nossas “referências bibliográficas” e autores renomados, não sabemos o que fazer com nossos conhecimentos tão amplos, mas pouco aprofundados distanciado das nossas experiências. Nos baseamos na descrição da realidade de maneira mecânica e racional, mas não ligamos aos usos desse conhecimento em relação ao dia a dia.

Pelo contrário, nossas formações estão puramente racionalizadas, em planos materiais; nós não nos perguntamos, ao final de um livro: “Como ele me afeta diretamente?”, mas nos perguntamos: “Como posso recortá-lo e transformá-lo em uma parte do meu trabalho?”.

“Ficamos pobres em experiências no sentido do *Erfahrung*.¹⁸” Abandonamos uma depois da e outra todas as peças do patrimônio humano, tivemos que empenhá-las muitas vezes a um centésimo do seu valor para recebermos em troca a moeda miúda e “atual”. (BENJAMIN, 1985, p. 116)

Estamos num estado em que a experiência nos é subtraída, seguindo um movimento acelerado e de acúmulo de conhecimentos vazios de ligações com nossa subjetividade, em que nos distanciamos também das ligações com o tempo passado, pois esse se transforma no máximo em mercadoria a ser consumida ou em artefato a ser armazenado em museus, galerias e coleções, recriado de maneira estetizada. Um acúmulo exagerado e sem significado, que infla, vazio em seu conteúdo.

Diálogo com o filósofo-pedagogo Jorge Larrosa Bondía (2002), quando ressalta que: “ (...) em primeiro lugar, o excesso de informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência” (LARROSA, 2002, p. 21). Prezamos por aprendizados técnicos e instantâneos, queremos o resumo daquilo do que é para fazer, não queremos nos debruçar e “perder tempo”, nos relacionando com determinada atividade, temos o território temporal demarcado: “tempo é dinheiro”. Seguindo nossas falácias modernas, o puro racionalismo visa o lucro e desemboca no bloqueio do pensamento crítico e da ação transformadora da formação do sujeito na sua inteireza humana (GALZERANI, 2008).

Estamos em constante movimento, buscando mais e mais, porém continuamos famintos e cansados, pois aquilo que sonhamos, conquistamos, perde seu valor no momento seguinte, pois não é mais novidade. Abandonamos rapidamente, pois já nos apareceu outro sonho, outra vontade, ansiamos por nos sentirmos completos, mas seguimos cada dia mais esvaziados.

O problema é que o conhecimento dissociado da experiência é um conhecimento distante, que paira sobre a falta de propriedade no dizer, no fazer. Temos acesso a uma infinidade de informações instantâneas, em comunicação com o mundo todo. Temos a sensação de que sabemos tudo, porém, é um saber superficial, demonstrando o contato raso com as informações que nos sobrecarregam, pois não detemos tudo isso, elas passam por nós, nos dá a sensação de que “estamos por dentro”. Porém, incapazes de responder questões mais sensíveis e profundas, as quais respostas prontas não bastam.

¹⁸ O conceito de experiência (*erfahrung*) benjaminiano, possui muitas referências ao longo dos seus textos. Abrangendo todas as dimensões do conhecimento envolvendo: visão, observação, contato vivido, intuição, compreensão. Benjamin, assim, considera a experiência é aquilo que se vive e que só em parte é consciente;

Para refletir mais especificamente sobre essa relação é preciso localizar o sujeito no limiar entre a experiência (da memória) e sua relação com o tempo histórico. Para Walter Benjamin, o limiar seria, na vida moderna, o lugar de movimento, seguido dos momentos de transições durante a vida, que se tornam cada vez mais irreconhecíveis e difíceis de vivenciar. Em essência¹⁹, pertence ao tempo, caracterizando um estado de deslocamento, percorrido pelo sujeito em situações que demarcam suas passagens:

“Como agrada ao homem”, diz Aragon, “manter-se na soleira da imaginação” (no limiar das portas da imaginação) [Paysan de Paris, 1926, Paris, p. 74]. Não é apenas dos limiares destas portas fantásticas, mas dos limiares em geral que os amantes, os amigos, adoram sugar as forças. As prostitutas, porém, amam os limiares das portas do sonho. – O limiar [*Schwelle*] deve ser rigorosamente diferenciado da fronteira [*Grenze*]. O limiar é uma zona. Mudança, transição, fluxo estão contidos na palavra *schwollen* [inchar, entumescer], e a etimologia não deve negligenciar estes significados. Por outro lado, é necessário determinar [manter, constatar] o contexto tectônico e cerimonial imediato que deu à palavra seu significado. Morada do sonho. (BENJAMIN, 2007, p. 535).

O problema da modernidade se localiza, então, no encurtamento do movimento de passagem, dos ritos, devido ao embotamento de experiências, seguindo os novos ritmos de vida estabelecidos pelas máquinas e pelo encurtamento do tempo. Há uma busca incessante pela novidade, pelo acúmulo de vivências que se ancora no instantâneo e precisa ser vivido rapidamente, para dar lugar a um próximo anseio.

Estamos sempre esperando por algo que nos complete, que preencha nosso vazio: “O limiar parece ter adquirido uma tal espessura que dele não se consegue sair, o que acaba anulando a sua função” (GAGNEBIN, 2014, p. 45). Para a autora, o limiar moderno ou inchado [...] “que não é mais lugar de transição, mas, perversamente, lugar de detenção, zona de estancamento e de exaustão, como se o avesso da mobilidade trepidante da vida moderna fosse um não poder nunca sair do lugar”. Acaba fazendo com que esqueçamos das experiências coletivas significativas, de estabelecer relações profundas ligadas à realidade.

O problema é mais profundo ainda, pois, com o excesso de informações, formamos opiniões vazias, queremos demonstrar que já sabemos e que temos uma posição fixa sobre aquilo: “ (...) depois da informação, vem a opinião. No entanto, a observação pela opinião também anula nossas possibilidades de experiência” (LARROSA, 2002, p. 22). A opinião não implica necessariamente o conhecimento. Se assumirmos, muitas vezes, o papel de que não sabemos e nos mostramos prontos para conhecer, conseguiríamos estabelecer diálogos e

¹⁹ “O limiar não faz só separar dois territórios (como a fronteira), mas permite a transição, de duração variável, entre esses dois territórios. Ele pertence à ordem do espaço, mas também, essencialmente a do tempo” (GAGNEBIN, 2014, p. 36).

produções de conhecimentos, ocupando espaços de escuta e reconhecendo o outro também como fonte do saber e de constituição das nossas sensibilidades. Conseguiríamos um espaço subversivo às práticas modernas de opiniões vazias, porém, hoje, não nos permitimos mais viver inteiramente, estamos engessados no tempo da máquina e da servidão à um sistema abstrato que se baseia no comportamento humano “objetificado” – o sujeito moderno é marcado por sua passividade, receptividade, disponibilidade individual nas suas ações.

Quem somos nós então? Onde há espaço para nossas ações? Há espaço para nossas vontades, nossas experiências nesse sistema rígido, unilateral, engessado? Há espaço para exercício de desenvolvimento de nosso intelecto? Pois, ao prezar por uma racionalidade técnica,

não se pode captar a experiência a partir de uma lógica da ação, a partir de uma reflexão do sujeito, sobre si mesmo enquanto sujeito agente, a partir de uma teoria das condições de possibilidade da ação, mas a partir de uma lógica da paixão, uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito passional. E a palavra paixão pode referir-se à várias coisas (LARROSA, 2002, p. 26).

Larrosa, nos intui a agir mais apaixonadamente sob as condições de possibilidade das ações, - não aquela paixão cega, mas aquela que nos liga e nos motiva a agir e nos ligar genuinamente à nossa ação. Ou seja, não podemos ser indiferentes, gélidos no nosso processo de conhecer, porque faz parte do ser humano a vontade de se questionar e questionar o mundo, mas, para além disso, as questões são importantes, mas as respostas que construímos também tem sua importância, mas só conseguimos responder se encontramos correspondências com aquilo que conhecemos como vida e com o ato de viver: “(...) o saber de experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana” (LARROSA, 2002, p. 26). Não adianta dominar os conceitos e pensamentos teóricos, se não encontramos correspondências nas nossas reflexões cotidianas, nas inquietações que nos movem e que nos fazem pensar. As indagações sobre a vida, acerca do conhecimento empírico e teórico, nos movem em direção a conhecimentos mais próximos de sentidos sóbrios presente em nossas vidas.

Durante esse trajeto reflexivo, algumas questões foram surgindo para pensarmos o campo educacional, mais especificamente, como essas práticas socioculturais da modernidade capitalista têm alcançado as propostas de formação de professores? Como esses problemas do avanço da modernidade capitalista, a ideia de progresso, a individualidade, a fragmentação do social afetaram diretamente a vida do professor, especialmente em tempos pandêmicos?

Em função dessas questões e da vontade de dialogar com as professoras, tomei os *Mosaicos* como alegoria de experiência e realizei os encontros, agregando a ele o impacto da

pandemia em minhas sensibilidades²⁰ e das professoras. Para ouvirmos essas narrativas é necessário pensar em outras culturas de formação de professores, sobretudo aquelas que enveredam pela racionalidade estética, a contrapelo dos modelos impostos hegemonicamente pelos governos federais e estaduais. Para compreendermos o modo como concebemos a formação de professores, convido a continuar montando as peças desse mosaico de pesquisa.

²⁰ A educação das sensibilidades é um processo amplo de educação que atravessa as dimensões racionais e sensíveis dos sujeitos e que são construídas coletivamente em meio a tensões (CUNHA, 2016; BENJAMIN, 2007; THOMPSON, 2002).

CAPÍTULO 2 - PELA CULTURA DA FORMAÇÃO DAS PROFESSORAS NA VIA ESTÉTICA

Adoraria que no *Lattes* pudéssemos postar pessoas

É também um “cavar e recordar”, editar, selecionar, escolher, contar e não contar. Vou tentar. Não sei se vou conseguir.

Falar de si é um jogo com nossas lembranças cujas regras vamos criando ao falar ou escrever.

Nunca contaremos nossa história percorrendo o mesmo caminho, ou seja, do mesmo modo sempre.

Somos seres de afetos e quase sempre são eles que nos conduzem.

*Cadê o pedaço que ela fala que adora ria que o *lattes*... (prof^a Flor de Lua.)*

Entendendo que a aceleração do tempo não possibilita experiências transformadoras, pois, para ter experiências, segundo o pensamento benjaminiano, não podemos apenas viver determinadas situações, mas sim, precisamos internalizá-las através de um processo da *práxis* significativo. É a junção de diversas situações, que se transformam em memórias e através de um processo de rememoração, conseguimos acessar essa forma de conhecimento dado pela experiência.

Muitas vezes, em processos de formação de professores (oferecidos pelos governos estaduais e federais), é possível observar que o mais importante é alcançar resultados, cumprir metas e fazer parte de um gráfico que contabiliza resultados, tudo isso para satisfazer as exigências do sistema governamental que rege a educação (FRANÇA, 2015). E o que falta nesse processo? A tomada de consciência do professor sobre o que ele está fazendo. Muitas vezes, o dito “conteúdo” vem desvinculado das reais práticas do professor no dia a dia em sala de aula.

As direções tomadas, nos cursos de formação, não concebem o sujeito, mas sim, uma formação de massa, pelo qual não há uma compreensão do indivíduo, mas sim uma massificação da formação. Há, assim, um declínio no diálogo com as experiências de vida do professor, e preza-se, na formação, pelas vias materiais que constituem a vida moderna, instrumental e tecnicista. “O conhecimento é basicamente mercadoria, e estritamente, dinheiro;

tão neutro e intercambiável, tão sujeito à rentabilidade e à circulação acelerada como o dinheiro” (LARROSA, 2002, p. 27).

Dessa forma, o professor não encontra espaço para expor, refletir, dialogar com as questões existenciais, pois não encontram espaço no confinamento limitante estabelecido pelos sistemas administrativos burocráticos; visam acima de tudo a economia do tempo utilizado para os processos de formação. Um tempo enrijecido e superficial acarreta na impossibilidade de narração e práticas significativas ligada ao lado existencial do professor, colocando-o no constante ir sem saber para onde, desvinculado de suas experiências vividas e enquanto sujeito, indiferente a realidade que o cerca.

Em diálogo com o professor Elison Paim (2006), a proposta de espaços formativos não- formais, seria uma saída para o enrijecimento estrutural da formação. Os espaços formais vêm “produzindo” professores desvinculados de suas experiências, os quais consomem o conhecimento ao mesmo tempo em que são transformados em produtos para ser depositados em escolas, onde transmitem um conhecimento pronto e dado, desconexo com as possibilidades reais de um cotidiano escolar: “Professores e professoras idealizados para um modelo pautado na hierarquização e na reprodução de conteúdo prontos, deslocados das experiências vividas por eles e seus alunos” (PAIM, 2006, p. 1).

As professoras não encontram espaço para viver o real, o momento, e sim, precisa-se incorporar um comportamento automatizado, maquínico, para dar conta de inúmeras informações em um tempo encurtado dentro da sala de aula. Assim, os processos de formação estão muito mais preocupados em atingir certos resultados de exames anuais, baseadas em notas, do que em que precisam realmente focar, no que vem sendo significativamente ensinado nas escolas, com base naquilo que as professoras e estudantes vivenciam no dia a dia. A escola se torna um campo de “aplicação” de conteúdo, segundo a racionalidade técnica instrumental, além de o professor ser produto de sua prática, submisso aos manuais e sistemas operacionais de educação (FRANÇA, 2015, p.12).

Essas instâncias governamentais, pressionam os professores a veicular suas práticas de ensino ao “manual do professor”, o qual apresenta “técnicas” a serem seguidas, com questões e respostas prontas, e no qual sua única função é passar no quadro para que os alunos copiem em seus cadernos. Assim, “[...] os professores da escola desempenham um papel de consumidores, e não de criadores” (PAIM, 2006, p. 2).

Amputamos as práticas escolares, produzidas na espontaneidade, para as políticas públicas educacionais não precisarem mais sentir-se inspiradas a ensinar ou ao docente ser um

mestre sensível e preocupado com seus aprendizes e refletir questões em contato com a realidade. Dentro da racionalidade instrumental, o ser professor está ligado ao domínio de técnicas pré-estabelecidos por órgãos estatais desvinculados ao cotidiano da escola, no qual elaboram cursos de formação de professores com estruturas racionalistas, que os tornam “dependentes do conhecimento especializado, as técnicas de ensino” (PAIM, 2006, p. 2). “Esse tipo de formação pragmática, simplificadora e prescritiva acaba sendo de abrangência restrita, pois prepara o prático, o tecnólogo, isto é, aquele que faz, mas não conhece os fundamentos do fazer” (PAIM, 2006, p. 2)

Temos, assim, pobreza de experiências no espaço escolar, em vez de enriquecimento do conhecimento humano e fortalecimento de práticas de ensino, pois tiramos a autonomia do professor, despersonalizam os lugares da escola e tornamos lugares de passagens instantâneas, distantes do viver e ser dos estudantes e professores. Ao expurgar as experiências, qual imagem de professor que se configura? A contrapelo desse modelo formativo, defendo práticas formativas docentes vinculadas às experiências dos professores, buscando a historicidade e a produção autônoma de conhecimentos “Fazer-se professor”. Não podemos esquecer que o: “Fazer-se dos professores e professoras se dá num processo relacional, ou seja, constrói-se na interação com os outros, isto é, com os professores universitários, os colegas de trabalho, os alunos etc. [...]” (PAIM, 2006, p. 4).

É pelo diálogo e pelo processo de rememoração de experiências vividas que os próprios professores são sujeitos de suas ações e não estão à mercê de determinações externas. O diálogo deve ser participativo entre todos os sujeitos envolvidos de maneira relacional.

Os professores precisam falar e nós da universidade precisamos escutar. Uma possibilidade é considerar, na pesquisa, o espaço da escuta, para que os professores no ato de rememorar em si, reconstruam o seu passado vivido e a relação com as suas experiências: “Muitos têm pensado a formação de professores desconsiderando o que os professores pensam. São discussões genéricas sobre um professor sem rosto, sem nome, sem identidade, sem experiência”. (PAIM, 2006, p. 22).

Buscar nas ruínas, no outro, no esquecimento, por meio da rememoração, é um dos caminhos de propostas formativas. Desacelerar o tempo e com olhar cuidadoso debruçar-se sob aquilo que pode passar despercebido ao olhar desatento nas práticas cotidianas, que num primeiro momento podem ser concebidas como minúsculas ou insignificantes, mas que contém em si, um detalhe importante que expande a percepção da realidade. (BENJAMIN, 2007).

Considerar as experiências para o processo de formação de professores permite que

entremos em contato com atitudes não previstas nos manuais, de natureza espontânea, correspondente ao imprevisível que surgem nas salas de aulas, mas que não podem ser descritas por termos técnicos do como agir, mas que resulta de anos vividos em sala de aula, em contato com vários tipos de situações e de estudantes que estimularam o professor recorrer à imaginação, buscando por outras possibilidades de práticas de ensino de história.

Por que não recorrer às experiências vividas das professoras, para construir novos cursos de formação? E mais, por que não pensar o “fazer-se professor” com todo seu entorno social? Com o público (comunidade escolar)? O que seria se os cursos de formação de professores levassem em consideração as questões socialmente vivas no presente ao invés de ensinar metodologias de ensino para aplicar em sala de aula?? Por que os espaços formativos não podem ser com tempos mais extensos e significativos para as professoras? Ou ainda, localizados na sociedade no encontro com o coletivo? É possível nos cursos de formação docente encontrar as marcas culturais nas quais as professoras se reconheçam, atores e autores da cultura docente e que possam relacionar seus saberes com outros saberes (experienciais, populares, acadêmicos)?

São nestas searas de reflexões que penso na formação de professores, considerando este processo como possibilidade de formação pela racionalidade estética (MATTOS, 1989) e valorização da subjetividade, prática que vai contra os ventos da racionalidade instrumental, voltada para a incorporação catártica, considera apenas a racionalização de toda às vivências humanas. Em Olgária Matos (2009), leitora e pensadora do pensamento benjaminiano entendem que a racionalidade instrumental é fruto da ciência moderna pautada no plano cartesiano. Transformando o homem em conceito reduzido à condição de coisa, reconhecido perante o estatuto do inorgânico.

Voltando à cultura clássica, herdada dos gregos, Olgária Matos nos leva a refletir sobre as práticas catárticas de iniciação e de crenças que demarcavam outras esferas do humano ligado ao sentir e a emoção, assim se constituía duas faces de uma mesma moeda, no caso o ser humano. A primeira esfera, ligada à prática dentro da *polis*, instituindo a ética, a política. E em um segundo plano, os deuses e até mesmo a religião, como parte da compreensão dos sentidos e dos sentimentos humanos.

Na modernidade, com a chegada do pensamento puramente racionalista, nos afastamos das experiências catárticas que permitiam nos expressarmos de maneira mais profunda “[...] tudo parece transformar-se com a sociedade de massa, do consumo, da técnica e da coisificação” (MATOS, 2009, p. 93). A própria existência do ser humano se encontra

esfacelada, ao refletirmos como hoje o tempo passa por nós, mas o homem não envelhece, ele se deteriora, destituído de suas formas de experiência e de espaço, ele simplesmente desaparece, sem deixar rastros da sua existência (BENJAMIN, 1975).

Maria Carolina Galzerani (2006), nos traz uma imagem ao fazer a releitura do engessamento da nossa visão, apresentando o olhar com “Olhos de Madeira”, endurecido pela falta de emoção cognitiva, afetiva e estética. Como podemos pensar nas relações humanas se cada vez mais somos entrecortados e mensurados pela régua da objetificação? Somos instruídos a pensar sempre de maneira objetiva, sem nos sentirmos tocados pelo que produzimos, fazemos? A impossibilidade de deixar rastros na temporalidade é porque estamos sendo esvaziados de nossas próprias experiências?

Na racionalidade instrumental, Maria Carolina Galzerani (2006) explica, que encontramos uma separação que hierarquiza brutalmente as vivências educativas. Para ela, o que precisamos são de ações contrárias, que valorizam a convivência entre os seus de carne e osso, no ato de produção de saberes históricos e educacionais. Ao me deparar com esse pensamento, logo me vieram imagens do grupo de formação *Mosaico* que caminharam ao meu lado por 2 meses. Não tivemos muito tempo para estabelecer laços aprofundados, mas, enquanto permanecemos no Laboratório de Ensino de História, não falávamos só de termos científicos, conceitos, métodos, objetos.

Para falar da pandemia, também precisávamos falar sobre saudade, solidão, medo, falta de perspectiva, falta de esperança, desolamento, família, apoio. Assim, conseguimos pensar de tantas formas e esferas diferentes, um momento em que desestabilizou todo mundo, a pandemia não foi só um gráfico, número de mortos, notícias. Foi experiência, sentido no tempo, que construiu uma parte da história, através do sofrimento e da perda. Da desolação e do abandono governamental. O grupo de professoras foi um acolhimento para todas nós.

Uma formação por via da racionalidade estética possibilita narrar a história ligada às nossas experiências cotidianas e enriquecer o contato com o outro e com nós mesmos. Assim, o fluxo temporal desembocará não em abismos sem fim, mas nos reconecta a realidade e aos fatos históricos, reconhecendo-nos parte integrante e motor da história (THOMPSON, 1981), atingindo essa profundidade pela sensibilidade e pela reflexão para além das limitações do discurso científico, mas com formas de narrar a realidade por uma linguagem expressiva refletindo o interior do sujeito em relação à materialidade das coisas.

Walter Benjamin, na obra *Teoria do conhecimento, teoria do progresso*, apresenta reflexões para além da teoria materialista do movimento da história. O autor inicia seus

pensamentos com base na proposição dialética dada por Karl Marx²¹, na qual a luta de classes²², no movimento de oposições, busca sobrepor-se à estrutura econômica que os oprime, através da superação, organizando-se em sindicatos que enfrentariam, então, a classe burguesa, detentora dos meios de produção e da maior quantidade de lucro. Mas, para Walter Benjamin, o uso da dialética é diferente da proposta de Karl Marx, no sentido em que, enquanto Marx pensa no tempo linear, colocando uma tese e uma antítese resultando numa síntese, Benjamin pensa diferente, considerando que as 3 situações acontecem juntamente e não separadas. Para Walter Benjamin, o tempo não é linear, e aprofunda-se em uma crítica contra o historicismo, que recai sob a aparência da história objetiva, que acaba por mascarar a luta de classes e contar a história dos ditos vencedores.

Benjamin parte, então, para pensar como nos relacionamos com o tempo passado e, a partir disso, elaboramos narrativas com sentidos a fim de estabelecer ligações com o tempo que já se foi, a partir do tempo presente. Se considerar uma história movida a relatar fatos baseados em superestruturas históricas, as pequenas narrativas são esquecidas ou consideradas como não importantes. Os lampejos, segundo Benjamin, são representados por imagens que surgem em nossa memória, quebrando a perspectiva do movimento linear da história, surgindo como ruptura, são esses fragmentos que realmente importam quando se trata do despertar da consciência histórica.

Desta maneira, do pensamento benjaminiano e das imagens produzidos por ele, a literatura se torna, um recurso dentro do discurso teórico, pelo uso de metáforas para representação de conceitos abstratos. Demonstrando correspondências entre o mundo material e um mundo sensível, abre espaço para uma percepção estética cuidadosamente incorporada no pensamento teórico, dando conta tanto da materialidade daquilo que se vive e se vê, no contato com o leitor, como através de conceitos mais abstratos e interiores que se dão pelas visões de mundo (sensibilidade) e se ligam a momentos vividos pelo sujeito que interpreta.

A narrativa seria, então, a interpretação da realidade pela subjetividade que tenta abarcar e expressar o real pela linguagem e pelas vias artísticas, fruto ora da imaginação, ora da experimentação do real. É pelo narrar, falar de si, percebendo o fluir da própria experiência e

²¹ Em *O capital*, publicado originalmente no ano de 1867, analisa as superestruturas que vão surgir pela análise econômica, identificada nas relações de mercado que vão adentrando o século XX, com a revolução industrial a forma de trabalho muda para a venda de força de trabalho, Marx organiza então sua teoria em volta do mercado enquanto elemento principal da vida social.

²² Karl Marx, propõe no *Manifesto Comunista* (1872), escrito panfletário e militante, denúncia de mecanismo de perpetuação da opressão e identifica a luta de classes, essa definida como motor da história desde o início das formações sociais identificando superestruturas (totalidade da história) que definem e alicerçam a história, tanto de âmbito político como da história intelectual.

dando sentido à vida que o sujeito toma consciência de si; buscando uma estabilização do tempo e do espaço que nos rodeia. É, então, nesse discurso de autorreferência embasado em experiências que a vida vai ganhando sentidos.

Nos estudos linguísticos e sobre narrativa de Paul Ricoeur, encontramos afinidades com o pensamento benjaminiano sobre a presença do sujeito em diálogo com seu tempo. Na obra *O si-mesmo como outro* (1979), Ricoeur aprofunda a questão da narrativa e da linguagem como forma de expressão do sujeito em se reconhecer no mundo. O si toma consciência da sua existência a partir da reflexão entre as diferenças e as igualdades perante o outro, enquanto o outro também nos narra; Assim o agir humano se torna fundamental enquanto unidade analógica de reconhecimento.

É por meio das “expressões históricas múltiplas” em que reconhecemos tanto a ontologia do agir como o selo das diversidades de ações e modo de ser, formando uma rede simbólica e um vasto repertório de pensamentos. Então, qual a maneira de existir do sujeito moderno? Em Paul Ricoeur, o sujeito se constitui pela narração das suas experiências. A experiência se torna, assim, como um núcleo intencional de uma ação conscientemente orientada, inserida na dimensão temporal, formada pelo sujeito que age e faz referência às suas ações: É por meio das “expressões históricas múltiplas” em que reconhecemos tanto a:

Acaso não consideramos mais legíveis as vidas humanas quando interpretadas em função das histórias que as pessoas contam sobre elas? E essas histórias de vida, por sua vez não se tornam mais inteligíveis quando lhes são aplicados modelos narrativos – enredos – extraídos da história propriamente dita ou da ficção (drama ou romance)? (...) a compreensão de si é uma interpretação; a interpretação de si por sua vez, encontra na narrativa, entre outros signos e símbolos, mediação privilegiada; esta última se abebera na história tanto quanto na ficção, fazendo da história de uma vida uma história fictícia ou digamos, uma ficção histórica, entrecruzando o estilo historiográfico das biografias ao estilo romanesco das autobiografias imaginárias (RICOEUR, 1979. p. 112- 113).

A narrativa histórica, tomada nessa via estética, reúne micronarrativas em um todo significativo, preservando os traços individuais e a pessoalidade do discurso. Constituindo assim uma constelação de discursos deparando-se com um significado coletivo e também identitário do sujeito que narra. Implicando também na sensibilidade do pesquisador, que não só toma para si a responsabilidade de olhar com olhares múltiplos às experiências narradas, mas também encara o outro como parte da produção do conhecimento histórico. O narrar a si-mesmo remete à uma atividade ao mesmo tempo sensível e histórica. A narrativa, segundo o pensamento de Paul Ricoeur:

[...] garante uma manutenção de si mesmo, pelo narrar das suas ações e

experiências que o torna único, mas também sujeito do espaço-tempo. Exercendo mediações entre diversos dos acontecimentos e a unidade temporal da História contada; unidade da forma temporal, evitando a dispersão episódica; estabelece conexão. A narrativa se condensa na ancoragem corporal do mundo. A criação de um enredo implica na necessidade de socorro da ficção para organizá-la retrospectivamente após os acontecimentos (RICOEUR, 1979, p. 173).

Em Walter Benjamin, Paul Ricoeur reconhece o narrador pela “[...] arte de narrar que é a arte de trocar experiências; por experiência ele entende o exercício popular da sabedoria prática.” (RICOEUR, 1979, p. 175). A linguagem diz o ser, e o ser se constitui pela linguagem. Logo, o falar de si não deveria ser afastado do produzir conhecimento histórico, pois o tempo nos perpassa e nos deixa marcas que só poderão ser percebidas com profundidade se forem relacionadas às próprias experiências humanas e ao como determinado tempo foi vivido. Ricoeur coloca: “(...) O problema de pensar o tempo despersonalizado é que a impessoalidade do acontecimento marca, antes de qualquer coisa, a neutralização do corpo próprio” (RICOEUR, 1979, p. 135). Se nos privamos de nos narrar e, ao mesmo tempo, de nos deixarmos ser descritos no tempo, se tornamos um nada imaginado do si, ficaremos sob o estado de uma crise existencial de nós mesmos, e como diz Galzerani (2013), perdemos a crônica de nós mesmos. O caminho de retorno a si mesmo seria a unidade do homem inteiro a lançar sobre si mesmo o olhar da apreciação. Até o momento, não findo, mas de tomada de consciência, em que nós nos reconhecemos como parte de uma comunidade política e histórica (RICOEUR, 1975).

Assim, por qual perspectiva podemos compreender as pluralidades de sentido da realidade expressa no narrar do ser? – “O ser do si supõe a totalidade de um mundo que é o horizonte de seu pensar, de seu fazer, de seu sentir – em suma, de seu cuidado.” (RICOEUR, 1979, p. 366) – E o não agir assim sobre o mundo, pode resultar no sofrimento humano, sintoma que surge “[...] com a diminuição do poder de agir, sentida como uma diminuição do esforço de existir, começa o reinado propriamente dito do sofrimento.” (RICOEUR, 1979, p. 378).

Esta outra perspectiva, Walter Benjamin compreende a História como composta de ruínas, segundo um tempo não linear, recorrendo a consciência e ao ato de rememorar para escavar as reentrâncias do tempo linear e deparando-se com narrativas esquecidas ou deixadas de lado pelos discursos oficiais.

2.1 IMPORTÂNCIA DA MEMÓRIA PARA A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO HISTÓRICO-EDUCACIONAL

Em diálogo com Paul Ricoeur (2014), percebo que ele faz uma investigação hermenêutica sobre as propriedades da memória e da história. Dois campos de conhecimento que partilham um espaço de tempo comum: o passado. A História pertence a um campo de conhecimento científico e exterior ao sujeito, dotado de métodos e categorias conceituais específicas que ajudam a organizar o passado.

Para aprofundar ainda mais nossa reflexão sobre o conceito de história que aqui nos é tão caro, discuto algumas perspectivas que fomentam e ampliam formas de pensar e discutir estruturas que parecem dadas e inseparáveis na história, mas que, na verdade, tem suas raízes aprofundadas no intuito de manter narrativas excludentes e hierarquizantes.

Pensar a história remete a compreender os eventos passados, conjuntamente com a forma de escrita e um pensamento crítico em relação à filosofia da história. Ou seja, é em tudo aquilo que se fundamenta a reflexão e registro de nosso passado. Em diálogo com o professor Alison Paim (2019), destaco a seguinte reflexão:

A partir do início da modernidade capitalista, quando, então a história assumiu sua cientificidade e racionalidade, expulsando de seu interior as possibilidades de uso de elementos subjetivos, conseqüentemente, como a memória é pautada nas subjetividades, foi sendo expurgada das trincheiras da história. (PAIM, 2019, p. 272)

Ou seja, a memória foi encaixada tanto dentro de um padrão cartesiano de racionalidade, como seguindo um sistema linear histórico de sistemas dominantes e homogeneizadores, isso implica, na escrita da História como representação do passado, interessada nos detalhes, de natureza intelectual (no sentido positivista e impessoal do discurso e da linguagem), ligada ao discurso histórico no sentido de pertencimento universal.

Os perigos desse tipo de história apontam, principalmente, para o afastamento identitário do sujeito, que começa a compreender a cultura como algo único e presente em qualquer lugar do mundo que ele vá. A globalização da cultura torna homogênea todas as experiências e existências de grupos que perdem suas “heranças” e ligação com o passado, a partir do momento que se veem presos e pressionados a seguir uma história única que caminha sempre em frente, sem interrupções.

A história passa, assim, a assumir um caráter de inventário do tempo passado,

catalogando acontecimentos e o historiador se vê desvinculado de seu próprio trabalho. Se tornando assim, segundo Paim (2019), um “historiador neutro”. Em contraposição, na busca por brechas, nesse sistema sufocante, nos deparamos com o historiador que vai contra essa maré de dominação intelectual: o historiador que considera os significados do narrado, como experiências vividas, agregando uma percepção qualitativa da temporalidade. Concebe, assim, uma atitude histórica, pensando a História feita no tempo do agora, por um projeto alternativo, para entendimento do presente, propondo uma mudança de relação entre historiador e história. Cabe ressaltar que, em Jeanne Marie Gagnebin, encontramos o reconhecimento de que a técnica também é falha, e muitas vezes um acontecimento do passado espera pacientemente ser conhecido. Sua descoberta é só uma questão de perseverança e de habilidade”. (GAGNEBIN, 1993, p. 54).

Daí a importância em agregar a essência da história, uma identificação afetiva, sentir-se em comunicação, seguindo os passos de Benjamin, agindo de maneira desviante e a contrapelo. Buscando nos desvios das camadas de sentido, das arestas constitutivas e dos desvios autorreflexivos.

A atualidade seduz, muitas vezes, a abandonar o passado e esquecer quem somos, através de meios midiáticos, das tecnologias que cada vez mais assumem papéis maiores na realização de nossas funções mais básicas. Nos afastamos das relações mais pessoais, coletivas. Perdemos o senso de comunidade. Não aceitamos mais conversas que duram horas, preferindo a comunicação instantânea via *web*.

A contrapelo dessas práticas mecânicas, em nosso grupo com as professoras, muitas vezes, perdemos a noção da hora. O grupo que estabelecia um horário “limite”, não conseguia cumprir os limites, pois nossas experiências não se enquadram no tempo maquínico, estipulado. Os fios conduziam e se intensificava a cada fala. Foi neste movimento que aponto para um caminho desviante da produção histórica, no diálogo com a memória, num papel de reconciliação e vínculo afetivo na produção de um conhecimento não desvinculado da vida, formação para o conhecimento e para a transformação do mundo que nos cerca.

Em relação à memória, entendo que ela pertence a um lado psíquico do sujeito, parte das vivências no tempo e daquilo que já foi experimentado. Se, por um lado, é expressa pela individualidade do sujeito calcado em sua unicidade e forma individual de apreender a realidade; por outro, a memória também ocupa um *status* coletivo, a partir do momento que se expressa em narrativas e compartilhamentos de espaços que remetem a um ato de lembrar comum a determinada comunidade.

A memória apresenta em si uma dinâmica própria de reconstrução do passado e de marcas da experiência. Ao rememorar, reconstruímos impressões mais remotas, representamos um sujeito inteiro se relacionando com o vivido, resultando assim na memória mais ativa que transforma o presente (GALZERANI, 2008).

Essa conceitualização e separação de memória da história é retomada neste trabalho principalmente para preservar o estado emocional, afetivo e sensível da memória, enquanto espaço de rememoração e pertencente ao sujeito e suas experiências no projeto formativo *Mosaico*. Ao aproximar o estudo da memória do trabalho do historiador de construir narrativas sobre o passado, na relação com o presente, passa-se a agregar valores estéticos e sensibilidade no modo de olhar para o tempo passado.

Maria Carolina Galzerani (2021) propõe um diálogo sensível com Walter Benjamin, considerando o próprio método de investigação benjaminiano, na tentativa de perceber a subjetividade nas condições colocadas pelo capitalismo e o tempo moderno. Walter Benjamin reconstrói a partir de suas experiências, diálogo com seu eu criança, entrecruzando o passado com suas análises historiográficas e filosóficas diante do tempo presente.

Galzerani (2021) analisa, por meio da mônada, “a lontra”, caminhos tecidos pela percepção do Walter Benjamin adulto, voltando aos seus tempos de infância para compreender na situação de encarceramento da lontra, a sua própria condição, aprisionado no apartamento em que vivia na infância em Berlim. Essas reflexões benjaminianas, em forma de mônada, representam significativas rupturas na história da produção de conhecimentos acadêmicos (GALZERANI, 2021, p. 177).

Dessa forma, memória e produção de conhecimento histórico se articulam na prática e também na forma de reflexão. Benjamin aposta no poder criativo da linguagem, no questionamento, na sensibilidade das percepções humanas e a partir daí vai reconstruindo caminhos narrativos para impulsionar novas práticas culturais (GALZERANI, 2021, p. 178) e o fortalecimento da subjetividade e do sentido coletivo da sociedade.

A História, então, é considerada não só como o desenrolar de uma análise do tempo, mas uma reflexão sobre o tempo em narração. Por isso, as definições dadas por Paul Ricouer apontam para as características mais específicas deste trabalho, que parte da construção da história que não se prende à prática do historicismo.

Se a História se expressa pelos documentos oficiais e os dados recolhidos, a memória estaria no campo da narrativa do compartilhamento de experiências individuais, num ato de rememoração envolvendo um grupo/comunidade. Estabelecendo, assim, um caráter simbólico, obra da imaginação e que garante as lembranças e sua transmissão.

Pensando em uma arqueologia do saber contemporâneo, as ruínas seriam os fragmentos de memória, que reabrem o passado; é uma atitude de ofício que remete ao trabalho do historiador, que busca, entre os escombros da memória, rastros de recordação formando signos, e recria, a partir dos vestígios (detalhe, o fragmento, o parcial), narrativas organizadas pela memória.

Walter Benjamin motiva a procurar nos substratos culturais, as forças de trabalho que resistem. Encontra nas ruínas – o que resta do reprimido –, que são as mais reveladoras, recordações afetivas, abrangendo a memória política e indo contra a destruição da memória representável.

Não se percebeu devidamente até agora que a relação ingênua entre o ouvinte e o narrador é dominada pelo interesse em conservar o que foi narrado. Para o ouvinte imparcial, o importante é assegurar a possibilidade da reprodução. A memória é a mais épica de todas as faculdades. Somente uma memória abrangente permite à poesia épica apropriar-se do curso das coisas, por um lado, e resignar-se, por outro lado, com o desaparecimento dessas coisas, com o poder da morte (BENJAMIN, 1985. p. 210).

Em muitas distopias escritas no nosso século que trazem sociedades regidas sob o totalitarismo de sistema, seja governamental, ou tecnológico, são demonstrados como o primeiro passo para o domínio geral é o domínio das mentes e das ideias. O controle e a alienação se exercem a partir de um *descontinuum* com o passado e com as lembranças coletivas. O que temos no centro dessas distopias são personagens desmemoriados.

Em *A revolução dos Bichos*, de George Orwell, o domínio do governo totalitário se dá pela implantação de uma ideologia que desconfigura as lembranças e desvaloriza a presença e participação dos animais mais velhos que viveram no regime antigo, desapropriando a sociedade da herança de sua experiência.

Em *1984*, outra distopia de George Orwell, retoma o tema da desmemorialização no âmbito coletivo, agora refletida na sociedade regida pelo grande irmão. Winston Smith vive em um sistema que domina e controla seus habitantes pelo domínio das memórias e da escrita da história. O protagonista é funcionário do departamento da verdade, sua função é falsificar registros históricos, a fim de moldar o passado à luz dos interesses do presente tirânico.

Muitas vezes, busco certos significados de coisas que estamos vivendo nas alegorias expressas na literatura. As distopias nos levam aos fins últimos de acontecimentos que agora mal podemos sentir, mas que suas consequências podem até parecer absurdas quando lemos esses romances, mas, se paramos muitas vezes para aprofundar nossa imaginação e produzir recortes da nossa realidade, essas situações não parece tão longe assim de serem alcançados. Se

pensarmos nos esquecimentos dos afastamentos que estamos tendo em relação às nossas tradições, aos nossos antepassados, de nossas próprias experiências, para que fim estamos caminhando acerca da nossa formação subjetiva e do entendimento de nosso tempo?

2.2 LAMPEJOS DA MEMÓRIA E A IMAGEM MONADOLÓGICA

Outras vezes será um certo doce. Um simples bombom de chocolate escangalha-me às vezes os nervos com o excesso de recordações que o estremece. A infância! E entre os meus dentes que se cravam na massa escura e macia, trinco e gosto minhas humildes felicidades, de companheiro alegre de soldados de chumbo, de cavaleiro congruente com a cana casual meu cavalo. Sobem-me as lágrimas. Aos olhos e junto com o sabor a minha felicidade passada, a minha infância ida, e pertença voluptuosamente à suavidade da minha dor.

(Fernando Pessoa, em *Livro do desassossego*).

Considero aqui a perspectiva de Benjamin de mônada estabelecendo um diálogo com um recorte monadológico a partir de um fragmento narrativo de Fernando Pessoa, presente em O livro do desassossego.

Considero, aqui, a perspectiva benjaminiana de mônada, enquanto parte epistêmica de seu trabalho, para acessibilidade e captura da realidade por meio da memória, assim, reconstruir uma arqueologia da modernidade empregando na prática do historiador novas formas de falar sobre o tempo e a presença do sujeito na história. Pensando, também, nos estados de dominação, que impedem a extensão e aprofundamento de reflexões, pois não encontramos muitos espaços para questões existenciais dentro do espaço de confinamento limitante estabelecido pelos sistemas administrativos e burocráticos que nos governam.

A mônada, em Walter Benjamin, se caracteriza pela coexistência, e não contraposição, de imagens dialéticas, que não se excluem, mas que convivem em um processo de tensão polarizados em lados opostos, mas que, juntas, formam um tecido significativo, do processo de pensamento do sujeito em relação à realidade. É quando, segundo Walter Benjamin, o pensamento para bruscamente numa imagem tensionada, ele lhes comunica um choque, através do qual essa imagem se configura como mônada. Remetendo à ideia de um fragmento singular e dimensão significativa, diretamente referida à nossa vida:

[...] O materialista histórico só se aproxima de um objeto histórico quando o confronta enquanto mônada. Nessa estrutura, ele reconhece o sinal de uma imobilização messiânica dos acontecimentos, ou, dito de outro modo, de uma oportunidade revolucionária de lutar por um passado oprimido. Ele aproveita essa oportunidade para extrair da época uma vida determinada e, da obra comporta durante essa vida, uma obra determinada. Seu método resulta em que na obra o conjunto da obra, no conjunto da obra, no conjunto da obra a época e na época da totalidade do processo histórico são preservados e transcendidos. O fruto nutritivo do que é compreendido historicamente contém em seu interior o tempo, como sementes preciosas, mas insípidas (BENJAMIN, 1985, p. 231).

Nas palavras de Fernando Pessoa mergulhamos em algumas dimensões possíveis que se desenham dentro desses recortes que o sujeito faz da sua própria vida, dando um significado macro, dentro da estrutura micro. Fernando Pessoa nos remete aos sabores da infância, aquilo que, para ele, representa um referencial do passado, daquilo que ele era e do que o marcava. Nos leva a saborear junto com ele um tempo passado, cheio de cheiros e sabores, texturas e sentimentos. Uma mônada pautada na sensibilidade e que nos permite reconhecer que temos percursos dentro do tempo, que são formadores de experiências e nos toca no tempo presente, pois já não somos mais crianças, somos capazes de viajar dentro de nós mesmos, como fomos nos transformando.

Aproximo, assim, dentro deste trabalho, estas imagens, para deslocarmos algumas formas de pensar o tempo em que vivemos hoje. A modernidade se caracteriza pela tensão entre a força e a fragilidade da lembrança, o desejo de volta e a impossibilidade de retorno. Percebo, assim, nosso tempo caracterizado pelo enquadramento de nossas reflexões e relações humanas, para seguir os moldes das práticas tecnicistas, da realidade *fetichizada* que oferece uma aparência de pronto/terminado, que não estimula, na sua superficialidade, a profundidade do pensamento subjetivo. E, no final da linha, sentimos o desencantamento do mundo, a apatia social, uma recepção distraída da vida, nos tornando massificados seguindo um comportamento maquínico (GALZERANI, 2008).

Ou seja, quando, de alguma forma, encontramos uma brecha para falar de nossas experiências, como nas mônadas citadas acima, transpomos essa matriz que sufoca a subjetividade, exercendo práticas outras para não sucumbir ao movimento do eterno retorno é sempre igual (BENJAMIN, 2007) e sobrepor-se às leis do mercado que conduzem e controlam nossas ações e pensamentos. Dessa forma, os fragmentos de memória, os cacos da história, formam associações com o tempo presente, porque contém referenciais de experiências que dão um sentido à narrativa. Walter Benjamin, em sua hermenêutica de compreensão do seu próprio tempo, apresenta em seus trabalhos um direcionamento de seu olhar, ele nos conduz às ruínas

que forma a trajetória de vida do sujeito e, em escala coletiva, essas ruínas são encontradas no diálogo com a leitura a contrapelo da marcha histórica progressista.

Pensando assim, a natureza que compõe a mônada é propícia ao trabalho de diálogo do historiador, pois esta abarca uma narrativa localizada no espaço e no tempo em que o sujeito que fala se localiza ao mesmo tempo em que remonta a uma temporalidade passada, interligando um conjunto de significados de uma cultura mais ampla, para dar sentido a particularidades de experiências, resultando em um complexo interligado de passagens pela vida de diversos sujeitos.

Em Olgária Matos (2010), nos deparamos com análises teóricas importantes para compreender esse papel da estética dentro da construção da história a contrapelo proposto por Walter Benjamin. Em primeira instância, encontramos a importância da memória (área criativa que permite o surgimento das mônadas) como possibilidade de o homem comunicar-se com o passado, pois somos prisioneiros do presente puro (dito pela condição do tempo moderno em diante), carentes de nossas histórias.

Diminuímos a humanidade, estreitamos a própria identidade e perdemos a realidade. Suscita-se, assim, a importância da memória para a recuperação do sujeito histórico, não concentrada apenas em ter a memória como fonte, mas, dentro do trabalho do historiador, e por extensão, pensando na ação dos sujeitos, perceber nesse ato a possibilidade participativa na construção da e na história. Localizando a essência desse trabalho nas ruínas onde encontramos, entre os escombros, as experiências, os detalhes, que permitem um alargamento do tempo a ser narrado.

A patologia do tempo se configura, então, como perda do presente no sentido da vida em comum dos homens. Todas as vezes que me encontrava rodeada das professoras do projeto de formação *Mosaicos*, dos diversos sentidos dados à pandemia, na qual cada uma trazia fragmentos, do que viveram, sentia que ali, enquanto historiadora, eu via um pedaço da história sendo escrita, mas com vida e participação, com atos, com trocas e afetos. No final de cada encontro, tínhamos mosaicos, vozes que nos permitimos enxergar e ver, compreender e depois conseguir discutir o que havíamos já exposto, e vivido tudo aquilo que vivemos. E, assim, iniciamos um novo processo, de escrita e exposição das nossas percepções, conjuntamente com as professoras, todas nós de alguma forma buscamos o reconhecimento atencioso das coisas, pensando em formas de existência mais autêntica e singular e ressignificação da experiência vivida na pandemia.

Nos encontramos muitas vezes suspensos e de olhos vendados para o passar do tempo. Às vezes esquecemos quanto a vida é breve e apostamos nossa existência no valor

fantasmagórico de produtos e do consumismo exacerbado, que nos dilui na rápida e efêmera brevidade do capital (BENJAMIN, 2007). Torna nosso pensamento sistematizado, feito para aplicações de valor utilitário.

Testemunhamos a corrupção da natureza humana, empregando artificialidade aos canais de comunicação que nos aproxima um dos outros, canais estabelecidos pela linguagem, que promovem o intercâmbio entre pessoas e o mundo, não permitindo nenhuma forma de autenticidade. Nos deparamos, assim, com a impossibilidade de criar e reconhecer valores, pois causa um desencontro entre as palavras e, portanto, significados incompletos.

A imagem que podemos formar, por analogia, seria a história como biblioteca do mundo, e a memória seria uma das penas que a mão do ser segura para dar sentidos ao tempo, as mônadas saltam das páginas escritas como desenhos significativos de passagens da vida. As reflexões sobre a pandemia desaceleram nossa percepção de tempo durante os encontros formativos do grupo *Mosaico*, que na contemporaneidade assumem (tempo) um movimento acelerado de passagem, inviabilizando a construção da memória.

As mônadas são encharcadas de memórias voluntárias e involuntárias, Benjamin em *A imagem de Proust*, texto de 1985, reencontra com as reminiscências de Marcel Proust e analisa nessas obras, como uma vida poderia ser lembrada por quem viveu, formando, assim, um tecido de imagens que surgem da lembrança, formando narrativas de rememoração: “Pois um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para o que veio antes e depois” (BENJAMIN, 1985, p. 37).

A partir daí temos uma densa análise sobre a crítica de Walter Benjamin, sobre o gênero literário da memorialística e o entrelaçamento com as suas percepções sobre a memória entrelaçados à história. Pensando os movimentos de aderência de imagens produzidas e como essas alcançam o pensamento, formando referenciais de tempos vividos e que podem ser acessados pela memória. Benjamin considera o tempo inter cruzado em seu fluxo, o mais próximo da forma real do tempo. Ele passa, instantaneamente, diante dos nossos olhos, as imagens do mundo.

O procedimento de Proust, não é a reflexão, e sim a consciência. Ele está convencido da verdade de que não temos tempo de viver os verdadeiros dramas da existência que nos é destinada. É isso que nos faz envelhecer, e nada mais. As rugas e dobras do rosto são as inscrições deixadas pelas grandes paixões, pelos vícios, pelas intuições que nos falará, sem que nada percebêssemos, porque nós, os proprietários, não estávamos em casa (BENJAMIN, 1985, p. 46).

Walter Benjamin se localiza de maneira multifacetada entre as múltiplas interpretações do papel da memória e sua integralização na retomada da narrativa e da sensibilidade para as experiências humanas. Em diálogo com Charles Baudelaire, Allan Poe e Michel Proust, ele aposta na análise de compreensão das narrativas produzidas por esses intérpretes da modernidade, apresentando o messianismo, como tempo histórico profano, por onde irrompe os lampejos da memória, através das brechas suscitadas pelo instante, quebrando, assim, a ordem linear que a história progressista busca.

Walter Benjamin aponta para o entendimento da perda da aura na modernidade, como ponto onde o sujeito não é mais soberano no mundo regido pelas leis do mercado. Por isso, o repensar histórico em conjunto com a memória, propõe uma revisão desconfiada da historiografia e, por extensão, o processo de transmissão. Ao refletir sobre a memória, Benjamin coloca dois sentidos da história: 1) conjunto dos eventos do passado; 2) Reivindica a singularidade da sua escritura em cada momento da história, formando, assim, uma unidade em si, criando condições de possibilidade de compreensão do passado.

Dessa forma, a identidade histórica é a experiência vivida, presente no narrar das experiências dos sujeitos que vivenciam e experimentam o tempo. Por isso, a necessidade de um desvio crítico do historiador. Para Benjamin, o mundo está em pedaços, a história se assemelha à um amontoado de ruínas e a salvação consiste no recolhimento desses pedaços perdidos e dispersos reencontrados na narrativa e na retomada de consciência do sujeito histórico contra o capitalismo, que conduz à destruição do ser vivo.

Maria Carolina Galzerani (2021), em diálogo com a historiadora Jacy Alves Seixas, refletem sobre a acepção de memória e história que, nas últimas décadas, vem ganhando espaço dentro das discussões historiográficas, tanto francesa quanto a anglo-saxã, bem como se tornando uma guerra de símbolos na historiografia e estabelecendo paradigmas de leituras entre os historiadores que buscam a via memorialística para construção do discurso histórico.

Na concepção francesa, representada pelos diálogos de Pierre Nora (1984; 1993) e Maurice Halbwachs (1990), tenta-se estabelecer distinções entre a memória e a história, buscando referenciais, designando certas características ligadas às sensibilidades para o campo da memória ligada à tradição, artesanais, afetivas, múltiplas, vulneráveis, enquanto a história, seria a reconstrução de análise e explicação, com estatuto científico, reconstrução intelectual, demanda análise e explicação. Assim, a história aprisiona a memória, nas interfaces de suas explicações metodológicas.

Maurice Halbwachs (1990) aponta para a separação da memória histórica da memória coletiva. Paul Ricoeur (2018) analisa esse caminho tomado na diferenciação hermenêutica dada

por Halbwachs, a partir do processo de aculturação a exterioridade, que distancia o sujeito de seu próprio passado para uma progressão ao não familiar e estranheza sob o passado histórico.

[A] descoberta do passado histórico por intermédio da memória dos ancestrais. O vínculo transgeracional constitui, a esse respeito, a espinha dorsal do capítulo “Memória coletiva e memória histórica”: através da memória ancestral transita o “rumor confuso que é como o movimento da história”. Na medida em que os mais velhos da família perdem o interesse nos acontecimentos contemporâneos, eles interessam as gerações seguintes no que foi o cenário de suas próprias infâncias (RICOEUR, 2018, p. 405).

Dessa forma, atribui-se uma dimensão pública ao entendimento do que seria a memória compartilhada, perdendo-se, assim, o vínculo íntimo com o vivido e narrado, tornando-se um passado conservado, coletivo e público. Integrando a memória histórica à memória viva. As consequências, para Halbwachs, é que os mais velhos vão perdendo o interesse nos acontecimentos contemporâneos e se voltando para o tempo de suas infâncias, conservando um tempo íntimo dentro de si e desvencilhando da construção da narrativa sobre o tempo compartilhado, provocando problemas entre “[...] as relações de uma historiografia separada da memória coletiva e o que nela subsiste de tradições não historicizadas.” (RICOEUR, 2018, p. 411).

Em Pierre Nora, da ruptura da história e da memória surge uma nova figura: “a memória apreendida da história”, abrindo espaço para o “reinado do arquivo”, originando, assim, a “memória arquivística”. Paul Ricoeur analisa essa proposição, como base para entender os lugares de memória citados por Nora, como base de nova situação que surge de lugares de memória, buscando imprimir suas marcas em lugares exteriores: “[...] nas quais as condutas sociais podem buscar apoio nas transações cotidianas.” (RICOEUR, 2018, p. 415).

Já na historiografia anglo-saxã, a memória perde seu caráter autêntico. Os representantes dessa historiografia, focalizam a problemática da memória e criticam a tentativa de hierarquização de conhecimentos entre memória e história, colocado pela historiografia francesa. Porém, essas discussões também pendem para generalizações. Ao reportar-se à dimensão política, voluntária, retirando o caráter de espontaneidade e colocando-a nas demandas de controle voluntário – aproximam demais memória e história, tendendo a anular as diferenças existentes entre elas.

Benjamin dialoga com as concepções francesas e anglo-saxônicas, mas amplia a aceção de memória mergulhando nas ideias de Bergson, Freud e Proust.

Henri Bergson (1979; 1997) vincula a memória ao sentido de consciência. Tenta reconstruir a construção da memória da experiência moderna, por via sintética, pois não acredita

mais na via natural, que a vida moderna quase não pode contar mais. Não deixar também de acentuar o antagonismo que domina a relação entre a vida ativa e uma vida contemplativa particular que deriva da memória. Essas lembranças que habitam dentro de nós:

Para Bergson, tanto percepção como intuição deságuam nos labirintos da memória. Seu conceito de memória acha-se fundamentalmente, vinculado ao sentido da consciência. Sentido este que permite a ultrapassagem do eu superficial e uma relação mais dinâmica e íntima entre o sujeito e o objeto. Ter consciência é possuir capacidade de articular dimensões de temporalidade e duração contidas na relação entre presente, passado e futuro (GALZERANI, 2021, p. 20)

Walter Benjamin amplia o conceito de temporalidade que, para Bergson, é sinônimo de duração e é indivisível, enquanto, para Benjamin, é exatamente nessa descontinuidade do tempo em que se encontram as brechas em que a rememoração rompe o tempo linear, produzindo o despertar dos sonhos, das fantasmagorias.

Em Freud (1971), Benjamin estabelece um reencontro com a memória inconsciente. A teoria psicanalítica freudiana desperta em Benjamin a ideia de filosofia com alicerces antropológicos, pensando, assim, nas estruturas psíquicas que se modificaram com o avanço da técnica e dos moldes capitalistas e seus efeitos no comportamento humano. A concepção freudiana de inconsciente se torna fértil para o entendimento da percepção humana no mundo moderno, responsável pela “desaturatização” do sujeito, presente na teoria da cultura moderna, em Walter Benjamin.

Walter Benjamin, em diálogo com Proust, adentra as dimensões da memória involuntária e afirma que, “Para esse autor, a grande questão na reflexão sobre a memória não é propriamente aquilo que é possível lembrar, mas é saber lidar com o fantasma do esquecimento. Como revelar os fatos esquecidos e apagados pela história oficial?” (GALZERANI, 2021, p. 88).

Benjamin, ao adentrar as reminiscências dos escritos de Proust, mergulha em um mundo das memórias despertadas, através de toques, cheiros, sons, tudo aqui que insurge involuntariamente, na memória de Proust e que ele coloca no papel, narrando, assim, pedaços de sua vida. No entanto, Proust considera que somente a memória involuntária é como um fenômeno da rememoração, que nos permite acessar as imagens do passado. Benjamin, amplia essa concepção, pois

retoma, portanto, a distinção proustiana entre memória voluntária e memória involuntária, mas o faz no contexto de uma história crítica da humanidade oprimida, e não segundo uma construção individual e estética, como o proustiano. Essa transposição não é desprovida de dificuldades – presentes em todas as analogias entre trajetória individual e trajetória coletiva (um problema

que os leitores de Freud também conhecem). A noção de memória involuntária é transposta para a esfera historiográfica, porque permite uma interrupção do fluxo narrativo dominante, mas é acompanhada pela exigência de uma presença de espírito aguda por parte do sujeito histórico (GAGNEBIN, 2014, p. 243).

Para Benjamin, o presente também é portador significativo do estímulo que nos leva a rememorar, não é somente uma espera, um lampejo que surge, muitas vezes é no tempo presente, aquele que sensibiliza nossa percepção. Benjamin percebe a memória coletiva integrada a partir da memória individual que aparece em Proust, percebendo, no processo de recordação, possibilidades de análise da experiência humana. É no ato de rememorar, partindo do presente, que o sujeito situa o passado, e passa a repensar o próprio futuro, entrecruzando vários caminhos da memória involuntária à memória voluntária.

[...] nos oferece um dado conceito de memória, capaz de ampliar a dimensão de ser sujeito- tanto sob o ponto de vista social tanto sob o ponto de vista psicológico. Conceito de memória capaz de dinamizar a visão de produção de conhecimentos, entrecruzando diferentes espaços, diferentes temporalidades, diferentes sujeitos, diferentes visões do mundo (a da criança e a do filósofo, por exemplo) (GALZERANI, 2021, p.21)

Somos levados a lembrar que memória e esquecimento. Walter Benjamin se pergunta: como revelar os fatos esquecidos e apagados pela história oficial? Em suas ideias, encontramos um caminho de possibilidade, ligado à tentativa de tomar pelas vias da rememoração e da relação com as experiências estéticas, que ligam o sujeito ao mundo de maneira sensível.

Em *Imagens de pensamento: sobre o haxixe e outras drogas*, Walter Benjamin em diálogo com Proust, coloca como esse é o papel de fundo que precisamos considerar para introduzir a arte como atitude política:

A educação artística, como Proust por vezes, dá a entender muito bem, não se fomenta apenas através da contemplação de “obras-primas”. Pelo contrário, em formação, uma obra de arte, e com razão, é qualquer coisa de muito diferente no que é para um colecionador. Tais quadros tem para o proletário um significado provisório, mas decisivo e um critério mais rigoroso só é necessário para as obras atuais que se relacionam com ele, com o seu trabalho e a sua classe (BENJAMIN, 2013, p.26).

Para Gagnebin (2014), o espaço social é também uma apreensão da alma, em relação às diversas partes do mundo. A percepção que o sujeito tem do mundo reflete nas suas produções sensíveis. Por isso, a relação com a arte envolve também uma reflexão sociopolítica da teoria da vida, já “que percepção e história, se transformam mutuamente” (GAGNEBIN, 2014, p. 122).

George Simmel elabora suas teorias sociológicas, de modo que o embotamento das experiências e do excesso de estímulos nos levam à dessensibilização de nossos sentidos, na tentativa de sobrevivência na condição moderna. Walter Benjamin, a partir dessas reflexões estéticas, elabora teoricamente uma estética da tatibilidade e do gosto. Benjamin compreende que essas imagens não são mais duráveis na modernidade, nossas produções e tempo para com elas se relacionar, são frágeis, fugazes e fogem ao nosso controle.

Neste trabalho, todos os caminhos desembocam na memória, não como ferramenta, nem objeto, mas como meio de acesso ao sujeito que se posiciona perante a temporalidade e estabelece relações com seu próprio interior.

A atitude do historiador perante essas imagens que surgem fruto da reminiscência são “as catástrofes e as colisões do tempo, estão na ordem do dia, tal como a remonte. Preenchem ao máximo cada hora, fazem de cada dia um tempo esgotante e de cada vida um instante” (BENJAMIN, 2013, p. 32).

A memória ganha figura e movimento, na linguagem elementar de Benjamin. O autor descreve o trabalho manufatureiro que o traçado pelos percursos da memória exige daquele que busca, por meio dela, encontrar-se com as imagens do passado no tempo presente:

A linguagem fez-nos perceber, de forma inconfundível, como a memória [*Gedachtnis*] não é um instrumento, mas um meio, para a exploração do passado. É o meio através do qual chegamos ao vivido [*das Erlebte*], do mesmo modo que a terra é o meio no qual estão soterradas as cidades antigas. Quem procura aproximar-se do seu próprio passado soterrado tem se de comportar como um homem que escava. Fundamental é que ele não receie regressar repetidas vezes à mesma matéria [*Sachverhalt*] – espalhá-la, tal como se espalha terra, revolvê-la, tal como se revolve o solo. Porque essas “matérias” mais não são do que estratos dos quais só a mais cuidadosa investigação consegue extrair aquelas coisas que justificam o esforço da escavação. Falo das imagens que arrancadas de todos os seus contextos anteriores, estão agora expostas, como preciosidades, nos aposentos sóbrios da nossa visão posterior – como torsos na galeria do colecionador. E não há dúvida de que aquele que escava deve fazê-lo guiando-se por mapas do lugar. Mas igualmente imprescindível é saber enterrar a pá de forma cuidadosa e tateante no escuro reino da terra. E engana-se e priva-o do melhor quem se limitar a fazer o inventário dos achados e não for capaz de assinalar, no terreno do presente, o lugar exato em que guarda as coisas do passado. Assim, o trabalho da verdadeira recordação [*Erinnerung*] deve ser menos o de um relatório, e mais o da indicação exata do lugar onde o investigador se apoderou dessas recordações. Por isso, a verdadeira recordação é rigorosamente épica e rapsódica, deve dar ao mesmo tempo uma imagem daquele que se recorda, do mesmo modo que um bom relatório arqueológico não tem apenas de mencionar os estratos, em que foram encontrados os achados, mas sobretudo os outros, aqueles pelos quais o trabalho deve passar antes (BENJAMIN, 2013, p. 101)

Rememorar também se configura como um ato político, aquilo que resiste dentre as rupturas, as brechas temporais. É um fazer jus às vidas, aos traços que foram apagados no decorrer do tempo, e feitos esquecidos pela escrita da história. Portanto, essa pesquisa fundamenta-se no aporte teórico metodológico de mônadas de Walter Benjamin para trazer as narrativas das professoras de história sobre ser professor na pandemia e amplia a noção de memória ao abarcar a memória involuntária entrecruzada com a voluntária.

CAPÍTULO 3 - AS MÔNADAS E A PESQUISADORA NO DIÁLOGO COM AS MEMÓRIAS DAS PROFESSORAS

Acredito que o ato de rememorar para a produção de conhecimentos históricos é importante, pois é a partir dele que podemos contemplar as diferentes memórias, seja voluntária ou involuntária, pois não se trata de um ato consciente. As rememorações são estimuladas a partir de sensações, estímulos visuais, cheiros, por exemplo, e por isso não é o despertar de uma lembrança consciente, não se trata de algo que nos forçamos a lembrar. Assim, nesse ato de rememorar, me questiono sobre o tempo acelerado da nossa sociedade, sobre as mudanças que ocorrem nos lugares, supostamente para trazer melhorias, a falta de disposição e de tempo, portanto, para mantermos contatos com outras pessoas. E nessa rememoração que me permiti movimentar aqui, vou trazendo relações com questões mais amplas. Não se trata, portanto, de uma simples lembrança individual, pois, ao trazê-la à tona, pude ressignificá-la e questionar as relações do presente. [...] Nesse sentido, a rememoração é importante quando consideramos a produção de conhecimentos históricos, visto que ela pode abarcar as diferentes memórias do sujeito que, ao ressignificá-las, poderá apontar para relações sociais mais fortalecidas, por exemplo, já que ao questionar a falta de tempo, a falta de laços sociais, é possível estimular esse fortalecimento. Ao produzir conhecimentos históricos com diferentes sujeitos por meio da rememoração, é possível buscar histórias outras, memórias outras e questionamentos. (professora Maia)

Ao ler esta mônada da professora Maia, lembrei-me da passagem de Proust, em o *Tempo perdido: no caminho de Swann*, em que ele consegue descrever a vida de uma sensação que nos transforma pela sensação que o sabor de uma bebida quente e de uma Madeleine, remete a tantos referenciais transformadores de um tempo que já se passou.

Apresento um pequeno fragmento que nos ajudará a dialogar com as palavras da professora Maia a sensação proustiana:

Mas no mesmo instante em que aquele gole, de envolta com as migalhas do bolo, tocou o meu paladar, estremei, atento ao que se passava de extraordinário em mim. Invadira-me um prazer delicioso, isolado, sem noção da sua causa. Esse prazer logo me tornara indiferentes as vicissitudes da vida, inofensivos os seus desastres, ilusória a sua brevidade, tal como o faz o amor,

enchendo-me de uma preciosa essência: ou antes, essa essência não estava em mim; era eu mesmo. Cessava de me sentir medíocre, contingente, mortal (PROUST, 2006, p. 71-72).

Fazíamos o movimento de mergulhar nas leituras que sustentam o aporte teórico de Walter Benjamin que percorre este trabalho e entrecruza com aquilo que foi vivido com as professoras, articulando conhecimento com a vida.

Benjamin coloca em ação o aporte teórico-metodológico, produzindo suas memórias mergulhadas em mônadas. Em *Infância em Berlim*, por volta de 1900, o filósofo rememora a sua infância articuladas ao universo social em imagens monadológicas.

Em suas palavras, a ideia é mônada. O Ser que nela penetra com sua pré e pós-história traz em si, oculta, a figura do restante do mundo das ideias, de mesma forma que, segundo Leibniz, em seu Discurso sobre a Metafísica, de 1686, em cada mônada estão indistintamente presentes todas as demais. A ideia é mônada, nela reside, preestabelecida, a representação dos fenômenos, como sua interpretação objetiva. [...] Assim o mundo real poderia constituir uma tarefa, no sentido de que ele nos impõe a exigência de mergulhar tão fundo em todo o real, que ele possa revelar-nos uma interpretação objetiva do mundo. Na perspectiva dessa tarefa, não surpreende que o autor da Monadologia tenha sido também o criador do cálculo infinitesimal. A ideia é mônada, isto significa, em suma, que cada ideia contém a imagem do mundo. A representação da ideia impõe como tarefa, portanto, nada menos que a descrição dessa imagem abreviada do mundo (BENJAMIN, 2007, p. 69).

As mônadas são como partículas, pequenas esferas, com significado em si mesmo. Cada mônada contém um retrato de experiência dentro de si, dos quais podemos perceber sentidos e significados. Assim, como na física de partículas em que se estuda as menores partículas da matéria para compreender como se forma o todo a partir de pequenos átomos, na teoria monadológica benjaminiana, Benjamin amplia essa perspectiva para torná-la caminho metodológico para o historiador.

Sendo assim, se faz uma imagem da realidade em miniatura, a partir de um ponto de vista sobre o mundo e, ao mesmo tempo, o mundo sob um ponto de vista. É possível enxergar na mônada “uma configuração saturada de tensões entre o particular e o universal” (BENJAMIN, 2007).

Embora seja possível extrair os elementos da cultura mais ampla, porém, cada imagem monadológica é diferente da outra, apresenta as suas singularidades (BENJAMIN, 2007). Maria Carolina Bovério Galzerani, ao dialogar com a acepção de mônadas, têm nos ajudado a compreendê-las como fragmentos de memórias que têm a força de um relâmpago, elas são carregadas de sentidos plurais (GALZERANI, 2002). Ela se dedicou a aprofundar os estudos

sobre as mônadas benjaminianas no grupo do *Kairós*, no *Centro de Memória* e no GEPEC, ambos na Unicamp. Orientou dissertações de mestrado e doutorado inspiradas no aporte teórico-metodológico monadológico. Seus orientandos, hoje professores de diferentes universidades brasileiras, também desenvolvem pesquisas inspiradas nesse aporte teórico-metodológico, herança do grupo de estudos. Assim, em sua acepção, entende as mônadas como “pequenos cacos de um vaso de porcelana que tem a potencialidade de propiciar a compreensão mais ampla do todo, portanto, muito diferentes dos fragmentos concebidos em moldes positivistas” (GALZERANI, 2013, p. 86).

O grupo do PAMEDUC, liderado pelo historiador Elison Paim, na UFSC, orienta várias pesquisas de mestrado e doutorado trabalhando com as mônadas. O grupo *Rastros*, da Universidade de São Francisco, coordenado pela historiadora e professora Maria de Fátima Guimarães, orientou algumas dissertações ancoradas na perspectiva monadológica. No grupo do GEPEC, uma de suas integrantes, a historiadora e professora Adriana Carvalho Koyama, vem construindo, junto com seus orientadores de mestrados, pesquisas com a produção de mônadas.

No grupo de estudos *Odisseia*, coordenado pela minha orientadora, Cyntia Simioni França, na UNESPAR, estudamos o filósofo Walter Benjamin como possibilidade de trabalhar com memórias em uma perspectiva a contrapelo das tendências prevaletentes da modernidade, abarcando racionalidades e sensibilidades, bem como entrecruzando memórias voluntárias e involuntárias e temos sido estimulados a construir nossas pesquisas produzindo mônadas.

Durante a pandemia, realizamos juntamente, pelo ambiente virtual, discussões e debates com o grupo *Mosaicos*, coordenado pela professora Nara Rúbia de Carvalho Cunha. Desta junção de grupos, pudemos enriquecer ainda mais nossos debates, levando em consideração que, tanto professora Cyntia como professora Nara, são grandes discípulas dos conhecimentos traçados em sua jornada como orientandas da prof.^a Maria Carolina Galzerani.

Devido ao meu interesse por filosofia, física e história, e o que cada uma pretende, em sua essência primeira, na tentativa de compreender a realidade, seja na investigação das leis do universo, que dizem respeito à matéria, seus constituintes e suas interações, ou na ciência que, com base nos feitos humanos no tempo, busca elaborar suas narrativas de compreensão do tempo, ou na forma de conhecimento filosófica, que tem por base da sua ciência estabelecer compreensão da dimensão essencial e ontológica do mundo real.

Ao expressar esses meus interesses e leituras que me inspiraram e ainda me inspiram, na construção de conhecimentos e aportes de reflexão, na tomada de consciência do ser vivente,

a minha orientadora, prof.^a Cyntia Simioni, apresentou o sistema complexo benjaminiano, no qual Walter Benjamin elaborou pequenos fragmentos inteiriços e repletos de significados, que fossem considerados, no ofício do historiador, como caminho para a escrita da história de maneira múltipla e diversificada.

Por esse caminho compreendi que as narrativas das memórias produzidas pelas professoras permitem compreender as suas experiências vividas durante a pandemia.

No final de cada encontro, eram entregues em papel impresso: uma obra de arte, fragmentos de obras literárias, para estabelecer uma experiência estética. As obras de artes estavam relacionadas à temática do encontro juntamente com os recortes literários. Tanto as passagens literárias, como as obras de arte foram selecionadas por mim. Busquei nessas obras de artes estimular às percepções que às vezes se tornam inenarráveis, devido a sua densidade, a qual a palavra se torna limitada demais para o entendimento e então só nos resta sentir.

Nos fragmentos literários busquei recortar passagens que traziam no âmago da personagem, a licença poética que muitas vezes não encontramos correspondentes na nossa realidade rígida. Assim, a vida ganha vozes representantes na figura de personalidades que ajuda a nos expressar ou até mesmo entender alguns sentimentos que habitam dentro de nós. E para relacionar todas essas formas de se relacionar esteticamente com esses caminhos de inspiração, no final de cada encontro, eram propostas algumas provocações, no sentido de levar as professoras a narrarem suas próprias memórias, inspiradas pelo viés da arte relacionando com suas experiências.

E a partir dessas narrativas escritas e iconográficas, dediquei-me a elaborar as mônadas.

As mônadas configuraram, dessa forma, elementos de experiência única. A unicidade dessas experiências possibilita não cairmos na sensação de não repetição do tempo, permitindo manifestação (individual/coletiva) e autenticidade na escrita da história.

Neste trabalho, as mônadas surgiram entre a devastação e ruínas que a covid-19 deixou enquanto dizimava vidas. As memórias das professoras representaram desabafo, mas também de resistência ao descaso governamental que dificultou ainda mais passar pelo tempo da pandemia. Cada memória expressa em narrativa, constitui uma experiência única. Para Walter Benjamin, o materialista histórico só se aproxima de um objeto histórico quando o confronta enquanto "mônada" (BENJAMIN, 1994, p. 231). O que cada professora viveu, representa algo sobre elas, e no caráter das mônadas, essas narrativas aproximam a expressão e caminho de interação para com o outro e o mundo material.

Compreendo as mônadas como um ensejo ímpar para trazer à tona leituras plurais do

contexto pandêmico e das experiências nesse período, ao mesmo tempo que se entrecruzam com o passado e o presente de quem narra, pois as professoras ao rememorar não trazem apenas as suas histórias de vida, mas as amálgamas com as experiências vividas durante a pandemia. “Os pequenos textos memorialísticos podem ser considerados mônadas, que espelham em suas linhas particulares uma subjetividade inserida num universo social” (PETRUCCI-ROSA, 2012, p. 148).

Para produzir as mônadas, foi necessário atentar meu olhar, enquanto pesquisadora, para os detalhes, na intenção de ressignificar cada narrativa. O recorte monadológico vai para além de um recorte interpretativo retirado de uma narrativa. Precisei ir além dessa concepção, pois as narrativas envolviam muita sensibilidade e percepções pertencentes à individualidade de cada professora. Assim, ao olhar para as narrativas, as mônadas surgiam como a essência de quem narra e se relaciona com o mundo material na relação com as minhas experiências vividas.

Sobre as escolhas dos títulos, foram produzidos durante a leitura de cada narrativa. Foi um processo muito natural, pois estava sempre ali nas palavras das professoras, algo que saltava perante meu olhar e me tocava mais profundamente. Carregava em si a essência de tudo aquilo que cada professora buscava expressar.

É preciso considerar que as mônadas acolhem as racionalidades e subjetividades e trazem “práticas socioculturais, plurais e contraditórias” (FRANÇA, 2015; GALZERANI, 2002). Sendo assim, muito mais que um simples recorte, a mônada é uma partícula minúscula, parte da memória do sujeito, que se relaciona com a realidade, movidas por forças de interação e formam universos complexos de pessoas com suas experiências nas diferentes camadas de tempo.

No próximo capítulo, convido você, caro (a) leitor (a), a conhecer os mosaicos das oficinas realizadas juntamente com as professoras e as narrativas transformadas em mônadas.

3.1 CONSTRUINDO CONHECIMENTO HISTÓRICO - EDUCACIONAL PELA VIA MONADOLÓGICA

(...) mal tinha acompanhado as gaivotas de leste, que voando contra um último brilho, se perdiam ao longe e regressavam com as suas asas recortadas num negro carregado, e lá não conseguiria de escrever seu voo. Ele tocava-me tão profundamente que eu próprio regressava de longe, negro da experiência sofrida, um bando de asas salientes. À esquerda todo era ainda enigmas por decifrar, e o meu destino está preso a cada aceno, à direita dele, à direita ele já tinha acontecido, e tudo fora um único aceno silencioso. Esse jogo de contrastes durou ainda muito tempo, até eu próprio não ser mais que o limiar por sobre o qual alternavam. (A gaivota, Walter Benjamin, 2013).

1º Mosaico: Falar de Si

O primeiro encontro do grupo *Mosaico* foi no dia 05 de maio, do ano de 2022, no laboratório de História (LEHIS). Para nosso primeiro contato, organizei-me para dar início a nossa conversa e assim teríamos nossos diálogos e compartilharemos nossas trajetórias. Para iniciarmos esta pesquisa, pensamos em intercambiar nossas histórias de vida, por isso o título “O narrar das linhas vividas”.

Logo, trouxemos à superfície das nossas falas muitos acontecimentos relacionados ao início do ano letivo do ano de 2022. Puxando fios sobre os enfrentamentos e desafios vividos pelas professoras, que apresentaram novos desafios, tanto relacionados ao sistema educacional quanto à volta do convívio presencial em sociedade que há dois anos estava restrita, devido à pandemia.

Esse mosaico foi pensado principalmente para iniciarmos uma tentativa de aproximação, nos conhecendo, apresentando parte de nossas vidas, jornada acadêmica, onde cada um trabalha, vive, enfim. Construímos um cenário do nosso cotidiano, narramos algumas pequenas histórias, para que, assim, nos aproximamos pelo diálogo e pela afetividade.

Eu fui a primeira a se apresentar. Já tínhamos tido um pré-contato, por assim dizer, ao realizar o convite do projeto de formação para cada uma delas. Mas ali, pessoalmente, a pesquisa toma novas formas, as vidas vão ganhando fisionomias, rostos, cheiros, voz. Por isso, esse primeiro momento foi inicial, tanto para que o eu pesquisadora pudesse me aproximar e me sentir à vontade para dar continuação à pesquisa de maneira mais leve e sensível. E, através

de cada história de vida, fui me distanciando da ideia de pesquisador/objeto a fim de alcançar resultados pré-concebidos e racionalizados.

Após fazer as apresentações iniciais, eu, enquanto pesquisadora, e a minha orientadora, conversamos com o grupo de professoras sobre as propostas que envolviam a pesquisa coletiva que pretendia construir com elas. E, logo, a professora Sil Oliveira lembrou seu gosto pela literatura, que, em tempos já passados, entrava na biblioteca e lia seus romances. Através dessa rememoração um fio foi puxado para inspirar todas as professoras a compartilharem seus gostos artísticos e literários.

No nascer destes relatos iniciais, apresento o meu primeiro apontamento: a arte nos toca, as palavras de um livro têm a capacidade de nos sensibilizar para o mundo. E o ato de lembrar constrói pontes imaginativas, que nos conectam há tempos que já se passaram na relação com o presente. O ambiente, a atmosfera, a sensação de muitas vezes encontrar o que sentimos nas páginas de um livro, são capazes de deixar marcas que nos ajudam a trilhar caminhos e construir referenciais sob o tempo (líquido e abstrato):

O caminho da rememoração, reavivado pela arte, encontra em alegorias, imagens, acontecimentos na linguagem literária, que amplia possibilidades e pluralidades na descrição do mundo e particularmente de nossas experiências, no mundo individual imerso na cultura mais ampla (BENJAMIN, 1985, p. 56).

Seguindo, assim, nosso percurso, compartilho a primeira obra de arte inspiradora do nosso encontro. A obra de arte *Cisnes refletindo elefantes*, do pintor Salvador Dalí. Salvador Dalí e Doménech, 1º Marquês de Dalí de Púbol (1904-1989), foi um importante pintor espanhol, conhecido pelo seu trabalho surrealista. Suas pinturas influenciadas pelo classicismo apresentam a combinação de imagens bizarras:

“... Estou pintando quadros que me fazem morrer de alegria, estou criando com absoluta naturalidade, sem a menor preocupação estética, estou fazendo coisas que me inspiram com uma profunda emoção e estou tentando pintá-los com honestidade.”.

Salvador Dalí

Figura 4: Obra de arte: *Cisnes refletindo elefantes*, de Salvador Dali



Fonte: <https://arteeartistas.com.br/cisnes-refletindo-elefantes-salvador-dali/>.

Ao dialogar com essa obra de arte, fomos estimuladas a olhar para si, na relação com os outros e nos narramos. Pois o quadro nos apresenta a ideia do reflexo, olhar para si, quando trocamos olhares com nós mesmos, diante de uma superfície que nos espelha. Podemos considerar que o grande espelho humano são nossas histórias. Quando decidimos narrar sobre nós e nossas trajetórias, estamos, assim, como os cisnes e elefantes, debruçados sobre um córrego qualquer, tentando nos enxergar. O que nos trouxe vários nós mesmos: a Carolina pesquisadora, as professoras protagonistas, mas também a Flor de Lua, Rosalinda, Maia e Sil Oliveira. Vários nomes, várias faces, vários traçados que nós somos apresentados durante o decorrer da vida formando um mosaico de memórias.

O diálogo com as obras de arte propiciou as partilhas das histórias de vida. Convido conhecer as professoras em imagens monológicas:

Entre idas e vindas: caminhos vividos

Na época a família morava em uma casa, em um sítio no qual não havia energia elétrica. Com 5 anos, chorava muito e era carregada no colo pela professora. Era uma boa aluna, com notas boas, mas amizade não era o meu forte. Eu tinha um melhor amigo, seu nome era Alisson, mas ele foi embora para Goioerê neste ano, chorei no ônibus. Ainda morava no mesmo sítio que morava aos 5 anos. (...) no Estadual, mas estudando de manhã e entrei no Formação de Docentes. O interesse pela docência já vinha da infância e eu tinha vontade de entrar nesse curso desde a sétima série.

(Professora Rosalina, 2022)

Uma criança que viveu no sítio

Gosto muito de contar para minhas colegas de escola e pessoas mais velhas que quando criança, ainda em Roncador, vivi sem luz elétrica, sem água encanada e que de tecnologia, tinha só o rádio a pilha que meu pai gostava de ouvir as notícias à tarde, ou o jogo de futebol aos domingos. Ahh, não posso esquecer do banheiro, que era a “casinha” e ficava para o lado de fora da casa. Isso nos anos 1990, e parece que o tal do “progresso” só chegou lá próximo dos anos 2000. Gosto de lembrar da professora da 1º série, professora Sandra. O carinho dela e o respeito me fizeram achar a profissão de professora tão bonita. Assim, desde nessa época eu já me via professora, já brincava com as amigas de escolinha, fazia meu irmão mais novo ser meu aluno em casa e passava tarefa para ele.

(Professora Maia, 2022)

Nas mônadas “Uma criança que viveu no sítio” e “Entre idas e vindas: caminhos vividos”, sinto o sabor dos sonhos infantis surgindo em minha memória, assim como a professora Maia e a professora Rosalina, logo na infância eu já tinha minha sala de aula inventada. Com olhos vítreos de seres inanimados, de repente ganham vida na minha mente fértil. Eram brinquedos que gostariam de aprender mais sobre o mundo e assim eu me realizava como mestre de todos eles.

Percebo a importância da infância no direcionamento de quem seremos adiante, essa importante fase que não nos desvencilharmos e se torna um referencial para o nosso eu adulto. O olhar do adulto para a criança passada, que (re) existe dentro de todos nós, chama atenção para pensarmos o papel da infância na nossa constituição enquanto seres.

Este vínculo infantil, coberto de iniciações, significados construídos na imaginação etc. implica que devemos dar mais valor a essas imagens que surgem da mente fértil e cheia de criatividade do nosso eu criança.

Dessa forma, atribui movimento e vida a essa pesquisa, parte do interior para pensar o coletivo, pois, as experiências, ao serem narradas ganham o caráter de compartilhamento e aprendizagem para quem narra e para quem escuta.

A professora Sil Oliveira escolheu narrar a sua vida através de uma poesia que construiu para a partilha:

Poesias da Sil

Quem sou eu?

*Prazer! Eu sou a Eva Simone de Oliveira, Sou um pouco de cada
pessoa que conheci, Um pouco de cada lugar que estive,
De cada situação que vivi...*

Sou Turismóloga e professora de História..

*No trabalho eu sou a Eva, dinâmica, exigente e que se encontrou na sala de aula, Ama e
se diverte com seu trabalho...*

*Para família e amigos próximos eu sou a Simone, emotiva, Sonhadora, as
vezes, só as vezes dramática ...*

Mas quem sou?

*Uma pessoa muito família, que ama viajar, assistir filmes, viciada em
romances apaixonada por animais..*

Muita atrapalhada, que vive perdendo objetos,

Mas acima de tudo, uma pessoa que ama a vida e que tem muitos sonhos..

*(...) Sem dúvida eu sou fruto dos incentivos familiares, sou a única com curso superior na
minha família. Também sou fruto das pessoas que passaram pela minha vida me
ajudaram, incentivaram e compartilharam suas experiências. Sou uma pessoa em processo
de aprendizagem, que se encontrou na sala de aula.*

Sil Oliveira

A professora Sil apresentou a sua vida em versos, e o que não é a vida se não uma longa poesia? E não somos todos nós intérpretes artistas das nossas experiências? O vínculo familiar demonstrado pela professora apresenta que somos indivíduos, mas também somos

constituídos na coletividade, no convívio. Somos parte de uma família no qual nos são transmitidos valores, que nos fixam de certa forma a uma “herança” que vem sendo carregada e dividida por um grupo ligado por laços afetivos e significativos. O que somos nós se não um pedaço de todos aqueles que nos são próximos. O encontro entre o único (particular) e o universal (a história).

Dando continuidade para conhecer as professoras partilho a próxima mônada:

Editar, selecionar, escolher, contar e não contar.

Bom, começo dizendo meu nome e minha idade, aspectos fundamentais para mim, me chamo Flor de Lua, um nome breve e com sobrenome que me adjetiva, mesmo que nem sempre eu faça jus a ele (rsrs), tenho 44 anos e isso é muito importante porque, cronologicamente, sou uma mulher “madura” e na nossa sociedade isso não é qualquer coisa.

Acho que minha vida profissional é o que mais me define pois é nela que vivo a maior parte do meu tempo. Realmente me importo com meus alunos, as vidas deles são muito importantes para mim, muito além de se aprendem ou não história. Boa parte do que estudo, leio e ouço é com o propósito de dar melhores aulas e de entendê-los como sujeitos em formação, seu contexto econômico e social, as inúmeras outras vivências que os atravessam. Tive a oportunidade de estar na vida de pessoas tão incríveis, tão inteligentes e tão boas que estão por aí sendo profissionais respeitados nos diversos lugares que atuam. Isso é para mim um verdadeiro privilégio. Adoraria que no Lattes pudéssemos postar pessoas, eu teria inúmeros alunos para postar, eles dizem mais de mim do que qualquer texto/artigo que tenha escrito.

(Professora Flor de Lua, 2022)

Flagro a frase “Adoraria que no Lattes pudéssemos postar pessoas, eu teria inúmeros alunos para postar” da mônada **Editar, selecionar, escolher, contar e não contar**.

A professora Flor de Lua nos chama para pensar quem são todos aqueles que passaram pela nossa vida e nos deixaram uma pequena marca que carregamos e não importa o tempo que passa, ela nos forma e nos transforma e nos dá referencial profundo e sensível sobre aquilo que somos.

Durante os encontros, a professora Flor de Lua era a personificação de uma alma poética e literária. Meu primeiro contato com a professora Flor de Lua foi ainda na graduação.

Durante a minha participação no PIBID, desenvolvemos uma atividade em sua turma de Ensino Fundamental. Quando chegamos, todos os estudantes possuíam um livro de literatura em cima da mesa. E eu pensei: “Literatura na aula de história?”. Senti que seria ali a turma que mais me marcara, pois sempre busquei relacionar literatura e história e ali acabei vendo na prática a satisfação dos estudantes na expectativa de buscar o próximo livro na biblioteca. A professora então nos contou seu incentivo para que os estudantes lessem. Por isso, uma parte de seu horário de aula era dedicada à ida à biblioteca.

Ao ler a mônada da professora Flor de Lua, essa lembrança surgiu de maneira imediata, me fazendo reviver as experiências que tive enquanto desenvolvemos o projeto em sua sala de aula e como ela plantou uma semente de vontade de leitura no coração de seus estudantes.

Penso que, nas práticas de formação profissional, uma maneira fértil de compreensão no desenvolvimento da profissionalização docente e suas várias faces da construção da identidade profissional é a autoformação humana, envolvendo as histórias de vida, para que possamos sentir a complexidade que os caminhos da vida vão ganhando com o passar do tempo.

Creio que as conexões de experiências trocadas permitem que nós nos desgarramos das amarras do conhecimento histórico puro e racional, dando espaço para estudos que permitam nossa capacidade de nos reconhecer enquanto pessoas que mudam. Considero, aqui, uma passagem intrigante dada por Friedrich Nietzsche em *Humano, demasiadamente humano*, sobre a atitude filosófica que ajuda a aumentar nossa compreensão sobre a extensão do ser humano e suas experiências:

Habitualmente nos empenhamos em alcançar, ante todas as situações e acontecimentos da vida, uma atitude mental, uma maneira de ver as coisas – sobretudo, a isto se chama ter espírito filosófico. Para enriquecer o conhecimento, no entanto, pode ser de mais valor não se uniformizar desse modo, mas escutar a voz suave das diferentes situações da vida; elas trazem consigo suas próprias maneiras de ter assim participado atentamente da vida e da natureza de muitos, não tratando a nós mesmos como indivíduos fixos, constantes, únicos (NIETZSCHE, 1878, p. 174).

Qual o espaço que nossos desejos e sonhos ocupam nos estudos históricos? Pois estes também traçam uma história significativa daquilo que almejamos e daquilo que nós alcançamos dentro das possibilidades que ultrapassam nosso poder de conquista, mas que depende também do nosso entorno social.

Dando continuidade aos nossos encontros, no segundo mosaico focalizamos a memória e o tempo. Vamos conhecer?

2º Mosaico: “O narrar das linhas vividas”

Neste segundo mosaico, pensamos a relação entre o tempo, o sujeito e como a pandemia foi sentida e vivida pelas professoras. O tempo linear e programado não consegue comportar a imensidão das pessoas e de suas memórias em tempos pandêmicos. Para fomentar a experiência estética, a representação deste encontro com as professoras aconteceu no diálogo com a obra de Salvador Dalí, *A persistência da memória*:

Figura 5: Obra de arte: “A persistência da memória” do pintor Salvador Dalí



Fonte: <https://g.co/kgs/61uo2E>

Levamos em consideração a representação do tempo na transfiguração desse sentimento que se arrasta, sentindo a passagem do tempo. Muitas vezes lentamente nos perpassando, desacelerando ou passando tão rapidamente que nem ao menos conseguimos falar sobre ele.

A primeira vez que olhei para esse quadro, estávamos no auge da pandemia, longe de acabar, não tínhamos perspectiva para a criação das vacinas, era início de 2020. Os noticiários se tornaram arrastados, eram número e mais números de mortos. Eu desligava a TV, às vezes, para tentar fugir das incertezas que esse momento nos oferecia. Não adiantava olhar as horas, elas eram sempre iguais.

O tempo se consumia e nos levava à uma sensação de marasmo, pois tínhamos que ficar isolados em casa. Não conseguia expressar essa sensação, o tempo se tornou homogêneo e as horas perderam as formas que tinham nos tempos normais. Ao olhar para o quadro de Salvador Dalí, consegui perceber a materialização daqueles sentidos que se arrastavam da sensação que me acompanhou durante a pandemia.

Dessa forma, trouxe o quadro e minhas próprias sensações para estabelecermos um diálogo, durante o encontro, para que as professoras falassem qual foi a percepção que mais demarcou o período de pandemia vivido por cada uma. O processo de rememoração se insere no tempo do *Kairós*, tempo esse que Benjamin considerava um tempo político, denso, mobilizando a legibilidade e a visibilidade de um acontecer. A ideia era falarmos sobre as experiências na pandemia, mas essas não vêm isoladas, são relacionadas a outros acontecimentos que foram rememorados na hora de narrar. Dessa forma, vem à tona imagens plurais e polissêmicas, entrecruzadas e despertas, que conseguem escapar do *continuum* do tempo.

Nesse segundo mosaico, ao pedir para que as professoras narrassem o que elas consideravam como caminho percorrido das experiências vividas na pandemia e como elas reelaboram os sentidos dessa experiência no presente. As experiências vividas pelas professoras foram muito sensíveis, muitas vezes um tom de desabafo, encontrando nesses encontros formativos espaço para a fala e para resistir aos esfacelamentos que estamos sofrendo nos tempos atuais. Foi por meio dessas narrativas que conseguimos ressignificar nosso sentido de tempo, espaço e relações sociais.

A professor Flor de Lua, que expressou extrema preocupação e cuidado, com o ato de compreender seus estudantes antes mesmo de adentrar ao conhecimento histórico”. Para ela, ser professor (a) não é dominar o conteúdo da sua área de conhecimento; há um outro tipo de conhecimento muito importante ligado a sensibilidade e o sentimento de alteridade pelo outro; que envolve o processo de produção de conhecimento histórico-educacional, mas não se localiza na matéria, mas sim, no sujeito.

Partilho as mônadas, que foram sentidas no coletivo, mas também compreendida de forma particular por cada professora desta pesquisa:

Mundo inteiro coberto em máscaras

Bem, os anos de 2020 e 2021 foram tão surreais que, certamente, Dalí teria dificuldade em realizar a sua obra. Imagino que ele jamais teria imaginado o mundo inteiro coberto de máscaras, a saliva humana convertida em arma letal, a proximidade física, o aperto de mão, as festas, as reuniões, tudo ficou perigoso e a humanidade se recolheu. A possibilidade de morte coletiva nunca esteve tão perto, não ao menos em tempos recentes. Em dias de pandemia tanto fazia se era segunda, sexta ou domingo. Todos os dias tinham apenas cara de dias, sem nome e sem data, um sucedendo o outro. Escrever esse texto em 2022 é verdadeiramente “cavar

e recordar”, conforme Walter Benjamin, o baú dos vividos e acontecidos nos dois anos anteriores. A pandemia ainda não acabou e o signo do medo permanece sobre nós, mas é inegável que as doses da vacina nos deram um pouco mais de coragem e uma sobrevivida. Podemos seguir mais um pouco.

(Professora Flor de Lua)

Na mônada da professora Flor de Lua, nos deparamos com a pandemia relacionada aos traumas, aprendizados, tudo aquilo que simbolizou em nossas vidas; apresentando uma narrativa que nos permite nos relacionar e nos identificar com o vivido. São nessas reentrâncias que a produção de conhecimento histórico encontra sua sensibilidade, e na relação com o acontecimento histórico e a narrativa do sujeito, inflando de vozes e perspectivas distintas. O que dizer das mortes coletivas? Como narrar esse mundo coberto de máscaras? Uma narrativa desestabilizadora.

No diálogo com a professora percebemos o quanto a rememoração é importância para aliviar essa dor coletiva e para superar esse luto e reelaborar os sentidos da vida. Inclusive a professora trouxe um fragmento da aceção de memória de Walter Benjamin que ela compartilha:

A língua tem indicado inequivocamente que a memória não é um instrumento para a exploração do passado; é, antes, o meio. É o meio onde se deu a vivência, assim como o solo é o meio no qual as antigas cidades estão soterradas. Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo. Pois “fatos” nada são além de camadas que apenas à exploração mais cuidadosa entregam aquilo que recompensa a escavação. Ou seja, as imagens que, desprendidas de todas as conexões mais primitivas, ficam como preciosidades nos sóbrios aposentos de nosso entendimento tardio, igual a torsos na galeria do colecionador. E certamente é útil avançar em escavações segundo planos. (...) A rigor, épica e rapsodicamente, uma verdadeira lembrança deve, portanto, ao mesmo tempo, fornece uma imagem daquele que se lembra, assim como um bom relatório arqueológico deve não apenas indicar as camadas das quais se originam seus achados, mas também, antes de tudo, aquelas outras que foram atravessadas anteriormente. (BENJAMIN, 1985. p. 239-240).

Tempo sentido e vivido de várias formas

Para refletir essa temática busquei um trecho da minha dissertação de mestrado. “A memória surge das lembranças individuais e coletivas. Constitui-se como meio de trazer novamente à tona o que foi vivido em um determinado tempo. A história é a análise crítica do passado, um

estudo realizado no presente que se debruça sobre o passado, que vai além da “restauração” de memórias, e tem como princípio a problematização e a crítica das fontes. Há, neste caso, o uso de teorias, conceitos e metodologias variadas para interpretar o passado. Entre as funções da história está a organização sistemática do passado, a ordenação do tempo da vida humana em suas vinculações no espaço e no tempo. A memória dá voz às experiências vividas, a história problematiza essas vivências, sendo que ambas podem ser utilizadas na reflexão sobre a história e seus objetos. Neste sentido, cabe ao historiador a tarefa de saber ouvir e observar como a oralidade se expressa nas experiências humanas, nas atitudes, nos hábitos, nos costumes e nas tradições. Isso porque a pessoa que narra é portadora de uma memória situada no tempo e no espaço, fonte da experiência de vida. (...) O tempo tem a obra de Salvador Dalí, também teve um papel importante durante a pandemia. Foi sentido e vivido de diferentes formas. Sendo ressignificado de acordo com as experiências de cada indivíduo. Quando a pandemia iniciou eu estava saindo do mestrado, o qual havia consumindo muito do meu tempo e dedicação. Foram dois anos de muito aprendizado, contudo, conciliar escola e estudo foi difícil e terminei o curso com vários problemas de saúde. (...) Próximo ao final do ano de 2020 os alunos do impresso foram encaminhados para o laboratório de informática e inseridos no sistema online. Também foi realizada escala de professores para atendimento individual a esses alunos. Em outubro desse ano eu passei por uma cirurgia no útero, cansada de ficar em casa mesmo em recuperação fui atender um aluno com dificuldades na disciplina de história, fiquei uma noite inteira sem dormir com dor, mas, os olhinhos do aluno em mim, foi uma ótima recompensa. Assim como sair um pouco de casa também.

(Professora Sil Oliveira)

O tempo sentido pela professora Sil Oliveira nos traz várias camadas de reflexão, uma professora realizando seu mestrado, mas também cuidando de sua saúde. Seu corpo sentiu a passagem do tempo e as consequências que a pandemia trouxe. Em sua narrativa, nos apresenta uma concepção fundamentada na sua dissertação de mestrado, de maneira mais metodologicamente construída. Compreendo, assim, uma outra forma de relatar sobre a pandemia, ao mesmo tempo em que vai colocando entre fios diferentes e que se entrecruzam expandindo a arte da existência transformando a narrativa histórica em nossa história também.

Ao me relacionar com essa Mônada, me aproximo da concepção de memória apresentada pela professora Sil Oliveira, destacando a importância da responsabilidade do historiador em escutar aquilo que o outro tem a dizer. Compartilho com ela a valorização da memória como espaço de expressão das experiências vividas. Ao ler esta mônada, penso na minha própria responsabilidade enquanto pesquisadora, na leitura dessas narrativas, ao mesmo tempo em que compreendo que não estou ali para um processo de “resgate”, cada uma dessas memórias aqui presentes possui sua própria força para insurgir dentro das narrativas históricas.

Diálogo, ainda, percebendo a produção de conhecimento histórico que emerge do curso da vida, pois a sua concepção de tempo se apresenta tanto de maneira mais acadêmica, refletindo aquela concepção de história construída em sua dissertação, mas ao analisar a obra

de arte, a percebo no “fazer-se professor, que a prof^a. Sil Oliveira relaciona à sua experiência em sala de aula, atribuindo outra perspectiva de conhecimento, ligada ao que ela viveu e a partir disso como ela interpretou o seu tempo. Ponto importante, pois assim é possível perceber, ao se aproximar das suas ideias, como o conhecimento se dá pelo entrecruzamento de várias partes da vida.

O conhecimento, dessa forma, não se constitui de maneira hierarquizante, excludente, linear e sucessiva, mas de maneira a mobilizar vários campos de nossa vida racional e afetiva.

Necessidade de esquecer

Já o quadro “A persistência da memória”, eu o conhecia, mas pouco consigo resgatar, de minhas memórias, quais as primeiras vezes que o vi, ou de qual conteúdo se tratava, sei que foi na escola e sei, também, que o esquecimento é parte tão importante da memória, quando as lembranças. Quando analiso as imagens presentes nele, reflito acerca de como o ato de lembrar é líquido e como nesse processo, o tempo se altera, deforma. O tempo interfere em nossa capacidade de sentir determinadas experiências pelas quais tivemos contato, fazendo com que se tornem menos ou mais dolorosas, além disso, essa discussão me recorda de Jorge Larrosa e de como ele conceitua a experiência, sendo ela tudo que nos toca, tudo que nos passa. E é somente a experiência que é capaz de se tornar uma memória, pois vivemos um período de excesso de informação, dessa maneira, nem tudo que lemos, vivemos, passamos é experiência, às vezes e tão somente, é só “sujeira”. E ainda, deve-se dizer que esse processo de excesso de informação, mina a nossa capacidade de experienciar e, com isso, a nossa capacidade de lembrar.

A professora Rosalina nos apresenta outra palavra que também deveria pertencer aos interesses dos historiadores: “O esquecimento”. Por que esquecemos? E por que tudo queremos lembrar? E hoje o que fazer com essa sede de guardar a memória, tudo salvamos em plataformas, memórias artificiais de aparelhos eletrônicos? Será possível guardar tudo em nossa memória? Por que não nos permitimos esquecer, se isso faz parte de um mecanismo natural do ser humano? (HUYSSSEN, 2000, p. 15).

Em uma outra perspectiva, Benjamin aponta para a narrativa de rememoração realizada por Proust:

Pois o importante, para o autor que rememora, não é o que ele viveu, mas o tecido de sua rememoração, o trabalho de Penélope da reminiscência. Ou seria preferível falar do trabalho de Penélope do esquecimento? A memória involuntária de Proust não está mais próxima do esquecimento que daquilo em

geral chamamos de reminiscências? Não seria esse trabalho de rememoração espontânea, em que a recordação é a trama e o esquecimento a urdidura? (BENJAMIN, 1985, p. 37).

E se ainda considerarmos o tempo como substância que decide parcialmente o que continuará em nós e o que ele carregará para a efemeridade? Coisas que deixam suas marcas e coisas que se desmancham, apagam, diluem para algum dia, talvez sem avisar, ressurgem com um lampejo destituindo nossas certezas da linearidade e abrindo brechas na automatização de nossos atos.

Pois quem lembra também esquece e o que marcou cada uma de nós durante a pandemia foram narradas e compartilhadas no grupo, o que criou não uma história da pandemia, mas histórias experienciadas sobre um tempo pandêmico em que vários efeitos reverberam por entre corpos. A partilha coletiva enriquece e aumenta o prisma de visão, tanto da pesquisadora como dos sujeitos históricos que se completam e criam um tecido significativo sobre um tempo que não pode ser descrito de uma única maneira. Acontecimentos se produzem e são ressignificados à luz do presente! Ou seja, eles: “[...] não aparecem de modo isolado, patético e visionário, mas são anunciados, chegam a múltiplas esteiras e carregam consigo uma realidade frágil e preciosa: a imagem.” (BENJAMIN, 1985, p. 40).

Dessa forma, apostar nas mônadas como via e possibilidade de construção de conhecimento histórico-educacional, partindo do indivíduo para enxergar a coletividade, investe o discurso histórico de sensibilidade e de possibilidades para o entendimento dos acontecimentos no tempo e no espaço. Além de que cria a possibilidades de pensar a história não linear, mas traçada em várias direções e perspectivas que expressam características inerentes à multiplicidade da natureza humana.

Não encerrando a conversa de memória e tempo, debruçamos sobre a esfera do tempo e do trabalho. Convido vocês a conhecerem o próximo mosaico.

3º Mosaico: Trajetória, experiência, trabalho: O ser no tempo

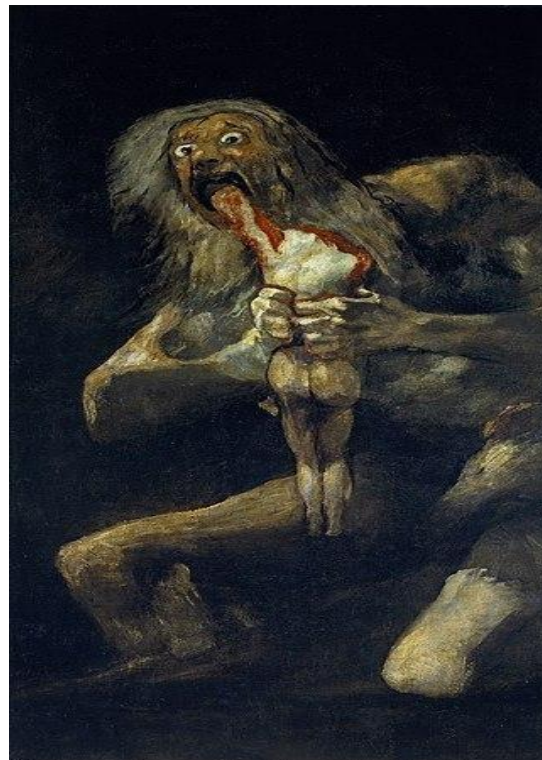
O terceiro mosaico, realizado no dia 19 de maio de 2022, teve como foco o Tempo do trabalho em casa, levando em consideração o isolamento social exigido pela pandemia, o tempo na escola (como era ter de representar uma escola no ambiente virtual para o sistema de ensino e para os alunos) e como, a partir de pensar o tempo dessas perspectivas, nós sentimos sua passagem pelo nosso corpo e pela mente? O que a pandemia fez com o tempo coletivo e individual?

Podem parecer abstrato demais todas essas questões que tentam entender um elemento

que rege nossas ações, ao mesmo tempo em que é tão líquido e disperso. Quando paramos para pensar sobre o Tempo, vemos passar, não pela sua corporificação, mas pelos seus rastros impressos em nós humanos. E as camadas do tempo estão impressas em nós?

Assim, para essa reflexão trouxe na arte, a representação que muitas vezes não encontramos nas palavras: o que seria o tempo que nos devora? Trouxe a obra de arte Saturno devorando um filho, de Francisco de Goya. Uma pintura do período romantismo, na qual, Saturno, ou na mitologia grega *Cronos*, um dos poderosos titãs, pertencente à primeira geração de seres divinos, filho de Urano e de Gaia. A figura monstruosa, *Cronos*, devorava todos os seus filhos, para preservar seu trono e manter o caráter finito do universo. Para estimularmos o diálogo com as professoras neste mosaico “*Trajatória, experiência, trabalho: o ser no tempo*”, escolhi esse quadro pelas sensações que este remete, sendo a representação do tempo devorador de todos os filhos.

Figura 6: Obra de arte: *Saturno devorando um filho*, do pintor Francisco de Goya.



Fonte: <https://g.co/kgs/rFUQet>.

Como uma aposta de aproximar o tempo sentido e narrado de maneira alegórica, trouxe ainda o fragmento da obra literária Ernest Hemingway em seu livro “O velho e o mar”.

Ernest Miller Hemingway (1899-1961) foi um escritor norte-americano, trabalhou como correspondente de guerra, em Madrid, durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1945). Seus livros têm grande relação com a vida que ele viveu na Espanha. Devido às turbulências da vida, Hemingway se suicida com um fuzil de caça aos 61 anos, no ano de 1961.

O trecho da obra compartilhado com as professoras evoca um corpo envelhecido lutando com o restante de suas forças contra a lógica da natureza e a tentativa de provar a si mesmo que ele pode lutar contra o preço alto que a passagem do tempo nos cobra. O livro é sobre o envelhecimento e o distanciamento das novas gerações sobre o sentido da “herança” deixada pelos nossos antepassados, na qual o conhecimento precisa ser renovado e representado pelas figuras jovens. Trata da desvalorização do acúmulo de experiência pela vivência no tempo.

Iniciamos o encontro falando sobre o estado da literatura como estratificação. As professoras chamaram a atenção da importância do ato de parar em algum momento do seu dia a dia para ler uma obra literária. Com o grupo de formação e as provocações pelas vias artísticas, as professoras começaram a trazer suas impressões sobre como está sendo esse processo. O que foi muito importante, pois a professora Flor de Lua iniciou o encontro com algumas reflexões pontuais e que permitiram, logo depois, ligarmos à questão do tempo. Ela iniciou narrando sobre o sentimento e a sensibilidade de ter lido aquele trecho do *O velho e o mar*, a professora já havia lido o livro em outro momento, mas disse que é sempre bom retornar.

Mas o acesso à literatura é para poucos, muito restrito, por ser uma atividade do ócio, que exige que a pessoa tenha tempo. Mas quem tem tempo? Aqueles em que transformam o ponteiro do relógio em cifras de dinheiro para suprir suas necessidades básicas, não encontram espaço para o ócio e muito menos para buscar experiências estéticas no seu dia a dia.

Então, embarcamos em relatos de reinvenção das práticas e tentativas de acesso à cultura e a educação na nossa sociedade, pelas brechas que encontramos.

Professora Maia narra sobre a ligação sentimental que as professoras têm com seus estudantes, e isso como uma forma de perdurar e existir pelo tempo através da memória. Como nossas atitudes e ações educativas com nossos estudantes marcam a vida deles e as modificam das mais diversas formas, ao ponto de que, ao falar sobre seu processo de formação, ele sempre retorna no tempo para falar sobre algum professor que o fez olhar a vida de outra forma.

Essa narrativa despertou na professora Sil Oliveira os caminhos e (des)caminhos que a formaram como professora. Um ponto marcante vale a pena destacar é que ela narra que a “escola me fez ser realista”, ao qual existem três escolas em sua experiência: 1º) a escola da infância, um espaço em que ela exercia a imaginação e tinha acesso a conhecimentos novos; 2º)

a escola vista pelo enfoque da universidade, sistematizada com métodos a serem “utilizados em sala de aula”; 3º) e a escola pela sua experiência enquanto professora, que apresenta seu funcionamento próprio burocrático, com desvios e dificuldades. A Professora Sil Oliveira conclui: “Ainda estou aprendendo a ser professora”.

Tudo isso nos leva a refletir sobre o processo infinito de formação de um professor, ele não é detentor de conhecimentos fechados. O professor é formado pela passagem, pela experiência, mas também no contato com as novas formas de falar sobre a realidade, sobre as novas demandas dos estudantes. Professor é um caminhante no tempo do conhecimento e como sujeito. Estamos sempre em processo de construção e desconstrução contínua constituído na temporalidade e, não somos caixas fechadas, mas sim mentes abertas na relação com o outro que nos constitui.

A professora Flor de Lua, ao final do nosso encontro, partilha duas narrativas significativas: primeira ela se refere ao processo de envelhecimento pela passagem do tempo. Ela nos diz: “O presente está colado na gente e só o vemos quando ele já passou e se tornou passado. (...) Tenho a imagem da minha avó em minha memória, com o rosto marcado, velho, o tempo havia passado cavando as unhas e deixando marcas nelas. Assim, viver é entrar no tempo (tateando-o) e morrer é sair do tempo. O tempo é experimentado no meu corpo e assim ele segue pelas pessoas”.

A professora Flor de Lua, perante essas novas exigências do tempo moderno, destaca que há uma “desnutrição educacional” para resistir ao tempo que nos consome e tenta simplificar ou quase amputar nosso tempo da formação estética. Ressalta, ainda, que a literatura é como uma mediadora para o conhecimento histórico-educacional. E faz muito mal para o estudante o professor que não lê, pois a literatura também é uma formação emocional.

Aqui a temática era o tempo. Ao falar sobre o tempo encurtado da nossa modernidade, as professoras logo instigaram a pensar nessa falta de tempo nos raros momentos que temos para nos dedicar a atividades culturais ou até mesmo, no dia a dia, quais os espaços no tempo que encontramos para nos dedicar à leitura de um bom livro.

Desde o segundo mosaico, as professoras têm se inspirado em trazer outros livros e indicações de trechos que permearam sua experiência literária ao longo da vida. Muitas vezes, ao parar para produzir a narrativa, voltavam a um poema marcante que elas traziam para o próximo encontro, para ler em voz alta para todos nós no grupo. O que me chamou a atenção, foi essa prática, que durante os encontros foi ganhando mais e mais força. As professoras chegavam nos encontros, dizendo que pararam por um momento para refletir e pensar, ou muitas vezes surgia como um lampejo, algo que fazia total sentido com aquilo que elas

rememoram do encontro anterior.

Esse processo de voltar às suas leituras vem marcando nossos encontros, de maneira muito sensível e pessoal. Essas práticas de interrupção, tanto da escrita como do poema, me levaram a perceber que, enquanto produzimos, dialogamos, falávamos sobre arte, versos, escapamos do tempo do *Chronos*, aquele que nos devora, representado na obra de arte, e nos leva ao tempo da interrupção saturados de agora: o tempo do *Kairós* (BENJAMIN, 2010).

Após esse mosaico, convidei as professoras a produzirem uma narrativa sobre o tempo e, se pudessem, falassem do tempo da pandemia, como sua rotina e seu cotidiano foram reinscritos perante esse estado de exceção. Compartilho as mônadas, caro (a) leitor (a).

Profissão professor: A pandemia

Professora Rosalina

[...] Escrever sobre a pandemia, me fez olhar para educação e pensar no que o aluno está sentindo, no que os pais estão sentindo. Por isso que busco sempre compreender o lado do pai que trabalha e me preocupo mais se o aluno está sendo alimentado, do que se está realizando as atividades. Além disso, utilizo ao máximo os benefícios de ser nativa digital, para ajudar minhas colegas professoras que são imigrantes digitais. Pois a educação não se faz sozinha, ela é uma construção e nada pode ser construído sem ação. Por isso os sujeitos da educação, professores e alunos, não apenas devem se ajudar, como também necessitam da existência de uma rede de apoio, onde com tecnologias ou não, todos se conectam e se auxiliam para que o ensino seja eficaz e a aprendizagem seja integral.

Pensei o tempo como tema de abordagem de um dos mosaicos, percebemos, assim, durante o encontro, que todos nós tínhamos algo a dizer sobre o tempo, não de maneira separada, mas como uma crônica, pois quantas coisas se relacionam com a nossa existência? Pensamos, assim, no entrecruzamento que nossas conversas e escritas permitiam: de histórias individuais convivendo com as histórias coletivas.

A mônada da professora Rosalina reflete, assim, com o seu olhar de professora, situada dentro de uma escola da rede pública, a realidade que permeia o seu cotidiano, mas por extensão, se conectou com a situação que a educação se encontrava em tempos pandêmicos. Quais foram as ações por parte do governo para suprir as necessidades escolares que foram surgindo? E a importância das professoras que foram para além das suas funções construir uma

rede de apoio para seus estudantes enquanto enfrentavam uma pandemia?

Ao ser perguntada sobre a pandemia, todas as professoras trouxeram suas preocupações para com os estudantes, com os obstáculos que surgiram ao perceber que a escola se constrói na coletividade. Não é apenas uma instituição de ensino, mas um espaço de disputa de poderes, uma área que exige investimentos, que muitas vezes não cumpre todas as suas responsabilidades e por isso deixa nas mãos das professoras. Mas onde ficam as responsabilidades do estado?

Práticas pedagógicas vividas na pandemia.

Professora Sil Oliveira

Ao refletir a minha prática pedagógica ao longo de 2021 é vem sedimentada de valores, experiências, sentimentos, pautada na subjetividade. Sendo os fatos narrados uma reconstrução das minhas lembranças. Provavelmente haverá esquecimentos, foram muitos acontecimentos. O ano de 2021 marcou um novo relacionamento com os alunos. Agora os alunos eram obrigados a participar dos meets, na escola que trabalho Darcy Costa era realizada chamada nas turmas nas primeiras aulas pela direção e equipe pedagógica. Também era exigido dos alunos câmera aberta nos meets, o que foi cumprido mais pelos alunos do fundamental, principalmente turmas de sexto e sétimo ano, do que no ensino médio. Muitos alunos tiveram problemas com a bateria do celular, é preciso ressaltar a persistência desses alunos que com celulares simples participavam das aulas. Agora as aulas ocorriam de acordo com a grade de cada turma, as salas de aula virtuais eram abertas pelo professor no mesmo horário que seria a aula presencial. O link era postado no classroom da turma, para cada disciplina um link, os alunos ficavam migrando de uma sala para outra. Foram muitas as experiências nas aulas meet, com trocas de conhecimento com alunos, com eles aprendi usar alguns recursos do meet, com uma amiga professora aprendi a usar o dualless, uma extensão para o Google Chrome que permite colocar duas janelas do navegador lado a lado na tela, o que facilitou fazer as chamadas e passar vídeos para as turmas. (...) regências. Eu ficava na sala com os alunos e os residentes no meet, sendo projetados no datashow para turma. Voltando às minhas aulas no meet, muitas coisas aconteceram durante essas aulas. Como por exemplo aluno abrir o áudio para fazer pergunta e a mãe estava fazendo uma compra pelo celular. A mãe interrompe a aula para fazer perguntas sobre o conteúdo e tirar dúvidas. Muitos pais acompanhavam as aulas, algumas vezes tinha a impressão de estar sendo avaliada por elas. Na minha turma do 6 ano D tinha gêmeos, eu acreditava que eles eram idênticos, nas

aulas presenciais eu descobri que eles não eram, apenas um deles aparecia na câmera. Na turma do 7 ano B eu tinha o último horário da sexta feira, nessa turma havia um aluno apaixonado pelos filmes do Godzilla, sempre ficava após a aula para conversar sobre os filmes. (...) Na turma do 7 ano C um aluno parou a aula, quando começou a correr atrás de um coelho com a câmera aberta, enquanto os outros alunos riam. Tive que esperar ele pegar o coelho para continuar com a aula. Mas nem todas as experiências foram engraçadas e positivas, eu tive uma aula no oitavo ano invadida por alunos de outra escola. Um menino e uma menina, quando solicitei para abrirem a câmera e se identificar começaram a escrever palavras pesadas (palavrão) no chat do meet, infelizmente para os alunos era a primeira aula do período da manhã, e o diretor entrou para fazer a chamada, viu o que estava acontecendo e rapidamente identificou os invasores.

Esta mônada nos leva a problematizar o papel que a tecnologia tem para o ensino: quais pontos positivos e negativos nos deparamos ao ter que trabalhar em ambiente virtual? Considerando que, no mundo globalizado de hoje, a conexão por rede e compartilhamento é comum: Como podemos, através dos relatos da professora Sil Oliveira, discutir, tanto o papel fundamental que a tecnologia ofereceu para o professor e para a escola quanto às invasões que foram realizadas por *hackers* em transmissões de palestras, salas de aula virtual?

É preciso considerar que, durante a pandemia, muitos encontros realizados **online** tiveram suas lives invadidas. Movimentos sociais com discussões relacionadas à comunidade LGBTQIA +, para realizar críticas contra as ações governamentais, receberam xingamentos e até mesmo tiveram sua transmissão derrubada por esses invasores.

A internet nos aproximou, mas também nos expôs. Essas invasões demonstraram como a rede compartilhada on-line não nos oferece o direito à privacidade ou a segurança. Ficamos à mercê de uma vasta rede habitada por desconhecidos.

Além de que demonstrou que mesmo fazendo parte de nossas vidas, o acesso à internet, ainda não é um direito para todos. Acompanhar as aulas online, para muitos estudantes, foi um obstáculo a ser enfrentado, principalmente nas escolas da rede pública. Quem pode ter acesso a rede de internet em nosso país? Quem pode ter um computador exclusivo para assistir às aulas on-line? Quem tem um cômodo na casa para ficar sozinho assistindo aula? Quais as condições de nossos estudantes em nosso País? O que dizer dessa situação que foi vivida e partilhada pelas professoras pelo tempo pandêmico e a escola? Tantas perguntas, quantas respostas? Quem ficou preocupado com o cenário caótico das professoras e estudantes? Quem se importa com as vidas de pais e estudantes que foram ceifadas na

pandemia, mas as aulas e seus ritmos escolares tiveram que continuar na urgência do tempo do relógio?

Mesmo assim, o tempo não parou para que pudéssemos nos preparar para a invasão das tecnologias em nossas vidas e nem mesmo para viver o luto.

Rotina que deixou de existir

Tudo na pandemia foi difícil, o trabalho, os estudos e até mesmo a rotina do dia-a-dia. Rotina que deixou de existir. Pois a qualquer horário ou dia da semana estávamos trabalhando, atendendo alunos, respondendo pais, ouvindo áudios, gravando vídeos, aulas, preparando ou corrigindo provas. Sempre buscando formas de chegar aos alunos, tentando compensar a distância e se culpando por não se fazer presente a todos, embora a culpa não fosse nossa. (...) O período entre maio e julho de 2021, para mim, foi o pior momento. Nunca quis tanto que o tempo passasse, queria pular para o fim da pandemia, não suportava mais tanta tristeza. As esperanças já não existiam mais. Assim, o trabalho se tornou uma tortura, não queria mais gravar vídeos, fazer aulas pelo Google Meet, preparar atividades impressas para entregar. E sem sair de casa, sem ver amigos e familiares, passava o tempo trabalhando ou estudando.

Professora Maia

Muitas vezes, enquanto produzia as mônadas, eu voltava aos tempos pandêmicos que vivi. Quando passei no processo de seleção do mestrado, a pandemia se iniciou. Devido às incertezas que começaram a surgir, juntamente com o sentimento da desesperança; muitas vezes pensei em desistir do projeto e das aulas do mestrado, pois nem sabíamos se estaríamos vivos no outro dia.

Estávamos encarcerados por dias iguais. Ao ler esta mônada, voltei à sensação de angústia de me lembrar daqueles tempos que se repetiam dia após dia e tinham o peso de um fardo a se carregar.

Assim, narrativas das professoras apresentam um acolhimento às experiências traumáticas sofridas, constituindo um espaço sensível que nos leva à reflexão e ao processo de se reconhecer no processo de compartilhamento e de produção de conhecimento histórico.

Continuando o diálogo com a narrativa da professora Flor de Lua, destaco sua forma poética, em transformar a experiência de viver na pandemia em algo tátil e que nos atravessa

com palavras sensoriais:

A descaracterização do tempo

Interessante poder parar e pensar em como foi a vida, que é nossa experiência no tempo, durante os dois anos mais tensos da pandemia. Penso que a pandemia não acabou, o vírus ainda circula e precisamos de cuidados, mas, graças à vacina, não corremos mais tantos riscos. Meus dias pandêmicos não foram fáceis e nem divertidos, mas com certeza foram melhores do que para quem perdeu familiares e amigos ou para quem não teve a possibilidade do “fique em casa”. Graças ao meu trabalho, tive a oportunidade de trabalhar desde a minha casa em 2020 e metade de 2021, consegui desenvolver meu trabalho em segurança e não sofri prejuízos financeiros. Digo isso porque não foi esta a realidade da maioria das pessoas que tiveram que se arriscar e ir para os seus trabalhos ou que até mesmo perderam seus empregos. Muita gente sofreu prejuízos financeiros irreparáveis conforme podemos ver em qualquer noticiário ou pesquisa sobre o empobrecimento de milhões de pessoas. Como muitas pessoas, também pensei que os dias de distanciamento seriam poucos e logo voltaremos “ao normal”. Enganei-me. Enganamo-nos. O tempo pandêmico precisa ser estudado, alguém inteligente haverá de dizer o que foi isso. Para mim os dias e os meses perderam os nomes, tanto fazia se era segunda ou sexta. Os finais de semana ficaram descaracterizados, sábado não tinha mais “cara” de sábado e os domingos não sabiam mais que eram domingos. Por um longo período guiei-me pelas postagens de interação com os alunos no Classroom e depois pelas aulas via Meet e, estas sim, deram um outro significado ao tempo e conformação do corpo, o “tempo meet”, o “corpo meet” ou ainda, o “homo meet”. Num curto período precisamos aprender a lidar com recursos tecnológicos que sequer nos imaginávamos capazes e esse desafio teve um preço: corpos ansiosos, insones e angústias diversas. Nos primeiros dias do isolamento dediquei-me ao trabalho e a ocupações domésticas, arrumação de armários, e-mails, textos, arquivos, biblioteca, cozinhei, levei roupas na costureira, liguei para pessoas, mas o que mais fiz foi ler. Li livros que fazia tempo que estavam na lista e reli outros. Li e escrevi. Escrevia com o intuito de me organizar internamente, entender e refletir sobre o que via e ouvia.

Professora Flor de Lua

“Sabemos que Proust não descreveu em sua obra uma vida, como ela de fato foi, e sim uma vida lembrada por quem a viveu.” (BENJAMIN, 1985).

(...)

“Nem sempre proclamamos em voz alta o que temos de mais importante a dizer. E, mesmo em voz baixa, não confiamos sempre na pessoa mais familiar, mais próxima e mais disposta a ouvir a confidência. Não somente as pessoas, mas também as épocas, têm essa maneira inocente, de antes, astuciosa e frívola, de comunicar seu segredo mais íntimo ao primeiro desconhecido.”
(BENJAMIN, 1985, p. 40).

É preciso problematizar a questão apresentada pela professora Flor de Lua, muitos de nós reclamamos do tempo que tivemos em casa reclusos, porém, e aqueles que não puderam se proteger da pandemia? Muitos estabelecimentos comerciais, patrões, etc., não oferecem a oportunidade de seus funcionários preservarem a vida. Muitas pessoas tiveram que se arriscar nas ruas, encaminhando-se até seu emprego, expondo-se ao vírus e ao risco de perder sua vida para garantir seu sustento. Por isso, pensar na pandemia, alarga os sentidos das histórias a serem contadas e como ela foi vivida de modo diferente para as pessoas.

Assim, os tempos passado, presente e futuro, podem se aproximar dos sentidos e reinvenções que demarcaram a existência humana entre os anos de 2019 e ainda se faz sentir, pois um acontecimento vivido é finito encerrado na sua esfera do vivido, mas se lembrado, retoma uma substância ampla de existência que perdura na passagem do tempo (BENJAMIN, 1997).

Convido vocês a seguirem sobre esses caminhos tecidos sobre o sentir das professoras, agora, sendo narradas como elas perceberam o seu redor na pandemia, em nosso quarto mosaico, vamos conhecer?

4º Mosaico: “A percepção do entorno e a reflexão com imagens cotidianas”

Neste quarto mosaico, trouxemos a atitude cotidiana do caminhar pela cidade para pensar sobre as imagens cotidianas. Desacelerar o olhar. Ser um *flâneur*, personagem evocado por Walter Benjamin, que passeia pelas multidões e observa a expressão do espírito citadino nas performances sociais de seus transeuntes. Tivemos como inspiração artística um quadro de Khariton Platonov:

Figura 7: Obra de arte: A Pequena Babá, do pintor Khariton Platonov. Ano. 1879.



Fonte: <https://images.app.goo.gl/USku138q6fvieBXRA>.

Por meio de sua pintura, Platonov buscou denunciar as mazelas sociais que assolavam a Ucrânia, pintando a realidade miserável do povo e vendendo para as elites. Mas, para isso, ele precisou olhar ao seu redor e, de maneira sensível, captar os elementos que representavam essa carência de assistência por parte das ações administrativas. Suas pinturas, que iam parar nas paredes ricas dos grandes aristocráticos que ganhavam nas custas da miséria do povo que os serviam, Platonov tentava sobreviver enquanto denunciava sua dura realidade.

Partindo dessa resistência e denúncia de Kharinton Platonov e como ele, ao olhar em seu entorno, identificou as misérias de seu tempo. Para onde direcionamos nosso olhar quando olhamos para fora? Quem é esse outro? Como isso faz parte do entendimento da compreensão do eu e do nós no âmbito do coletivo? Pensamos nessas questões, principalmente dentro do contexto da pandemia, pois fomos afastados do convívio social, mas o sentimento e a necessidade do convívio coletivo não nos abandonaram, mas, ao mesmo tempo, a sobrecarga de mortes e perdas, desvalorizaram o sentido da vida para muitos de nós.

Os recortes literários para articular com a obra de arte foram: *Rua de mão única: A lontra*, de Walter Benjamin, “Mariposas do luxo” e “A rua” de João do Rio, pseudônimo de João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, tradutor e teatrólogo brasileiro,

considerado um pioneiro da crônica-reportagem. Suas obras reuniram reportagens que fizeram parte do movimento literário do século XIX no Brasil.

João do Rio relata fatos que marcam a desigualdade e indiferença social, misturadas em diversos tipos humanos que circulavam pelas ruas do Rio de Janeiro no início do século XX.

Em “Mariposas de luxo”, o diálogo entre duas prostitutas de frente com uma vitrine, mostrando peças de roupas caras, nas quais elas depositam o desejo de comprar, paradas na calçada, enquanto o movimento da rua continua ao redor delas. Ao descrever o entorno, João do Rio coloca o contraste da miséria e a burguesia: “[...] como são feios os operários ao lado dos mocinhos bonitos de ainda há pouco.” (RIO, 2013, p. 62). E, assim, João do Rio realiza uma breve análise sobre as várias camadas que passam pela rua, desacelerando o olhar do leitor, fazendo perceber que, naquela fugaz passagem dos encontros e desencontros, numa calçada qualquer no centro da cidade, várias vidas se entrecruzam formando um universo de passantes. Nós também fizemos uma leitura sobre a mônada de Walter Benjamin: “A Lontra”.

Introduzindo, assim, na nossa roda de rememoração um contato direto com aquele pequeno fragmento que simboliza um todo do universo, pela experiência vivida por uma criança e rememorada já no Walter Benjamin adulto. Pela figura enjaulada no zoológico da Lontra, Benjamin criança, de repente se identifica com aquele sentimento de prisão que ele experimentava da janela de seu quarto. Olhando para o outro e identificando semelhanças com a sua própria situação, nos faz, às vezes, perceber que lugar ocupamos no mundo e fazer o movimento inverso do olhar, para dentro de nós mesmos.

O outro é um ser vivo, muitas vezes tão próximo, mas tão distante ao mesmo tempo, pois habita o mesmo espaço que nós, mas, ao mesmo tempo, não depende das mesmas condições de enfrentamentos perante as dificuldades que se apresenta no viver de cada dia. Partilhamos o mesmo espaço, mas não o mesmo modo de sobreviver.

Diante da obra de artes e dos excertos, algumas percepções das professoras exigiram, que meu olhar fosse mais sensível, para conseguir me aproximar das experiências delas e dialogar com os fragmentos de memórias. Defendo essa sensibilização por parte do (a) historiador (a), para que não produzamos histórias que buscam um discurso imparcial e distante da experiência do sujeito, focada em apenas em descrever fatos.

A Professora Flor de Lua nos dá um exemplo: “(...) eles noticiaram protocolos a serem seguidos entre 2020 e 2021, ações governamentais. Mas isso não fazia parte da realidade que estávamos vivendo (...) as prioridades de tempo mudaram. Lá fora era uma coisa. Na minha televisão anunciava 1.000 mortos por dia. O tempo se inscrevia na velocidade que a Covid

avançava. E isso se tornou meu tempo particular e muitas vezes eu tive a sensação de que estava sendo consumida pelo tempo.

Primeiro falamos do eu na pandemia, depois ampliamos os olhares. As professoras relatam algumas experiências passadas pelos seus estudantes. A professora Maia nos conta sobre uma aluna que perdeu a mãe. A mãe era dedicada, fazia o possível para manter as atividades da filha em dia. Mas, um dia, o marido contraiu covid e ela sumiu. Tempos depois, ela descobriu que esta mãe havia pego covid e não resistiu. Quando sua estudante voltou para a escola, desenhou sua família e no lugar da mãe colocou uma estrela.

A Professora Flor de Lua foi tocada por esta fala nos diz que as crianças não tinham maturidade para cuidar do medo deles, perante essa situação da Covid. “(...) Eles não entenderam nossa ausência na vida deles. Não sei se eles vão nos perdoar algum dia”. E ainda nos chama para pensar a situação do estudante universitário, que é cobrado diariamente. Pensar o entorno é pensar nas diversas facetas que o compõem, são realidades conviventes umas com as outras, abarcando situações, exigências e necessidades distintas.

Muitas vezes precisamos discutir as estruturas impostas que ignoram nossas especificidades locais, acabam sendo excludentes e até mesmo dificultam a partilha das experiências dos sujeitos. Para a professora Rosalina, pouco foi discutido sobre as reais possibilidades dos estudantes, para o acesso às atividades remotas e ao ensino. “(...) muitos usavam o celular da mãe, mas também outros não tinham nem acesso a algum aparelho que tivesse internet. No meu caso, meus estudantes eram crianças muito pequenas, colocamos as atividades para ser entregue junto com os alimentos que doamos às famílias. Para tentar cumprir o protocolo exigido pelo Estado, estávamos agindo distante da realidade de nossos alunos. O governo estava mais preocupado com a formação continuada e o cumprimento de horas.”.

O entorno para a Professora Maia, no entanto, foi seu próprio quarto, não conseguia mais olhá-lo, seu espaço de descanso se tornou também seu lugar de trabalho, a sala de aula, a escola, a sala de reuniões. “(...) à noite na hora de descansar eu já me sentia enfasiada daquelas paredes, me lembrava que eu tinha que trabalhar”. Muitas professoras também sentiram essa sensação e não ficaram enclausuradas em seus espaços privados, não é mesmo?

Compartilho as mônadas, produzidas após as trocas do quarto mosaico.

Que relações humanas são essas?

Professora Maia

Ao lembrar o período em que ficamos isolados durante a pandemia (meu esposo e eu ficamos

quase dois anos sem ter contato com familiares, amigos, ou visitar lugares), tenho a impressão, às vezes, de que não aconteceu de verdade. Hoje, observo a vida voltar ao normal, as pessoas saindo, indo à festas, shows, encontros familiares, com amigos, tudo tão natural, como se nada de terrível tivesse acontecido. Confesso que quando comecei a sair de novo, me sentia culpada, pensava nas pessoas que perderam entes queridos, pensava e penso nos amigos que não estão mais aqui. Agora, parece tudo tão natural, já não temos mais aquele medo, nos contaminamos e contaminamos, a Covid não é mais tão assustadora. Tristeza por todas as pessoas que não puderam chegar a esse momento. Todo esse tempo que ficamos isolados, sentimos muita falta das relações com as pessoas, de abraçar, de conversar de perto, de tomar café com a mãe, ou de sair com os amigos. As chamadas por whats não preenchem o vazio que a falta de contato, de calor humano que o isolamento provocou. Mas não foi somente a falta de relações com as pessoas que nos afetou, a falta de relações com os lugares, com a cidade também se mostrou muito impactante. Quando voltei a sair, a ir em lugares que não eram a minha casa ou a escola em que trabalho, não me reconheci mais na cidade. Muitos lugares haviam fechado, outros surgiram. (...). Quando penso em ver algum familiar ou amigos, convido para vir em casa, esquecendo que podemos nos encontrar em outros lugares. Ainda me sinto presa a casa, é como se a pandemia e o isolamento tivessem me prendido ao espaço privado, a esse individualismo. (...) Percebi como a pandemia fez aumentar a quantidade de pessoas vivendo nas ruas em Campo Mourão. Nossa cidade nunca teve tantas pessoas pedindo ajuda nos semáforos, na praça, na frente dos estabelecimentos comerciais. São mulheres, crianças, idosos, famílias dormindo na rua, morando na praça. Situações que antes da pandemia não eram tão evidentes. Pessoas que são expulsas, tem suas roupas e objetos tomados, que não podem ficar em frente a determinadas lojas, bancos, ou não podem dormir na praça. São proibidas de ficar em locais que são públicos, são expulsas da própria rua, são empurradas à margem de tudo. O que resta a essas pessoas? Qual direito elas têm se nem mesmo um espaço que é público pode ser ocupado? (...) Pessoas que não têm garantido seus direitos mínimos, básicos, que não têm direito a usufruir os espaços da cidade. E a relação dos demais moradores da cidade com elas é de desprezo, é de preconceito, é olhar para elas e chamar de vagabundo, é dizer que ajudar só vai fazer com que continuem na rua pedindo, pois não querem trabalhar. Que relações humanas são essas? Em que sentido a pandemia fez aflorar o lado bom e sensível do ser humano? Durante a pandemia, nossas relações com os espaços e com as pessoas foi muito cerceada. Pensamos que ao retornar, que ao voltar a encontrar pessoas e frequentar os lugares que gostamos, teríamos outras relações, teríamos ressignificado nossas experiências, trazendo sensibilidades mais humanas. Contudo, não é isso que percebo, vejo pessoas mais

individualistas. Vejo as relações com os lugares continuarem ligadas à mercadoria, ao consumismo. Espero que eu esteja enganada.

A professora Maia nos leva a caminhar com ela pelos tempos da pandemia. Dentro dessa mônada, nós nos encontramos com o narrar de sensações que atribuem profundidade ao conhecer histórico do tempo pandêmico. A aproximação com o sujeito que narra nos faz entrar em contato com a pandemia se desenrolando e nos afetando enquanto pessoas. De dentro para fora, olhamos também para a realidade ao nosso redor. Ao narrar sua experiência, a professora Maia perpassa por um cenário que vai do distanciamento social às retomadas dos laços e da convivência coletiva. Diante do agravamento da condição de rua, ao retornar para o espaço citadino, ela se depara com as consequências do descaso do governo. O não acolhimento e o descaso aumentou o número de pessoas em condição de rua e as colocando à margem de tudo. E a partir disso, nos leva a pensar: Qual o sentido de vida humana e de humanidade que estamos construindo nos tempos de hoje? O grande número de mortos, durante a pandemia, se tornou gráficos que só subiam. De repente, a morte se tornou parte do nosso cotidiano. As vidas perdidas se tornaram dados. E nos afastamos do que significa a vida. Quando um ente se ia.

A narrativa se inscreve na subjetividade e estrutura-se no tempo, que não é linear, mas da consciência da pessoa que cria representações das suas experiências. Considero, assim, que a abordagem subjetiva, a partir da narrativa, produzida pelo sujeito sobre sua experiência, cria singularidades, em relação aos saberes históricos, pois estabelece vínculos com o tempo que já se passou.

Nos reinventamos sem flunar pela cidade

Professora Flor de Lua

(...) a pandemia foi devastadora nesse aspecto. Por questões sanitárias as relações sociais foram proibidas ou, no mínimo, desaconselhadas e cada um se isolou conforme suas possibilidades, restando apenas o contato virtual com parentes e amigos. Vivenciei o primeiro ano de pandemia com o máximo de isolamento, saí de casa apenas para questões urgentes de mercado e saúde. Não fiz visitas e também não as recebi pois era muito importante não se contaminar, sobretudo porque não tínhamos ideia de quando a vacina viria. Quando as primeiras notícias sobre o desenvolvimento de vacinas estavam em processo experimentei uma grande esperança, pensava que quanto mais retardasse o contágio mais próxima da vacina e da cura estaria. E, foi o que aconteceu, peguei covid em fevereiro de 2022 depois de ter tomado as três doses da vacina. Me considero uma afortunada. Os sintomas foram leves e pude passar

pelo vírus com tranquilidade. Durante a pandemia minha casa foi meu micromundo, passei dias sem colocar sair na rua e meses sem ir ao centro, a cidade se converteu em minha casa e no máximo minha rua para colocar o lixo, buscar correspondência no portão ou alguém chamando por algum alimento ou informação. Tínhamos as atividades do projeto de leitura Cooperativa do Livro que desenvolvemos na praça (Feira Criativa) e que suspendemos até o início deste ano, só voltamos após todos os voluntários terem tomado a vacina. Os espaços públicos se configuraram em algo distante e lugares impossíveis de serem frequentados, aliás, eram exatamente esses lugares que poderiam oferecer riscos, lugares com circulação de pessoas. Na verdade, ficamos com medo de pessoas e suas salivas, pessoas e seus espirros, pessoas e suas secreções. Só a máscara poderia não ser suficiente, era necessário se afastar. O espaço privado ganhou protagonismo e nos reinventamos sem flunar pela cidade. Foram dois mundos em pólos distintos, o espaço privado como sinônimo de segurança, proteção, resguardo e o espaço público como ameaçador, perigoso, um lugar de risco.

Pessoas e situações cotidianas

Professora Sil Oliveira

Acredito que a minha história em relação a pandemia é muito parecida com a de várias pessoas. Foi um período muito difícil principalmente no início da pandemia, era tudo muito novo, me senti em muitos momentos perdidos. Acompanhei amigos íntimos que lutavam pela vida e contra o vírus. Acompanhei parentes a lutarem pela vida e contra o vírus. Infelizmente nem todos sobreviveram, um dos momentos mais tristes foi não poder participar do velório do meu primo devido a morte por coronavírus. A pandemia me levou a momentos de extrema solidão, isolada em casa, nos primeiros meses saía apenas para mercado, médico e casa da minha mãe no sítio. Isso porque estava em tratamento médico contra anemia, precisei me cuidar ao máximo para não contrair o vírus. Também em meio a pandemia precisei fazer uma cirurgia simples no útero, a qual foi adiada e remarçada devido à falta de material no hospital. (...) Em dezembro voltei a caminhar, sair à rua, ver paisagens e pessoas em situações cotidianas ajudou a me renovar, nunca foi tão bom sair de casa. Isso porque, passei o período da pandemia revezando entre trabalho, filmes e leitura de livros. Foi difícil ter contato somente online com meus amigos, alguns eu via toda semana e ficamos meses sem nos ver pessoalmente. Em 2021 as aulas retomaram via meet, agora os alunos foram obrigados a participar dos meets. (...) Com a obrigatoriedade da volta para escola e realizar o meet da instituição foi acompanhada de momento de apreensão porque tive contato direto ao montar um painel com

uma professora que positivou para covid. Foi na escola que tive um contato mais próximo com o vírus. Mas sair de casa todos os dias estava sendo maravilhoso, ver e ter contato com pessoas foi sensacional. Contudo foi um novo desafio, eu em sala de aula, alguns alunos na sala, outros no meet, controlar os dois grupos ao mesmo tempo foi muito difícil. Provavelmente tem muito mais coisas que poderia escrever, mas confesso que esses dias estou bem cansada devido a uma gastrite. A pandemia foi sentida de muitas formas, alguns amigos me afastei mais e ainda não conseguimos restabelecer a rotina igual tínhamos antes. E aos poucos vamos nos refazendo, nos reencontrando, nos reconectando.

Das mulheres que aqui habitam esse trabalho, todas são uma combinação de experiências, informações, formando uma constelação de pessoas e de significados. Dessa forma, a escuta sensível me permitiu ver que cada professora criou formas e imagens para retratar e conseguir falar sobre o que viveram, tanto na pandemia como no tempo que as formam durante a vida.

A professora Flor de Lua narra sua casa como um “micromundo”, onde suas relações aconteciam até o limite da calçada e o espaço público a ida ao “centro” da cidade se tornou algo distante e dissociado do que era possível. A narrativa, então, se abre no que eram as pessoas umas para as outras, na percepção da professora Flor de Lua, a presença de um outro ser humano perto da gente, se tornou um medo constante. Assim, o espaço público se torna um espaço ameaçador, inabitável e que colocava nossa saúde e vida em risco.

A professora Sil Oliveira nos conta que sua maior aproximação com o vírus foi quando as atividades presenciais retornaram, e uma professora que a ajudava a montar uma apresentação, estava com covid.

Destaco, inclusive, algumas palavras que simbolizam o que o covid-19 nos causava durante o tempo e que ressurge durante as narrativas com as professoras: apreensão, perda, luta, tristeza, solidão, isolamento, falta, cansaço. Palavras que também ressignificam o tempo e nos fazem estabelecer contato uns com os outros.

Mas somos cada um uma forma distinta de ser no mundo, a mônada da professora Rosalina, reflete um outro tipo de experiência possível dentro do tempo pandêmico:

Um outro olhar sobre a pandemia

Professora Rosalina

O isolamento social não me foi surpreendente, nem sufocante, nem desesperador. Eu já morava

sozinha e não era muito de sair de casa. (...) Não me sentia sozinha e não fiquei sozinha. Senti falta de poder sair para comer, mas os deliverys supriram bem essa ausência. Em um dia de lockdown eu saí de casa, as ruas estavam vazias, sem pessoas, sem vida. Mas acreditem, eu gostava daquela paz... Mesmo que não fosse o indicado, mas se eu não o fizesse meus pais ficariam enlouquecidos, no decorrer da pandemia eu costumava os visitar pelo menos uma vez por semana. Na casa da minha mãe eu ia até mais vezes. Eu sinto falta dessa frequência, que hoje (e antes da pandemia) se reduz a em torno de duas vezes por mês. (..) Odiava ter de ficar sentada em uma cadeira por horas a fio na frente de um computador/notebook (...) eu costumava me recusar a limitação. Eu assistia aula com o celular no sofá, ou ligava o notebook para poder ouvir enquanto mexia no celular. Câmeras e microfones desligados. Convenhamos, eu odiava participar das aulas durante a faculdade, que era presencial, no remoto piorava. Eu sempre gostei de ouvir, não preciso olhar para entender o que ouço e fazer uma segunda. Eu sou quieta, mas agitada também, sempre estou fazendo mais de uma coisa ao mesmo tempo, pensando em inúmeros problemas e soluções diferentes. Me concentrar em uma coisa só é inquietante para mim, na frente de uma câmera . Agoniante. Resumidamente, no começo da pandemia, a cidade era vazia. Depois voltou ao normal, apenas com máscaras e álcool em gel. (...) Sinto medo ainda, sinto insegurança e sinto falta de como eram algumas coisas em 2019. Principalmente dos preços das coisas. Meu salário aumentou depois da pandemia, não graças ao excelentíssimo prefeito de Campo Mourão, mas sim a mim, que concluiu faculdade e pós-graduação. Logo tive avanços por escolaridade em meu salário, mas é interessante, pois mesmo assim, hoje tenho menor poder de compra do que em 2019. Decepcionante.

Percebi outra forma de se relacionar com o seu entorno. Por não ser uma pessoa a frequentar muitos locais públicos, a professora Rosalina sentiu os efeitos de outras formas. Adentramos a outras esferas interpretativas, nos encontrando com o entorno, através das estruturas econômicas. A falta de poder de compra colocada pela professora Rosalina afetou grande parte da população brasileira. Também a vida de estudos, pois, para ela, uma grande dificuldade era ficar sentada em frente a uma tela de computador assistindo aulas *online*. O que mais ouvimos, na volta das aulas presenciais, era a necessidade que tínhamos de estar sentados em uma cadeira, conversando com colegas de classe e ouvindo o professor ao vivo dar sua aula.

Parecem detalhes que nos passam despercebidos, mas são essas pequenas partes que são sufocadas por narrativas que generalizam e focam na apresentação de “fatos” e “dados” e não dão espaço para a presença do sujeito como autor da história. Só através da experiência conseguimos nos aproximar da realidade micro, mas que delinea e causa efeitos macro, como

as necessidades básicas das pessoas de se alimentarem e conseguirem produtos básicos para manutenção da sua sobrevivência. Esses discursos ressaltam a necessidade de colocar em linhas históricas e na preocupação acadêmica, buscar no seio da sociedade demandas gritantes que pedem por reflexão, visibilidade e mudanças, para melhorar nossa vida em âmbito pessoal e coletivo.

Durante todos os encontros, construímos um ambiente de compartilhamento e de espaço de escuta. Era a chave para construção de possíveis caminhos para entender como a experiência humana é parte constituinte da história, para encontrar outras perspectivas de abordagem de um tempo que já aconteceu ou está acontecendo. Mergulhamos sobre narrativas e, emergimos em conversas menos formais que nos permitiam nos aproximar enquanto seres humanos que precisavam compartilhar em um período final de pandemia.

Fomos para o último mosaico com nossas percepções afloradas e com a necessidade de não encerrar os excertos. Vamos conhecer o último mosaico?

5º Mosaico: A miséria do olhar

Nosso quinto e último encontro, intitulado “A miséria do olhar”, refletimos sobre o último exercício que fizemos no encontro anterior: “Sensibilizar o olhar”.

Esse encontro foi estimulado com o quadro de Luís Duro, pintor português, nascido em 1960, que pintou na contemporaneidade portuguesa. Seus quadros buscaram na tendência da época do pop *art* as cores e traços fortes para fazer denúncias sobre as intervenções políticas sobre a cultura em geral. Nesse contexto histórico político português, Luís Duro pinta na década de 1970 a obra *Hipocrisia da fome*, retratando corpos/ almas dilaceradas, jogadas ao chão, enquanto tornados raivosos se lançam para um banquete de misérias, dentro da estética surrealista e pós-vanguardista. Essa pintura impacta pela ferocidade dos elementos que falam sobre esta sede por possuir.

Nas mãos do artista Luís Duro, apresenta de forma alegórica gigantes devorando os restos da alma humana, o que sobrou daquilo que já não tinha mais nada a oferecer. O olho no topo do furacão, focado para frente, sem ver por cima de quem passava, indo em direção ao banquete da fome. Os esqueletos a disformidade, a impressão que pode nos causar é que tão a frente lançamos nossos olhares, que não enxergamos o tempo em que habitamos. Estaria a fonte de nossa miséria?

Figura 8: Obra de arte: Hipocrisia da fome, de Luís Duro



Fonte: <https://images.app.goo.gl/MfbnVRNVgBoLVL4LA>

Além disso, realizamos a leitura de fragmentos do diário de Maria Carolina de Jesus intitulado *Quarto de despejo*. Nesta escolha, buscamos correspondências pela via artística e pela licença poética na linguagem de Maria Carolina de Jesus, que foi uma escritora brasileira de pouca instrução nas linguagens objetivas, mas de grande alma para compreender a realidade em que vivia e a necessidade de expressar na forma de relatos suas experiências, no duro cotidiano da favela. Assim, tomamos à exemplo da autora, inspiração para tratar sobre a miséria que assola nossa sociedade. Miséria que é material, mas também de nossa essência humana, especialmente durante a pandemia. O intuito desta obra era chocar, desestabilizar as nossas percepções sobre as políticas públicas vividas na pandemia no governo do presidente Bolsonaro e o descaso com a população. A prof^a Flor de Lua partilha nesse encontro (...):

[...] quando olhei para esse quadro, a primeira coisa que eu identifiquei era a ganância dos políticos. Nessa representação, amorfa, devoradora, duas são até cegas, mas as outras duas que possuem olhos, elas não olham para o que elas estão pisando. Além da sonoridade, eu ouvi o barulho de ossos quebrando sob seus pés.

Já a prof^a Sil Oliveira, nos lembra do vídeo do atual presidente Bolsonaro, rindo do

número de mortos pela covid-19 em uma entrevista: *“Eu fiz uma experiência sensorial completa da miséria social que nos assola. E vi que no prato são almas servidas.”*

A Professora Rosalina narra de modo muito sensível o esvaziamento das cidades que me levou a ficar pensando por dias sobre experiências que também vivi durante o meu mestrado.

A cidade estava vazia, eu saía só quando eu precisava ir no mercado ou visitar meu país. O seu olhar é muito mais introspectivo sobre pensar a experiência de passagem pela covid, ela traz para o grupo suas experiências cotidianas. Como, por exemplo, o vício em compra virtual e delivery, a raiva sobre o mestrado e o ensino remoto “Não tive oportunidade de conhecer meus colegas de sala. (...) acabei misturando as aulas com meus afazeres domésticos.”

Ao trazer esta obra de arte, o que eu mais buscava era tentar retratar como a covid-19 acabou piorando o nosso índice de pobreza, aumentando as pessoas em condição de rua. Levei para o grupo minhas próprias inquietações, depois de tanto tempo afastada do convívio pelas ruas de Campo Mourão, o caminhar pela cidade apresentou uma, não nova, mas talvez intensificada realidade do aumento das dificuldades financeiras que nosso país adentrou.

Ao passar de carro pela praça pública, localizada na área central de Campo Mourão, me espantei com a quantidade de grupos de pessoas reunidas dividindo um mesmo espaço, fazendo dos jardins que cercam a catedral mourãoense moradia. Ou a praça construída para abrigar o prédio do fórum, havia varais estendidos com peças de roupas para secar. Ou passando em frente ao santuário, localizado no bairro Urupês: casas construídas com papelão abrigando pessoas que pediam para os passantes que se dirigiam à missa.

Expressei total espanto no grupo, as professoras partilharam comigo esta percepção. Sempre houve moradores em condição de rua em Campo Mourão, mas nunca em um número tão expressivo. Começamos, então, a debater todas as formas que o governo agiu contra a sociedade brasileira. Perante um momento crítico como o que vivemos na pandemia, o que mais víamos era as mínimas condições serem negadas aos cidadãos e às instituições públicas.

É nesse sentido, que as próximas mônadas são trazidas como uma resistência política, a partir das experiências e dificuldades vividas pelas professoras. No diálogo com essas narrativas, conseguimos nos aproximar das consequências enfrentadas pelo sistema educacional durante o período pandêmico.

Reinventando

Em 2021 as alunas retomaram via Meet, agora os alunos foram obrigados a participar dos Meet. No D. C. Na escola que eu trabalho foi montado uma escala com alunos impressos e eles iam assistir às aulas via Meet na escola, eu em casa, e alguns alunos na escola. Isso só foi possível devido ao esforço da direção, que com promoções, rifas conseguiram implantar uma infraestrutura em que todas as salas possuem Datashow. Me lembro que quando retornamos para as escolas ouvir relato de uma colega que na escola em que ela trabalha não havia Datashow para todos os professores.

Professora Sil Oliveira

A professora Sil Oliveira, narra como a escola em que ela trabalha teve ajuda de professores e pais, organizando ações, para contribuição da comunidade, a fim de oferecer recursos de apoio à infraestrutura da escola. Destaco, ainda, que, durante nossas conversas, a professora Rosalina contou do cansaço físico e mental que muitos pais apresentavam, e, por isso, não conseguiram mais acompanhar diariamente a vida escolar dos estudantes, muitos abandonando o comprometimento com as atividades.

Entre planos de aula e a pandemia

Seguimos, com aulas on-line no mestrado e fazendo planos de aulas para serem enviados e ignorados pelos pais de meus alunos. Foram feitos planos, vídeos, atividades, mas o retorno era pequeno, quase nulo. Voltamos a frequentar o CMEI, uma vez por semana, durante seis horas seguidas. No trabalho, iniciamos o ano com os professores indo cumprir a carga horária todos os dias, mas logo voltamos ao regime de escalonamento devido ao aumento de casos de Covid na cidade. Nesse ano, retornei ao maternal II, contudo os pais também não eram participativos e a diretora nos culpava pela negligência deles. Nós planejamos a aula e eles iam buscar os planos de aula no CMEI, com sorte alguns eram devolvidos. Nós também tínhamos que gravar vídeos diariamente e realizar vídeo chamada via Meet uma vez por semana, os pais não aderiram bem e as chamadas eram feitas com uma ou duas crianças apenas. Havia muita reclamação e cobranças que não estavam de acordo com a faixa etária dos alunos (2/3 anos).

Professora Rosalina

A dificuldade em trabalhar atividades *online* com seus estudantes, ao mesmo tempo, era cobrado metas a serem cumpridas, ignorando muitas vezes a realidade atípica em que estávamos vivendo. A professora Rosalina, durante todos os encontros, posicionou-se politicamente perante todas as suas narrativas. Sempre em caráter de denúncia ela nos apresentava seu dia a dia escolar, para partilhar todas as formas que o não envolvimento governamental afeta e prejudica tanto a vida dos estudantes, como o trabalho dos (as) professores (as).

Percebendo as potencialidades políticas presentes nas narrativas da professora Rosalina (e das demais professoras), ao denunciar as condições que as escolas tiveram que enfrentar a pandemia para manter o ensino funcionando, remete ao que a professora Maria Carolina Bovério Galzerani (2021), ao pensar as dimensões da rememoração para Benjamin: “rememorar é um ato político, com potencialidades de produzir “despertar” dos sonhos, das fantasmagorias, para a construção de utopias. Rememorar significa trazer o passado vivido como opção de questionamento das relações e sensibilidades sociais, existentes também no presente, uma busca atenciosa relativa aos rumos a serem construídos no futuro”. (GALZERANI, 2021, p. 88).

É narrando sobre o que vivemos, que conseguimos escapar dos fatos esquecidos pela história oficial (preocupada em analisar dados, impor verdades, trazer discursos muitas vezes “amornando” as dificuldades que a sociedade sofreu em determinado momento). São essas narrativas que implicam um outro lado, o direcionamento ao detalhe, ao fragmento, aquilo que escapa ao contínuo e surge como uma outra possibilidade de leitura e produção da narrativa histórica a contrapelo do sistema maquínico.

Aprender na pandemia

Nós procuramos diferentes maneiras de auxiliar os estudantes e seus familiares. Preparamos materiais impressos, gravamos vídeos, levamos esses materiais nas casas dos estudantes. Tivemos aulas até a noite e em outros horários fora de nosso horário de trabalho, para tentar amenizar a situação. Alguns colegas chegaram a sair pelo bairro, de casa em casa, procurando a casa de uma estudante. Algumas mães chegavam a levar os filhos na casa da patroa enquanto trabalhava para eles utilizarem internet. Um desses estudantes, aluno meu, ficava na lavanderia da casa para não incomodar. Outra mãe colocava créditos toda semana para ver quais eram as atividades, tentar baixar os vídeos, quando ela não conseguia, atravessava a cidade a pé para ir na casa de um familiar e utilizar a internet. Também tivemos mães que

vinham a pé de bairros distantes apenas para buscar materiais ou entregar atividades prontas. Vimos também, muitas famílias darem o seu melhor na tentativa de ajudar os filhos para que não fossem tão prejudicados.

Professora Maia

A professora Maia narra outro aspecto importante das ações e atitudes que marcaram a jornada do (a) professor (a) durante a pandemia. Em sua mônada, vemos como professores durante a pandemia tiveram que sair à busca dos estudantes, até mesmo fora do horário de trabalho, para que eles tivessem a possibilidade de ter acesso mínimo às atividades escolares. Durante nossos diálogos, Maia também lembrou que não conseguia mais separar o horário de trabalho com horário de descanso, o ambiente de trabalho se tornou seu quarto e todos os dias passaram a ser iguais. Imagino que essa situação também aconteceu com muitos de nós, não é mesmo?

Compartilho a experiência da professora Maia, do sentimento de perder o espaço privado para o espaço público, na ausência de um espaço de compartilhamento real da sociedade e expressão do coletivo. O que isso significou para a vida de quem viveu em um momento pandêmico? É que não chegávamos em casa, nem saíamos para trabalhar, tudo se fazia no mesmo espaço confinado das nossas casas, e isso foi por bastante tempo, lembram? O que tornou tudo muito angustiante, pois não tínhamos nosso cotidiano separado do trabalho tudo misturado, trabalho e deveres domésticos, espaço de descanso em casa. Tudo se tornou um.

Partindo de todos os dias confundir o quarto, a sala, etc., ambientes da casa se tornaram também sala dos professores, sala de aula, sala de reuniões. Onde se faziam as refeições também se preparavam as atividades para as aulas do outro dia. Também não havia mais um limite predeterminante em que separamos as horas de lazer, por exemplo, de um domingo, para um de trabalho como os dias de segunda a sexta. Todos os dias eram iguais, pois, como não podíamos sair de casa para frequentar um espaço público coletivo, permanecemos em casa e, muitas vezes, e eu parto da minha experiência, continuava pesquisando e escrevendo a dissertação nos fins de semana, pois era o que restava fazer.

Em diálogo com as mônadas em todos os mosaicos e diante das responsabilidades enquanto pesquisadora, mas também enquanto sujeito histórico, pude tecer vários fios de leituras das mônadas, pude perceber a riqueza presente na experiência de cada um de nós. Como precisamos ressignificar o que entendemos por tempo, experiência, memória, pandemia. Ao direcionar um olhar atento por sobre as profundidades dos conhecimentos históricos que iam se

formando no centro de cada pequeno universo vivido dentro das professoras, foi possível perceber o surgimento de narrativas profundas e sensíveis que ora se entrecruzaram ora se distanciaram.

Ao me deparar com as *mônadas*, muitas vezes pude fazer delas as minhas experiências, os meus sentimentos que eu não conseguia encontrar forma de expressão, foi no relacionar-se com essas partes complexas, na relação com o outro, caracterizada pela memória coletiva integrada a memória individual, me permitiram incorporar as experiências ao meu processo formativo.

Tive muitas vezes de sensibilizar meus escritos para conseguir me relacionar com palavras tão sensíveis e perceptíveis do entorno, pois cada professora possuía uma forma de ver o mundo e se relacionar com ele, tinha sua própria forma de expressar suas memórias e experiências. As *mônadas* foram tecidas no diálogo, pois precisei dialogar com cada professora queria dizer e não o que eu buscava responder. Precisei alargar meus horizontes para abranger as complexidades contidas no discurso da partilha sensível.

São no universo das *mônadas*, que encontramos “os elementos cruciais desse trajeto de sensibilidades e racionalidade; ou seja, ousar descortinar culturalmente o “novo”, o destabilizador das certezas absolutas, o que perturba os interesses dominantes, e a coragem/disposição de fazer, dessas buscas, uma aventura coletiva”. (GALZERANI, 2021, p.135).

O trabalho com as *mônadas* é desafiador, nos tira do conformismo das teorias e aplicabilidades e nos coloca num espaço experiencial, incerto, das relações coletivas, às trocas não hierarquizantes buscando alcançar resultados é o processo a parte decisiva e formativa. É no entrelaçamento das expressões dos indivíduos uns com os outros que acessamos a versatilidade da realidade. Estamos destabilizados pelas (in)certezas absolutas que carregamos com a gente. Ao assumir um modo de pesquisa, com o trabalho de memória, narrativa, *mônada*, experiência estética, é aceitar que a história se constrói na variabilidade, no desvio e no caráter múltiplo do ser humano.

Eu, como pesquisadora, assumo um caminho de aventuras, de coragem, disposição para sair dos domínios da racionalidade cartesiana, dos enrijecimentos acadêmicos, para envolver na minha pesquisa o sentido coletivo da construção, da troca e não a hierarquização dos saberes.

Por isso, essa pesquisa não se encerra, mas deixa em aberto trajetórias de sentidos a serem buscados, explorados. Na inconclusão a seguir, convido pesquisadores (as), leitores (as) e todos que foram tocados por essa pesquisa a ser caminhante sobre as histórias, tornando nossas

práticas mais conscientes e sensíveis, não presumindo uma passividade daquilo que buscamos pesquisar. Mas abertos a múltiplos sentidos que cada um tem a compartilhar.

Pelos caminhos da inconclusão...

Enquanto pesquisadora percebo os efeitos que produzem este trabalho junto com as professoras, superaram minhas perspectivas sobre os objetivos que eu tinha ao me propor a fazer um mestrado. Pensar que de uma proposta de formação, eu seria tocada de tantas formas, e além da formação “científica”, eu sairia formada enquanto pessoa, me fez repensar que tipo de formação buscamos em nossa sociedade hoje? A cada experiência narrada, fui reformulando minhas perspectivas futuras quanto a esta pesquisa. Os mosaicos ganharam vidas nestas folhas, que antes eram em branco.

Considero a experiência vivida como necessária para que possamos reformular nossas perspectivas “científicas” quanto à construção de saberes histórico-educacionais. Ao desenvolver essa pesquisa, me tornei uma pesquisadora mais sensível à escuta, mas também a comunicação de minhas próprias ideias. Ao mesmo tempo em que eu trazia propostas, as professoras ressignificam no diálogo com as suas experiências vividas. Como partilhamos muitos fragmentários literários que me tocaram durante a vida, convidei as professoras para agregarem outros versos, trechos, títulos que fossem significativos para elas durante os encontros. Foi um mosaico literário que possibilitou enxergar as mazelas sociais, nas palavras de Maria Carolina de Jesus, ouvir o barulho de ossos quebrados sobre os pés dos poderosos que nos governam e ao mesmo tempo, ouvir Benjamin que a rememoração é o caminho potente para resistir e construir um outro presente, mais significativo, fortalecedor das dimensões humanas e coletivas.

Sentimos o cheiro do tempo que derretia em cima da mesa, que nos esmagava entre seus dedos fortes, quase nos sufocando e pelas brechas desses dedos pudemos encontrar o tempo do Kairós. Olhamos para os cisnes e elefantes, se entreolhando num pequeno riacho e nos inspiramos a olhar para nós mesmos na relação com o outro e compartilhamos nossas histórias de vida, do nosso cotidiano de trabalho e enfrentamento da pandemia.

A arte e a literatura abriram caminhos, correspondências sensíveis, para que pudéssemos narrar experiências tão fortes como as vividas na pandemia. Dessas artes, frutificaram outras artes, aquelas tecidas pelas próprias professoras, que se descreveram como poesia, como causos, outras atribuíram o cheiro do campo, da vida no sítio. Foram se reescrevendo e se colocando de maneira atuante a cada encontro através de suas rememorações.

As expressões implicaram espaço para que pudéssemos falar em verso, prosa, diário sobre política, pandemia, dificuldades diárias, perdas, lutas etc...

Para abarcar todas essas demandas vividas e narradas, construímos uma pesquisa que rompesse com as amarras acadêmicas, no sentido livre e público da história. Que pudéssemos relacionar abertamente histórias da nossa vida, com o que vivemos durante a pandemia e as nossas visões sobre como o contexto sociopolítico e econômico afetaram o nosso modo de vida naquele momento. Desta forma, as perspectivas públicas na pesquisa histórica como caminho alternativo, ajuda a pensar nas autorias compartilhadas e alcance públicos mais amplos. Construindo trabalhos de natureza compartilhável para que eles ultrapassem os portões acadêmicos e passem a ser de interesse social. Tornando a pesquisa, uma prática pública e que possamos nos reconhecer nas demandas contemporâneas.

Ao conhecer a minha orientadora, mudou totalmente minha visão quanto a minha responsabilidade social em ser historiadora. Devo a ela, todos os espaços que abri em mim para que pudesse me tornar sensível à realidade e começasse a pensar ao meu redor e me sentisse parte daquilo que eu pesquisava. Seu comprometimento com a educação, o ensino e a história, demonstram a pessoa poética, científica e fundamentalmente histórica que ela é. Sem ela essa pesquisa não seria possível, pois seu empenho em nos colocar leituras que nos confrontam, tiram da zona de conforto, indagam, reformulam e mexem com nossas certezas, nos estimula a buscar novos olhares, autores, textos escritos fora da historiografia eurocêntrica e colonizadora.

Além disso, a essência dos pensamentos benjaminianos que propiciaram abarcar com sensibilidade e acolhimento das memórias e as experiências que compartilhamos conjuntamente durante os mosaicos. Sobre a concepção de tempo e da importância da narrativa, estabeleci um diálogo entre Paul Ricoeur e novamente com Benjamin, para que assim, pudesse localizar a importância do falar e do narrar-se na experiência para a constituição e formação do sujeito.

Outra preocupação foi dialogar com áreas de saberes distintos como filosofia, educação e sociologia, para sustentar um arco maior de respaldos teóricos que ajudaram a fundamentar as intencionalidades deste trabalho. O grande orientador de meus pensamentos foi Walter Benjamin, que conseguiu perceber e traduzir a modernidade e trazer alternativas para a vida da rememoração.

Os interlocutores de Benjamin, a professora Maria Carolina Galzerani e Jeanne Marie Gagnebin ofereceram-me suporte aos pensamentos fragmentados, metafísicos e abstratos de Walter Benjamin. Além disso, cientistas sociais como Richard Sennett e George Simmel, para

a interpretação da conjuntura moderna que nos cerca, contribuíram para compreender o comportamento humano nas suas relações sociais e os ambientes em que se constituem o cotidiano do ser moderno.

Sobre a importância das mônadas, atribuo principalmente, a necessidade que temos de construir novas formas de abordagem de pesquisa enveredando pela subjetividade entrecruzada com a racionalidade, trazendo o sujeito como produtor de conhecimentos histórico-educacionais. É um modo “outro” de produzir conhecimento e que pede atenção aos detalhes, daquilo que nos aparece como um lampejo e logo em seguida, desaparece e é na sua captura que conseguimos um fragmento que muitas vezes nos passam despercebidos.

Assim, os conhecimentos estão interligados de maneira dialógica, conseguimos tecer um diálogo entre conhecimento de vida atrelado ao saber “científico”.

Foi possível através das nossas lembranças, intercambiamos racionalidades, sensibilidade, subjetividades e a arte como experiência estética. Ousamos nos perder entre poesias, narrativas fictícias e pinturas, todos eles repletos de sentidos e significados. E a partir dessas experiências, outros saberes contribuíram para outros sentidos de se narrar a história pandêmica.

Através da construção dos mosaicos foi possível buscar na arte e na literatura possibilidades alegóricas. Compartilho alguns fragmentos que as professoras lembram no sobre o processo formativo coletivo:

Durante os encontros me senti acolhida pelas outras professoras, construímos laços, além de discutir sobre o covid-19, encontramos espaço para falar de experiências pessoais e como nos sentimos.
Professora Maia

O grupo deveria continuar. Nossas conversas, principalmente sobre política, me motivaram a falar sobre a minha realidade e da escola em que trabalho. Em todos os encontros, buscava descrever e relatar todos os problemas que existiam no meu dia a dia, enquanto professora.
Professora Rosalina

Eu tenho muitas ressalvas sobre aquilo que não é popular, para todos. Eu já recusei alguns convites para participar de grupos de formação. Mas quando você e a professora Cynthia apresentaram a proposta, eu vi que a coisa ali era séria. Teve vários momentos que revivi livros que eu já havia lido durante a vida. Gostaria que continuássemos nossos encontros.
Professora Flor de Lua

*Já participei de alguns cursos de formação, ofertada pelo Estado, para os professores da escola, onde nos entregam um conteúdo pronto e um questionário com perguntas objetivas. Entrávamos apenas para escutar a palestra e quase não tínhamos espaço para levantar questões, imagina para nos expressarmos. O que eu mais gostei nesse grupo de formação, foi o espaço de fala e de escuta que fomos construindo ao longo dos encontros, participando de todo o processo da nossa formação. **Sil Oliveira***

Acredito que os mosaicos podem ser lidos de maneira a repensar nossos espaços de formação, para que saímos da inércia social e de que possamos nos reconhecer em nossas produções de conhecimento histórico-educacional. Além disso, as propostas formativas, precisam aproximar do modo artesanal na produção de conhecimentos. Instigo a todos que chegaram até aqui, o atrevimento a se dispor e se desprender do objetivismo e de práticas moldadas, formatadas para que possamos nos sentir parte da história. Devemos ocupar nossos lugares de falas e de escuta nos mais diversos espaços públicos para que as ideias floresçam, sejam partilhadas e possamos nos emancipar.

Como esse trabalho não se finda, pelos caminhos da inconclusão dedico esse poema ao público e as suas histórias a serem narradas.

Meu povo, meu poema

Meu povo

E meu poema crescem juntos Como cresce no fruto

A árvore nova.

No povo meu poema Vai nascendo

Como no canavial Nasce verde o açúcar.

No povo meu poema Está maduro Como o sol

Na garganta do futuro.

Meu povo em meu poema Se reflete como a espiga Se funde em

terra fértil

Ao povo seu poema aqui Devolvo

Menos como quem canta Do que planta.

Ferreira Gullar

REFERÊNCIAS

BAITELLO, Marina. **Walter Benjamin e a pandemia por corona vírus: reinterpretando o mundo**. In: Resumindo e substituindo o mundo, 2020. Disponível em: <<lounge.obviousmag.org>>. Acesso em: 27 ago. 2022.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. 2. ed. Tradução de: Irene Aron. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2009.

_____. **Baudelaire e a modernidade**. Tradução de João Barrento. 1. ed. Belo Horizonte. Editora Autêntica, 2021.

_____. **Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura**. Obras escolhidas. Tradução de: Sérgio Paulo Rouanet. Volume 1. 1.ed. São Paulo: Editora brasiliense s.a, 1985.

_____. O narrador. In: **Obras Escolhidas**, V. I, Magia e técnica, arte e política. Tradução de S. P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 197-222.

_____. Experiência e Pobreza. In: **Obras Escolhidas**, V. I. Magia e técnica, arte e política. Tradução de S. P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 114-120.

_____. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: **Obras Escolhidas**, V. I. Magia e técnica, arte e política. Tradução de S. P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985 p. 165-197

_____. **Diário de Moscou**. Tradução de Hildegard Herbold. São Paulo: Companhia das Letras, 1980.

_____. **O Capitalismo como religião**. Tradução de Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2013.

_____. Escritos sobre mito e linguagem. Tradução: Susana Kampff e Ernani Chaves. São Paulo: Editora 34, 2021.

CUNHA, Nara Rubia de Carvalho. Uma flanêur por Ouro Preto: experiência de formação docente inspirada em Walter Benjamin. In: Elison Antônio Paim, Giovanna Santana, Maria Silvia Duarte Hadler (org). **Conhecimentos histórico-educacionais: diálogos com Walter Benjamin**. São Paulo: Pimenta Cultura, 2023, p. 277-309.

FRANÇA Cyntia Simioni. **O Canto da Odisseia e as Narrativas Docentes: dois mundos que dialogam na produção de conhecimento histórico-educacional**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 2015.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Limiar, aura e rememoração: ensaios sobre Walter Benjamin**. 1º ed. São Paulo: Editora 34, 2014.

GALZERANI, M. C. B. Memória, História e (re)invenção educacional: uma tessitura coletiva na escola pública. In: Maria Cristina Menezes. (Org.). **Educação, Memória, História: possibilidades, leituras**. 01ed.Campinas: Mercado das Letras, 2004, v. 01, p. 287-330

_____. Memória, tempo e história: perspectivas teórico-metodológicas para a pesquisa em ensino de história. In: **Cadernos CEOM**, n.28. Chapecó- SC: Unhochapecó, 2008b.

_____. Imagens que lampejam: contribuições de Walter Benjamin para a produção de conhecimentos históricos. In: Adriana Carvalho Koyama, José Claudio Galzerani, Guilherme do Val Toledo Prado (org). **Imagens que lampejam: ensaios sobre a memória, história e educação das sensibilidades**. São Paulo: FE- UNICAMP, 2021, p. 176-190. .

FRISCH, Michael. A história pública não é uma via de mão única ou de A Shared Authority à cozinha digital, e vice-versa. In.: MAUAD, Ana Maria, ALMEIDA, Juniele Rabêlo de. SANTHIAGO, Ricardo (Orgs.). **História pública no Brasil – sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 57-71.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. Imagens que lampejam: Contribuições de Walter Benjamin para a produção de conhecimentos históricos. **Revista Encuentro de Saberes**. Luchas populares, resistências Y educación, Buenos Aires- Argentina, v. 1, n. 2, p. 53-57, 2013. Disponível em: <http://beu.extension.unicen.edu.ar/xmlui/bitstream/handle/123456789/177/2.%20Revista%20Encuentro%20de%20Saberes.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 01 de março, 2023.

LARROSA, Jorge Bondia. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Edº 19. Campinas/SP. **Revista Brasileira de Educação**, 2002, p. 20-28.

MATOS, Olgária. **Benjaminianas: cultura capitalista e fetichismo contemporâneo**. 1. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

PAIM, Alison Antonio. **Memórias e experiências do fazer-se professor**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 2005.

PAIM, E. A. . **Para além do formar professores, dialogar com as experiências vividas**. PAGINA DO SALTO PARA O FUTURO-PROGRMA 5- ESPAÇOS EDUCATIVOS NÃO- FORMAIS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES, v. 1, p. 1-8, 2006.

PRIORI, A., et al. História do Paraná: séculos XIX e XX [online]. Maringá: Eduem, 2012. A história do Oeste Paranaense. pp. 75-89. ISBN 978-85-7628-587-8. Available from SciELO Books.

PROUST, Marcel. **Em Busca do Tempo Perdido**. Volume 1. Tradução de Fernando Py. No Caminho de Swann. São Paulo: Globo, 2006.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. 1.ed. São Paulo: Editora UNICAMP, 2018.

_____. **O si-mesmo como outro**. 1. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

ROSA, Maria Inês Petrucci, RAMOS, Tacita Ansanello, CORRÊA, Bianca Rodrigues e ALMEIDA JUNIOR, Admir Soares de. **Narrativas e Mônadas: potencialidades para uma outra compreensão**

do currículo. Currículo sem Fronteiras, v.11, n.1, pp.198-217, Jan/Jun 2011.

SANTHIAGO, Ricardo. A História Pública que queremos. **Epígrafe**, São Paulo, vº 8, nº 8, p. 283-321, 2020.

SEIXAS, Jacy Alves. Percursos de memória em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia (org.). **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Editorada Unicamp, 2004.

SIMMEL, George. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio. **O fenômeno urbano**. Zahar editores, 1973. p. 11-25.

THOMPSON, E. P. **Os românticos**: A Inglaterra na era revolucionária. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2002

APÊNDICE 1

01º MOSAICO

Um convite a releitura da obra de arte



Obra de arte: “Cisnes refletindo elefantes” do pintor Salvador Dalí Fonte: <https://arteeartistas.com.br/cisnes-refletindo-elefantes-salvador-dali/>

Prezados (as) professores (as), convido a uma releitura da obra de arte “Cisnes refletindo elefantes” do pintor Salvador Dalí” no diálogo com as suas experiências vividas na pandemia.

A seguir, convido a leitura do fragmento “**Escavando e recordando**” de Walter Benjamin sobre a importância da memória.

Rua de Mão única – Walter Benjamin

“A língua tem indicado inequivocamente que a memória não é um instrumento para a exploração do passado; é, antes, o meio. É o meio onde se deu a vivência, assim como o solo é o meio no qual as antigas cidades estão soterradas. Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. Antes de tudo, não deve temer

voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo. Pois “fatos” nada são além de camadas que apenas à exploração mais cuidadosa entregam aquilo que recompensa a escavação. Ou seja, as imagens que, desprendidas de todas as conexões mais primitivas, ficam como preciosidades nos sóbrios aposentos de nosso entendimento tardio, igual a torsos na galeria do colecionador. E certamente é útil avançar em escavações segundo planos. Mas é igualmente indispensável a enxadada cautelosa e tateante na terra escura. E se ilude, privando-se do melhor, quem só faz o inventário dos achados e não sabe assinalar no terreno de hoje o lugar no qual é conservado o velho. Assim, verdadeiras lembranças devem proceder informativamente muito menos do que indicar o lugar exato onde o investigador se apoderou delas. A rigor, épica e rapsodicamente, uma verdadeira lembrança deve, portanto, ao mesmo tempo, fornece uma imagem daquele que se lembra, assim como um bom relatório arqueológico deve não apenas indicar as camadas das quais se originam seus achados, mas também, antes de tudo, aquelas outras que foram atravessadas anteriormente.”. (BENJAMIN, 1985, p. 239-240)

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas: Rua de mão única. 2ªed. São Paulo: Editora: Brasiliense. p. 239-240.

PARADA DE REFLEXÃO

Queridas professoras, após o diálogo com a obra de arte e o fragmento de memória, gostaria que considerasse o ato de rememorar na produção de conhecimento histórico como possibilidade de compartilhamento e retomada de laços sociais que são construídos através do processo de troca de experiências entre indivíduos e produza uma narrativa escrita contando a sua história de vida, com o intuito de se apresentar para o grupo, trazendo traços que você considere intrínsecos para quem deseja te conhecer.

Para ajudá-la na rememoração traga um objeto, fotografia, livro, cartas e outras possibilidades que possa relacionar com a sua história de vida.

ORIENTAÇÃO:

A narrativa da sua experiência de vida poderá ou não estar relacionada com a sua atividade docente. Vamos compartilhar a história de vida em nosso próximo encontro?

Abraço apertado!

Carolina

Leitura complementar

Vamos passear por algumas passagens literárias...

Dom Casmurro (excertos):

“(...) enfim, agora como outrora, há aqui o mesmo contraste da vida interior, que é pacata, com o exterior, que é ruidosa.

O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá: um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas falta eu mesmo e esta lacuna é tudo. O que aqui esta é, mal comparando, semelhante à pintura que se põe na barba e nos cabelos e que apenas conserva o hálito externo, como se diz nas autópsias; o inferno não aguenta tinta. Uma certidão que me desses vinte anos de idade poderia enganar os estranhos, como todos os documentos falsos, mas não a mim. Os amigos que me restam são da data recente; todos os amigos foram estudar a geologia dos campos-santos. Quanto às amigas, algumas datam de quinze anos, outras de menos e quase todas creem na mocidade. Duas ou três fariam crer nelas aos outros, mas a língua que falam obriga muitas vezes a consultar os dicionários e tal frequência é cansativa.

Entretanto, vida diferente não quer dizer vida pior; é outra coisa. A certos respeitos, aquela vida antiga aparece-me despida de muitos encantos que lhe achei; mas é também exato que perdeu muito espinho que a fez molesta e, da memória, conservo alguma recordação doce e feiticeira. Em verdade, pouco apareço e menos falo. Distrações raras. O mais do tempo é gasto em hortar, jardinar e ler; como bem e não durmo mal.

Ora, como tudo cansa, esta monotonia acabou por exaurir-me também. Quis várias e lembrou-me escrever um livro. Jurisprudência, filosofia e política acudiram-se, mas não me acudiram as forças necessárias. Depois, pensei em fazer uma História dos Subúrbios, menos seca que as memórias de Padre Luís Gonçalves dos Santos, relativas à cidade; era obra modesta mas exigia documentos e datas, como preliminares, tudo árido e longo. Foi então que os bustos pintados nas paredes entraram a falar-me e a dizer-me que, uma vez que eles não alcançavam reconstituir-me os tempos idos, pegasse da pena e contasse alguns. Talvez a narração me desse a ilusão e as sombras viessem perpassar ligeiras, como ao poeta, não o do trem, mas o do Fausto: aí vindes outra vez, inquietas sombras...

Fiquei tão alegre com esta ideia que ainda agora me treme a pena na mão. Sim, Nero, Augusto, Massinista e tu, Grande César, que me incitas a fazer os meus comentários, agradeço-vos o conselho e vou deitar ao papel as reminiscências que me vierem vindo. Deste modo, viverei o que vivi e assentarei a mão para alguma obra de maior tomo. Eia, comecemos a evocação por uma célebre tarde de novembro, que nunca me esqueceu. Tive outras muitas, melhores, e piores, mas aquela nunca se me apagou do espírito. É o que vai entender, lendo.”. (p. 4-5). Fonte: (ASSIS, Machado. Dom Casmurro. 1º ed. Santa Catarina: Editora Avenida, 2012. p. 3- 5).

Conto da Aia (Excertos)

1º trecho: “A noite é minha, meu próprio tempo, para eu fazer o que quiser, desde que fique quieta. Desde que não me mexa. Desde que fiquei deitada quieta. A diferença entre o deitar e o ir para a cama. Ser levada para a cama é sempre passivo. Mesmo os homens costumavam dizer: Bem que eu queria ir para a cama. Embora às vezes também dissessem: Bem que gostaria de ir para a cama com ela. Tudo isso é pura especulação. Não sei ao certo o que os homens costumavam dizer. Sei apenas o que eles dizem que diziam.

Fico deitada, então, dentro do quarto, embaixo do olho de gesso no teto, atrás das cortinas brancas, entre os lençóis, asseada como eles, e entro em um paralelo fora de meu próprio tempo. Sem tempo. Embora isso seja tempo, e eu não esteja nem com falta nem fora dele.

Mas a noite é meu tempo livre. Aonde devo ir? (p.49).

2º Trecho:

“Gostaria de acreditar que isso é uma história que estou contando. Preciso acreditar nisso. Tenho que acreditar nisso. Aquelas que conseguem acreditar que essas histórias são apenas histórias têm chances melhores.

Se for uma história que estou contando, então tenho controle sobre o final. Então haverá um final, para história, e a vida real virá depois dele. Poderei recomeçar onde interrompi.

Isso não é uma história que estou contando.

É também uma história que estou contando, em minha cabeça, à medida que avanço.

Conto, em vez de escrever, porque não tenho nada com que escrever e, de todo modo, escrever é proibido. Mas se for uma história, mesmo em minha cabeça, devo estar contando-a para alguém. Você não conta uma história apenas para si mesma. Sempre existe alguma outra pessoa.

Mesmo quando não há ninguém.

Uma história é como uma carta. Caro *Você*, direi. Apenas você, sem nome. Acrescentar um nome acrescenta você ao mundo real, que é mais arriscado, mais perigoso: quem sabe quais serão as probabilidades lá fora de sobrevivência? Eu direi você, você como uma velha canção de amor. *Você* pode ser mais de uma pessoa.

Você pode significar milhares.

Não estou correndo nenhum perigo imediato, direi a você. Fingirei que você pode me ouvir.

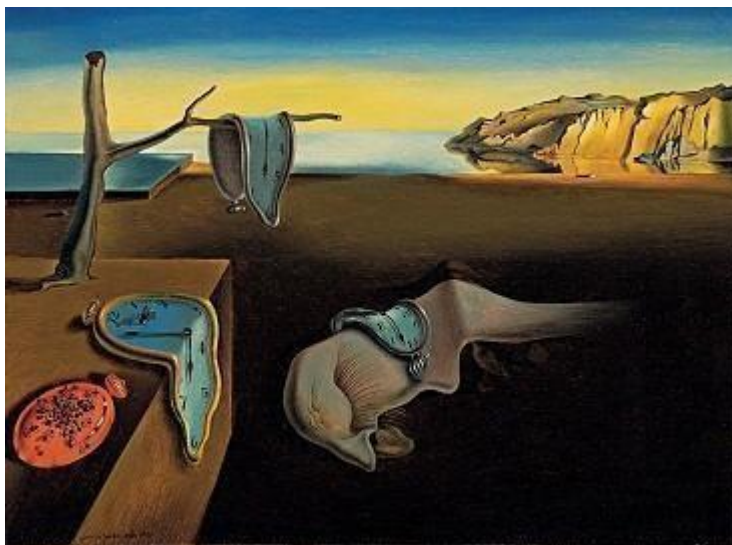
Mas não adianta, porque sei que não pode.”. (p.52).

(Fonte: ATWOOD, Margareth. O conto da aia. 1º ed. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2017. p. 39-42).

APÊNDICE 2

2ª MOSAICO

Um convite a releitura da obra de arte



Obra de arte: “A persistência da memória” do pintor Salvador Dalí

Fonte: <https://g.co/kgs/61uo2E>

Prezadas professoras, convido a uma releitura da obra de arte “A persistência da memória” do pintor Salvador Dalí, no diálogo com as suas experiências vividas na pandemia.

Peço que construa uma narrativa escrita de como você se vê no mundo após dois anos de pandemia. Para essa partilha, gostaria que considerasse: as possíveis mudanças no seu cotidiano, devido a pandemia; algumas experiências significativas durante o período de reclusão e isolamento social; como tem sido o retorno ao convívio social.

ORIENTAÇÃO:

A narrativa da sua experiência vivida poderá ou não estar relacionada com a sua atividade docente. Caso queira ampliar a reflexão, além das questões norteadoras, fico aberta a acolher a sua narrativa de modo sensível.

Vamos rememorar juntos e juntas as experiências vividas na pandemia?

Abraço apertado! Carolina

APÊNDICE 3

3ª OFICINA



Obra de arte: “Saturno devorando um filho” do pintor Francisco de Goya.

Fonte: <https://g.co/kgs/rFUQet>

Caminhos de reflexão...

A passagem do tempo é invisível em termos materiais, mas sua passagem se reflete em todos nós nas práticas cotidianas e no nosso próprio corpo. O tempo deixa suas marcas em nós. O tempo nos constitui na relação com o outro. Somos sujeitos cheios de experiências que nos fazem lidar com o mundo de maneira sempre a recorrer ao tempo passado na relação com o presente.

Queridas professoras, convido-as a uma releitura da obra de arte Obra de arte: “Saturno devorando um filho” do pintor Francisco de Goya, no diálogo com as suas experiências vividas na pandemia.

Sugiro que **produzam uma narrativa escrita** para contar como foi o tempo de trabalho na pandemia; como o tempo foi compreendido por você na pandemia; a mente e o corpo como se conectaram nesse tempo pandêmico;

Abraço! Carolina

Leitura complementar: O que a literatura pode nos ajudar nessa discussão...**O velho e o mar – Ernest Hemingway:**

“Já agora, velho Santhiago, você está ficando com a cabeça muito confusa. Você precisa conservar-se lúcido. Conservar-se lúcido e aprenda a sofrer como um homem. Ou como um peixe.

- Desperte, cabeça – disse numa voz que mal se podia ouvir. – Desperte. O peixe descreveu mais dois círculos e tornou a suceder a mesma coisa.

“Eu não sei”, pensou o pescador. Das suas vezes o velho sentira-se quase desmaiando. “Eu não sei. Mas tentarei mais uma vez.”

Tentou mais uma vez e, quando conseguiu virar o peixe de lado, sentiu-se de novo quase desmaiando. O peixe endireitou-se e afastou-se lentamente, com a grande cauda batendo no ar. “Tentarei mais uma vez”, prometeu o velho, embora tivesse as mãos ensanguentadas e só pudesse ver bem por instantes.

Tentou outras vez e sucedeu exatamente o mesmo. “Assim”, pensou ele, e sentiu-se desmaiando mesmo antes de recomeçar a puxar. “Vou tentar outra vez.”

Esqueceu a dor e reuniu as poucas forças que lhe restavam, apelando para o seu orgulho, que já o deixara havia horas. Pôs toda a sua alma no puxão e na agonia do peixe, que veio para junto do barco, nadando suavemente com o seu estoque quase tocando a madeira da embarcação, e começou a passar na água, longo, profundo, largo, prateado, com manchas púrpureas, interminável.”. (p.91-92).

Fonte: HEMINGWAY, Ernest. O velho e o mar. 103º ed. Rio de Janeiro.: Bertrand Brasil, 2021. p. 7.

APÊNDICE 4

4º MOSAICO

Um convite a releitura da obra de arte



Obra de arte: Pintor: Khariton Platonov.

Fonte: <https://images.app.goo.gl/USku138q6fvieBXRA>

Caminhos de diálogos ...

Leia os fragmentos literários de João do Rio e Walter Benjamin;

Agora convido-as a assumirem o papel do “*flâneur mourãoense*”. Walter Benjamin inspira-nos a pensar a crise de experiência que assola a modernidade capitalista, por meio da figura do *flâneur* que é o intelectual/artista que reflete sua própria situação histórica e tentar redefinir seu papel e sua atuação social sob a pena de sucumbir as demandas do sistema capitalista.

Pensando nas experiências vividas durante a pandemia, **construa uma narrativa escrita** pensando sobre os impactos da pandemia na sua vida pública (relações sociais); como percebeu habitar a cidade na pandemia (o entorno e o outro nos espaços das ruas).

Abraço carinhoso! Carolina

Vamos fazer uma *flânerie* por algumas páginas literárias e ver as ruas no diálogo com alguns escritores...

A rua

“Eu amo a rua. Esse sentimento de natureza toda íntima não vos seria revelado por mim se não julgasse, e razões não tivesse para julgar, que este amor assim absoluto e assim exagerado é partilhado por todos vós. Nós somos irmãos, nós nos sentimos parecidos e iguais; nas cidades, nas aldeias, nos povoados, não porque soframos, com a dor e os desprazeres, a lei e a polícia, mas porque nos une, nivela e agremia o amor da rua. É este mesmo o sentimento imperturbável e indissolúvel, o único que, como a própria vida, resiste às idades e às épocas. Tudo se transforma, tudo varia — o amor, o ódio, o egoísmo. Hoje é mais amargo o riso, mais dolorosa a ironia. Os séculos passam, deslizam, levando as coisas fúteis e os acontecimentos notáveis. Só persiste e fica, legado das gerações cada vez maior, o amor da rua”. (p.1)

Mariposas do luxo

Ninguém as conhece e ninguém nelas repara, a não ser um ou outro caixeiro em mal de amor ou algum pícaro sacerdote de conquistas. Elas, coitaditas! passam todos os dias a essa hora indecisa, parecem sempre pássaros assustados, tontos de luxo, inebriados de olhar. Que lhes destina no seu mistério a vida cruel? Trabalho, trabalho; a perdição, que é a mais fácil das hipóteses; a tuberculose ou o alquebramento numa ninhada de filhos. Aquela rua não as conhecerá jamais. Aquele luxo será sempre a sua quimera. São mulheres. Apanham as migalhas da feira. São as anônimas, as fulanitas do gozo, que não gozam nunca. E então, todo dia, quando céu se rocalha de ouro e já andam os relógios pelas seis horas, haveis vê-las passar, algumas loiras, outras morenas, quase todas mestiças. A idade dá-lhes a elasticidade dos gestos, o jeito bonito do andar e essa beleza passageira que chamam — do diabo. Os vestidos são pobres: saias escuras sempre as mesmas; blusa de chitinha rala. Nos dias de chuva um parágua e a indefectível pelerine. Mas essa miséria é limpa, escovada. As botas brilham, a saia não tem uma poeira, as mãos foram cuidadas. Há nos lóbulos de algumas orelhas brincos simples, fechando as blusas lavadinhas, broches “montana”, donde escorre o fio de uma chatelaine. (p.62)

2º Trecho: lhos, despir a blusa de chita — a mesma que hão de vestir amanhã...E estão tristes. São os pássaros sombrios no caminho das tentações. Morde-lhes a alma a grande vontade de possuir, de ter o esplendor que se lhes nega na polidez espelhante dos vidros. (p.63)

3º Trecho: As duas raparigas alegres encontram-se com as duas tristes defronte de uma casa de objetos de luxo, porcelanas, tapeçarias. Nas montras, com as mesmas atitudes, as estátuas de bronze, de prata, de terracota, as cerâmicas de cores mais variadas repousam entre tapetes estranhos, tapetes nunca vistos, que parecem feitos de plumas de chapéu. Que engraçado! Como deve ser bom pôr os pés na maciez daquela plumagem! As quatro trocam ideias. (p.63).

(FONTE: RIO, João. A alma encantadora das ruas. 2º ed. Rio de Janeiro: Martin Claret, 2013. p. 1; p. 63)

Rua de Mão única

“Igual a quem forma para si, a partir da casa onde mora e da cidade que habita, uma ideia de sua própria natureza e índole, eu fazia o mesmo com os animais do jardim zoológico. A começar pelos avestruzes, que se perfilavam contra um fundo de esfinges e pirâmides, até o hipopótamo, que habitava seu pagode com um mago em via de amalgamar o corpo ao do demônio, de quem é servidor, praticamente não existia animal cuja morada eu não amasse ou temesse. Entre ele, os mais estranhos eram os que, pela localização da morada, tinham algo de especial – na maioria dos casos, animais que viviam nos confins do zoológico: os setores nos quais limitava com os cafés e os sítios de exposição. Porém, de todos os habitantes dessas áreas, a lontra era o mais notável. Dos três acessos, eram-lhe mais próximo o da Ponte de Lichtenstein. De longe, o acesso menos usado e que conduzia às regiões mais desoladas do zoológico. A aléia que ia recebia o visitante, com a luminárias brancas de seus postes, se assemelhava a um passeio abandonado de Elisen ou Bad Pyrmont, e muito antes de esses lugares ficarem desertos e parecerem mais antigos que as termas, esse canto do zoológico trazia em si as feições do porvir. Era um rincão profético. Pois como há plantas que, segundo dizem, possuem o dom de nos fazer ver o futuro, também há lugares que têm esse mesmo poder. Em geral, são sítios abandonados, e também de copas de árvores acudadas contra muros, becos sem saída ou entradas de jardim, onde ninguém jamais se detém. Em tais lugares, parece ser coisa do passado tudo o que nos espera. Portanto, sempre que me perdia naquele trecho do zoológico, regalava-me com uma espiadela por sobre o parapeito do poço, que se erguia ali como se fosse no centro de um parque de águas termais. Era a jaula da lontra. Uma jaula de verdade, pois barras robustas gradeavam o parapeito do tanque, no qual morava o animal. Pequenas construções imitando grutas e rochedos orlavam, ao fundo, a parte oval do tanque. Foram concebidas como a casa do animal. Pois o animal que aqui morava era mimado, e as grutas e úmidas lhes serviam mais como templo do que como abrigo. Era o animal sagrado das águas da chuva. Mas eu não teria condições de dizer se fora formado nessas águas de despejo e na própria água do reservatório ou se apenas se alimentava de suas torrentes e filetes. Todo o tempo estava sumamente ocupado, como se sua presença nas profundezas fosse indispensável. Mas eu teria podido ficar ali, com a testa grudada àquela

grade, por dias à fio, sem me cansar de vê-lo. E com isso ele também provava seu parentesco íntimo com a chuva. Pois nunca era para mim o querido longo dia mais querido nem mais longo do que quando a chuva, com seus dentes finou ou rudes, o penteava vagarosamente, por horas e minutos. Tão dócil como uma garotinha, a lontra inclinava à risca da cabeça sob aquele pente cinzento. Então, não me cansava de olhar para ela. Esperava. Não que a chuva abrandasse. Mas sim que caísse cada vez mais torrencial. Ouvia-a tamborilar nos vidros da janela, afluir nas canaletas e cair gargarejante nas sarjetas. Naquela chuva boa, sentia-me totalmente protegido. E meu futuro vinha a meu encontro rumorejando à semelhança da cantiga de ninar entoada ao lado do berço. Facilmente percebi que aquela chuva fazia crescer. Em tais horas, atrás da janela embaçada, sentia-me como em casa da lontra. No entanto, só percebi isso, de fato, na vez seguinte em que me encontrei defronte da jaula. Então, mais uma vez, tive de esperar um longo tempo até que o corpo negro e brilhante subisse à torna e mergulhasse logo em seguida para tratar de alguns assuntos urgentes. (p. 93-95)

Fonte: BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas: Rua de mão única. 2ªed. São Paulo: Editora: Brasiliense. p. 93-95.

APÊNDICE 5

5º MOSAICO

Um convite a releitura da obra de arte



Obra de arte: Hipocrisia da fome

Fonte: <https://images.app.goo.gl/MfbnVRNVgBoLVL4LA>

Prezadas professoras, convido a uma releitura da obra de arte “Hipocrisia da fome do Luís Duro” no diálogo com as suas experiências vividas na pandemia.

Em seguida, vamos ler um fragmento da obra literária “Quarto de despejo: Diário de uma favelada” da autora Maria Carolina de Jesus.

Em “Quarto de despejo”, Maria Carolina de Jesus dá cor até para a fome, vamos perceber as infiltrações do vívido transposto e palavras que saltam para fora das folhas do diário de Maria Carolina. Vamos conhecer alguns fragmentos do diário.

1º Trecho: “15 de julho de 1955: Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo de gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar”. (p.5).

2º Trecho: “5 DE JUNHO- Mas eu já observei os nossos políticos. Para observá-los fui na Assembleia. A sucursal do Purgatório, porque a matriz é a sede do Serviço Social, no palácio do Governo. Foi lá que eu vi ranger de dentes. Vi os pobres sair chorando. E as lágrimas dos pobres comove os poetas. Não comove os poetas de salão. Mas os poetas do lixo, os idealistas

das favelas, um expectador que assiste e observa as tragédias que os políticos representam em relação ao povo.”. (p. 45)

3º Trecho: “5 de novembro: Quando Jesus disse para as mulheres de Jerusalem: — “Não Chores por mim. Choraes por vós” — suas palavras profetisava o inverno do Senhor Juscelino. Penado de agruras para o povo brasileiro. Penado que o pobre há de comer o que encontrar no lixo ou então dormir com fome. Você já viu um cão quando quer segurar a cauda com a boca e fica rodando sem pegá-la? E igual o governo do Juscelino!”. (p. 112).

4º Trecho: “15 DE MAIO Tem noite que eles improvisam uma batucada e não deixa ninguém dormir. Os vizinhos de alvenaria já tentaram com abaixo assinado retirar os favelados. Mas não conseguiram. Os vizinhos das casas de tijolos diz: —Os políticos protegem os favelados. Quem nos protege é o povo e os Vicentinos. Os políticos só aparecem aqui nas épocas eleitoraes. O senhor Cantidio Sampaio quando era vereador em 1953 passava os domingos aqui na favela. Ele era tão agradável. Tomava nosso café, bebia nas nossas xícaras. Ele nos dirigia as suas frases de viludo. Brincava com nossas crianças. Deixou boas impressões por aqui e quando candidatou-se a deputado venceu. Mas na Camara dos Deputados não criou um projeto para beneficiar o favelado. Não nos visitou mais. Eu classifico São Paulo assim: O Palacio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos.”. (p.27).

5º Trecho: “27 DE NOVEMBRO ...Eu estou contente com os meus filhos alfabetizados. Compreendem tudo. O José Carlos disse-me que vai ser um homem distinto e que eu vou trata-lo de Seu José. Já tem pretensões: quer residir em alvenaria Eu fui retirar os papelões. Ganhei 55 cruzeiros. Quando eu retornava para a favela encontrei com uma senhora que se queixava porque foi despejada pela Prefeitura.”. (p.120)

(FONTE: JESUS, Maria Carolina. Quarto de despejo: Diário de uma favelada. 10º ed. Rio de Janeiro: Ática, 2014.)

Agora vamos enveredar por algumas reflexões:

O olhar de Maria Carolina de Jesus é muito rico, principalmente ao pensar o seu entorno, mesmo, mesmo sendo perseguida pela fome e pelas misérias sociais. A autora consegue formar alegorias representativas de seus sentimentos; apresentando cores, imagens, resistências, aflições, angústias do lugar em que vive. Apesar de tratar de um cotidiano minucioso, ela consegue dar vida aquilo que conseqüentemente está agindo para mudar a sua vida.

Esse diário representa principalmente uma luta política de resistência às condições impostas de acordo com o local social que a autora ocupa.

Pensando desta forma, ao olhar para o contexto político que surge com a pandemia, podemos refletir sobre como nos reinventamos perante as políticas públicas educacionais que de certa forma não estava interessada nas dificuldades sociais dos estudantes e professores, mas

muito mais para autopromover sua imagem com decisões superficiais, que aparentavam um cuidado social, mas que não resolviam os problemas que vieram com a pandemia. No caso da educação, muitos alunos ficaram de fora por não deter condição social suficiente para acompanhar o ensino remoto e a prática de ensino teve de ser repensada para superar as dificuldades impostas.

Prezadas professoras, produza uma narrativa escrita de como você se reinventou em sua profissão de modo a superar as dificuldades do processo de ensino e aprendizagem bem como promover práticas educativas significativas em tempos de pandemia.

Abraço! Carolina

APÊNDICE 6 CONVITE

**FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES E
PARTILHAS DE EXPERIÊNCIAS VIVIDAS NA
PANDEMIA**

Mestranda: *Carolina*

LOCAL: UNESPAR - CAMPO MOURÃO

HORÁRIO: DAS 19:00 ÀS 20:15

DATAS DOS ENCONTROS

- 1º MOSAICO (05/05/2022): "O NARRAR DAS LINHAS VIVIDAS".
- 2º MOSAICO (12/05/2022): "A MATERIALIDADE DO TEMPO".
- 3º MOSAICO (19/05/2022): "TRAJETÓRIA, TRABALHO, EXPERIÊNCIA: SER NO TEMPO".
- 4º MOSAICO (26/05/2022): "A PERCEPÇÃO DO ENTORNO E A REFLEXÃO COM IMAGENS COTIDIANAS".
- 5º MOSAICO (02/06/2022): "A MISÉRIA DO OLHAR".
- 6º MOSAICO (16/06/2022): EXPOSIÇÃO FINAL

Mais informações:
e-mail: caahrolys@gmail.com
Telefone: (44) 988425430

Certificado de 40 horas ao final das atividades.



**Galatea das Esferas -
Salvador Dalí**

